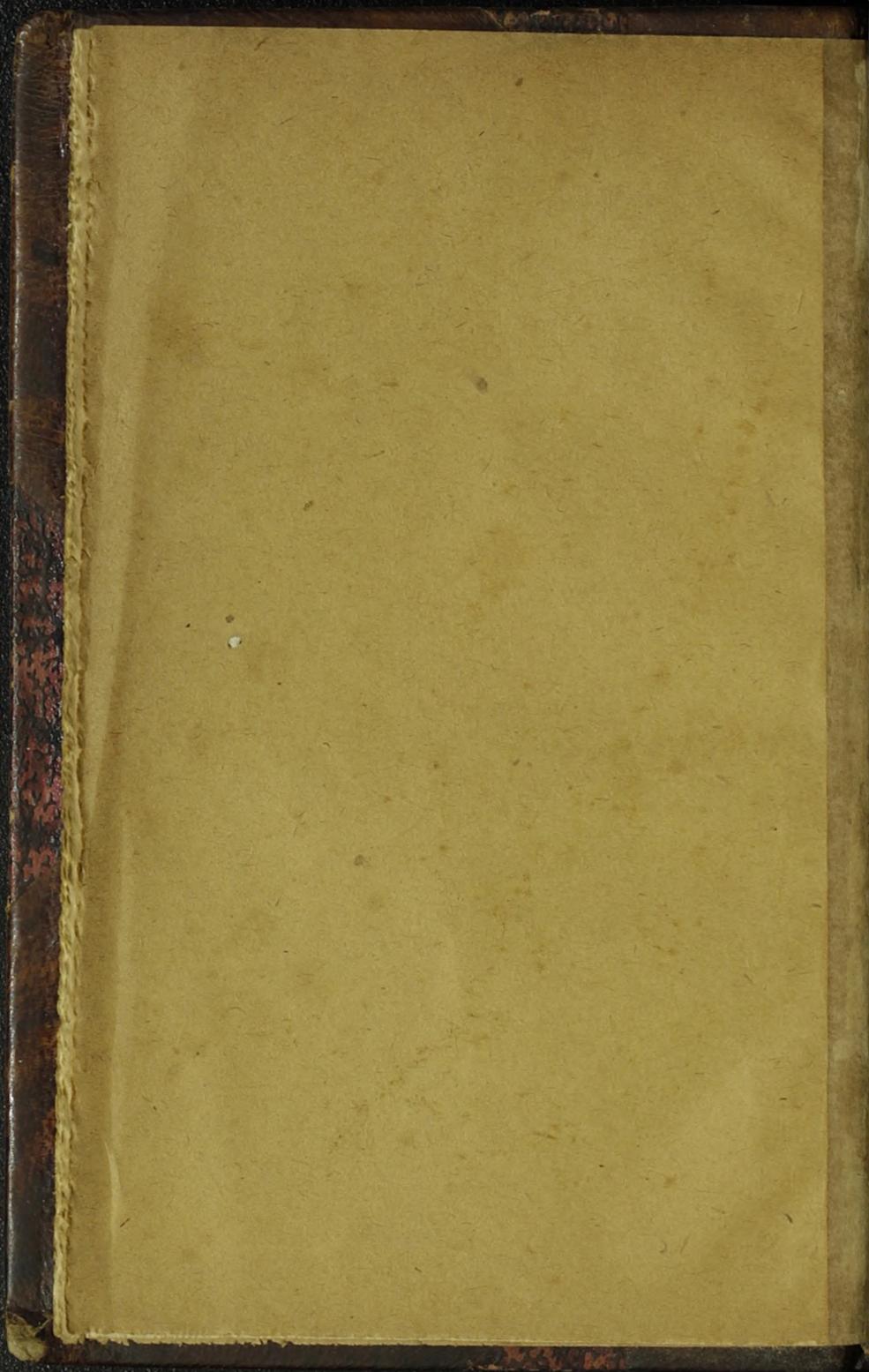


1531



JULIO RIBEIRO

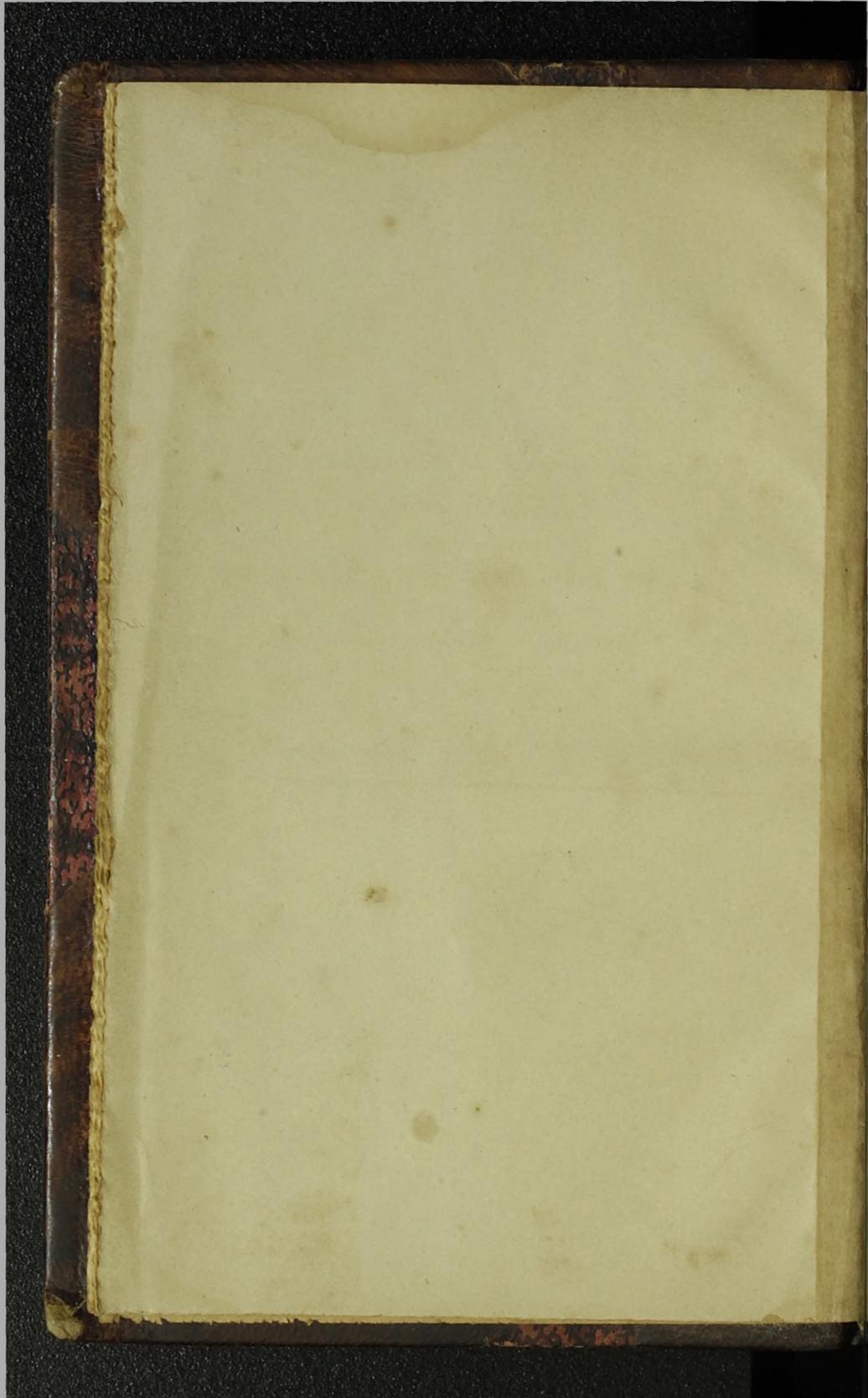
A CARNE

For ever reading, never to be read.

POPE.



S. PAULO
TEIXEIRA & IRMÃO—EDITORES
RUA DE S. BENTO 26-A
1883



AO PRINCIPE DO NATURALISMO

EMILIO ZOLA;

aos meus amigos

Luz de Mattos, M. H. de Bittencourt, J. V. de Almeida e Joaquim Elias;

ao distinto physiologo,

DR. MIRANDA AZEVEDO

O. D. C.

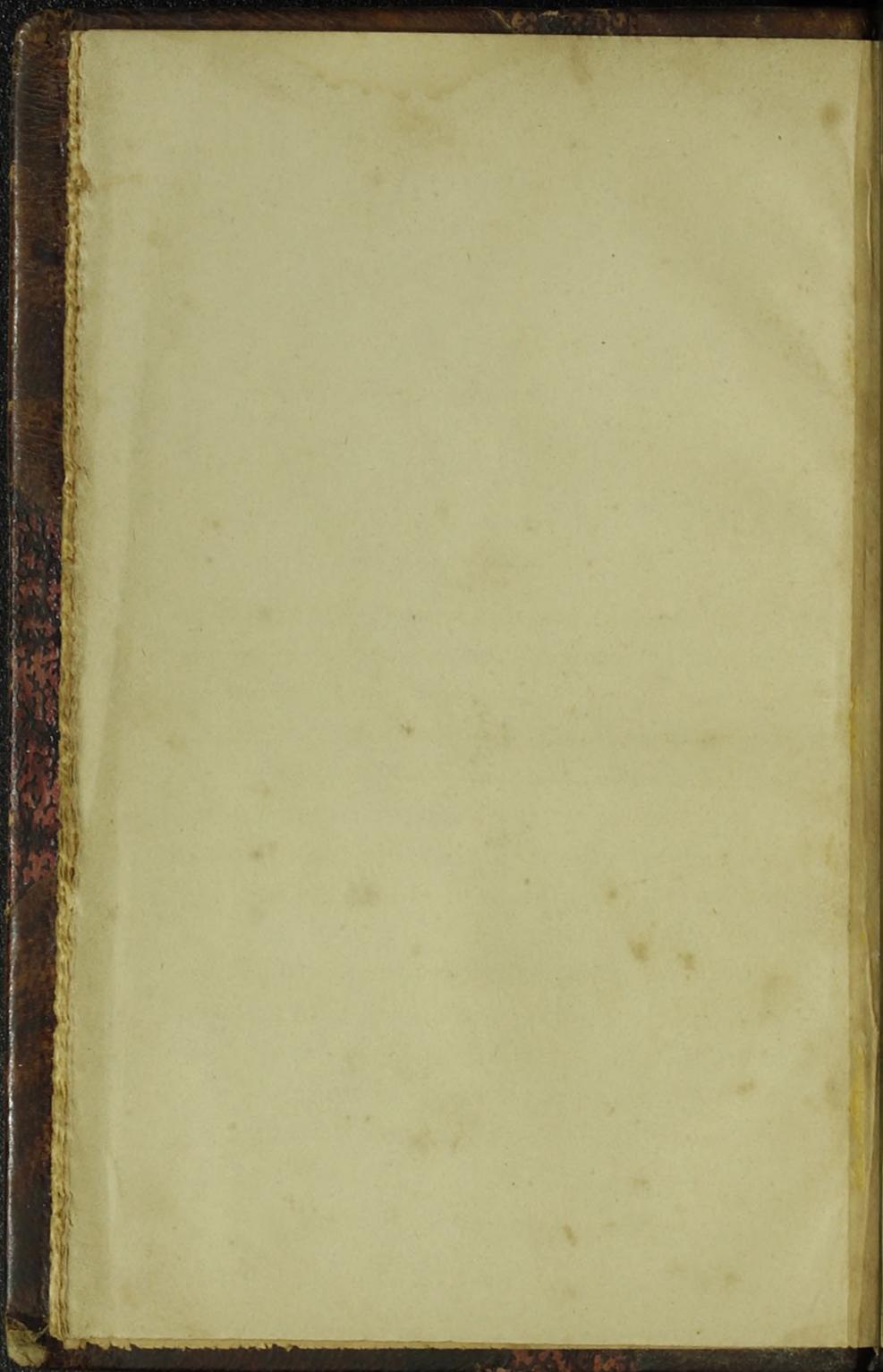
JULIO RIBEIRO.



BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES LESSA"

Tombo N.º _____

BIBLIOTECA MUNICIPAL "ORIGENES LESSA"
Lencóis Paulista - SP



À Mr. Emile Lolo

Je ne suis pas téméraire, je n'ai pas la prétention de suivre vos traces : ce n'est pas prétendre suivre vos traces que d'écrire une pauvre étude tant soit peu naturaliste. On ne vous imite pas, on vous admire.

Nous nous échauffons, dit Orïde, quand le dieu qui vit en nous s'agite¹ : eh bien ! le tout petit dieu qui vit en moi s'est agité, et j'ai écrit LA CHAIR.

Ce n'est pas L'ASSOMMOIR, ce n'est pas LA CURÉE, ce n'est pas LA TERRE ; mais, diantre ! une chandelle n'est pas le soleil, et pourtant une chandelle éclaire.

Quoiqu'il en soit voici mon labeur.

¹ Est Deus in nobis, agitante calescimus illo.

Agréerez-vous la dédicace que je vous en fais? Pourquoi pas? Les rois, quoique gorgés de richesses, ne dédaignent pas toujours les chétifs cadeaux des pauvres paysans.

Permettez que je vous fasse mon hommage complet, lige, de serviteur féal en empruntant les paroles du poète florentin:

Tu duca, tu signore, tu maestro.

St. Paul, le 25 janvier 1888.

JULES RIBÉIRO.

Os meus editores, os irmãos Teixeira

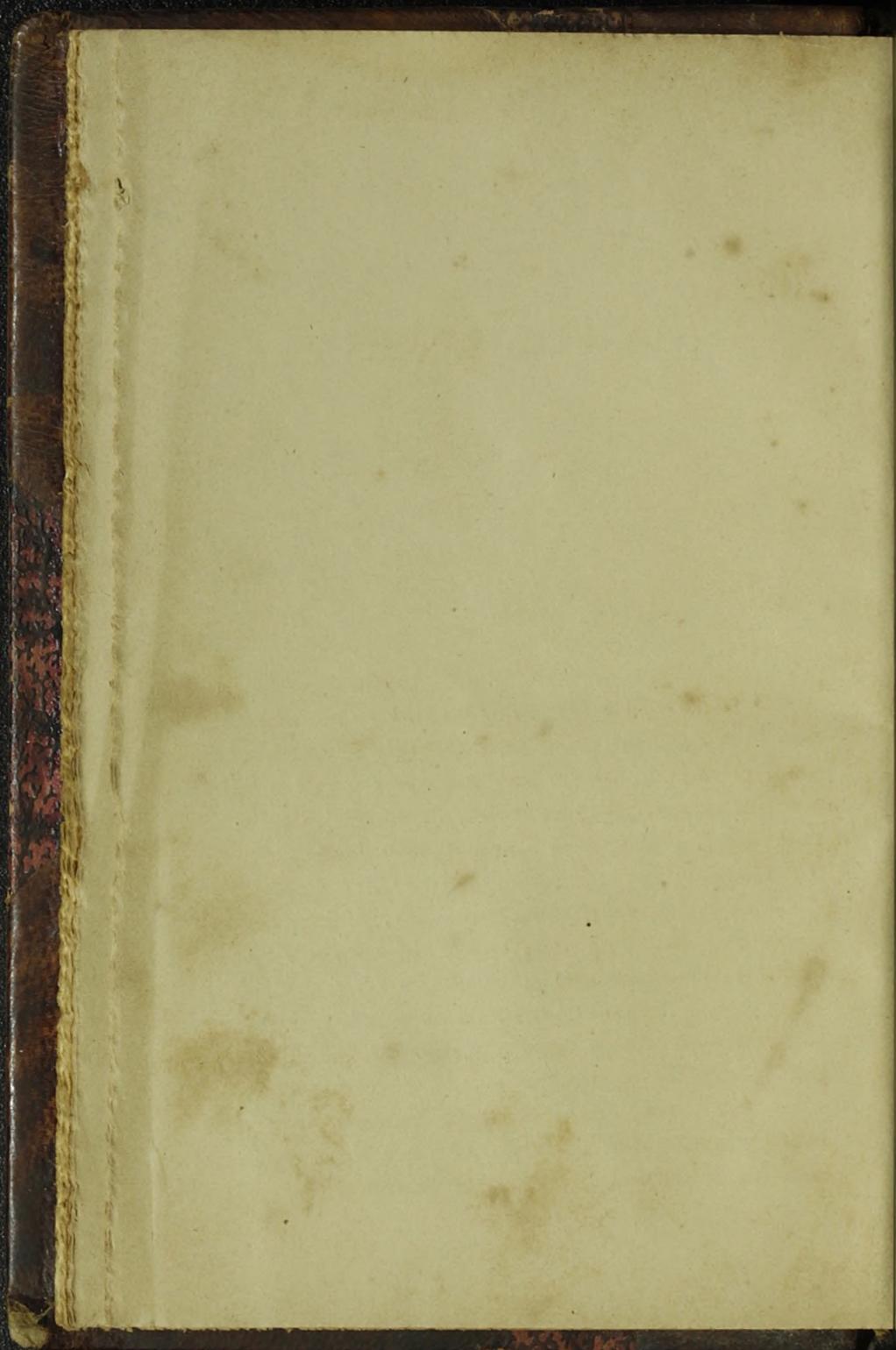
Ingratidão seria e injustiça não consignar aqui, na frente deste livro, o nome dos irmãos Teixeira, desses livreiros ousados aos quaes já tanto devem as nossas lettras.

Intelligentes, activos, emprehendedores e, sobretudo, honrados, elles abrem um exemplo raro neste paiz tão auspicioso, e todavia tão descrente: conhecendo quanto vale o labor cerebral, elles acoroçoam-n-o, levantam-n-o, remuneram-n-o.

O successo já lhes tem coroado os committimentos; móres triumphos lhes reserva o futuro.

Quando, nesta terra paulista, for a penna um instrumento de abastança, mais ainda, de riqueza, lembrem-se os homens de lettras de que foram os irmãos Teixeira os primeiros a dar cotação no mercado de S. Paulo ao trabalho litterario.

JULIO RIBEIRO.



A CARNE

I

O doutor Lopes Mattoso não foi precisamente o que se pôde chamar um homem feliz.

Aos dezoito annos de sua vida, quando apenas tinha completado o seu curso de preparatórios, perdeu pae e mãe com poucos meses de intervallo.

Ficou-lhe como tutor um amigo da familia, o coronel Barbosá, que o fez continuar com os estudos e formar-se em direito.

No dia seguinte ao da formatura, o honesto tutor passou-lhe a gerencia da avultada fortuna que lhe coubera, dizendo:

— Está rico, menino, está formado, tem um bonito futuro diante de si. Agora é tractar de casar, de ter filhos, de galgar posição. Se eu ti-

vesse filha você já tinha noiva; não tenho, procure-a você mesmo.

Lopes Mattoso não gastou muito tempo em procurar: casou-se logo com uma prima de quem sempre gostára, e juncto á qual viveu felicissimo por espaço de dous annos.

Ao começar o terceiro, morreu a esposa de parto, deixando-lhe uma filhinha.

Lopes Mattoso vergou á força do golpe, mas, como homem forte que era, não se deixou abater de vez: reergueu-se, e acceitou a nova ordem de cousas que lhe era imposta pela imparcialidade brutal da natureza.

Arranjou de modo seguro seus negocios, mudou-se para uma chácara que possuia perto da cidade, segregou-se dos amigos, e passou a repartir o tempo entre o manusear de bons livros e o cuidar da filha.

Esta, graças ás qualidades da ama que lhe foi dada, creseceu sadia e robusta, tornando-se desde logo a vida, a nota alegre do cemitario que se constituiria Lopes Mattoso.

Visitas de amigos raras tinha elle, porque mesmo não as acoroçoava: convivencia de familias não tinha nenhuma.

Leitura, escripta, grammatica, arithmetica, algebra, geometria, geographia, historia, Francez, Hespanhol, natação, equitação, gymnastica, musica, em tudo isso Lopes Mattoso exerceitou a filha, porque em tudo era perito: com ella leu

os classicos portuguezes, os auctores estrangeiros de melhor nota, e tudo quanto havia de mais selecto na litteratura do tempo.

Aos quatorze annos Helena ou Lenita, como a chamavam, era uma rapariga desenvolvida, forte, de kharacter formado e instrucção acima da vulgar.

Lopes Mattoso entendeu que era chegado o tempo de tornar a mudar de vida, e voltou para a cidade.

Lenita teve então optimos professores de linguas e de sciencias; estudou o Italiano, o Allemao, o Inglez, o Latim, o Grego; fez cursos muito completos de mathematicas, de sciencias physicas, e não se conservou extranha ás mais complexas sciencias sociologicas. Tudo lhe era facil, nenhum campo parecia fechado a seu vasto talento.

Começou a apparecer, a distinguir-se na sociedade.

E não tinha nada de pretenciosa, de *blas-bleu*: modesta, retrahida mesmo, nos bailes, nas reuniões em que não de raro se achava, ella sabia rodear-se de uma como aura de *sympathia*, escondendo com arte infinita a sua immensa superioridade.

Quando, porém, algum bacharel formado de fresco, algum *tourist* recémvindo de Paris ou de New-York queria campar de sabio, queria fazer de oraculo em sua presença, então é que era

vel-a. Com uma candura adoravelmente simulada, com um sorriso de desdenhosa bondade, ella enlaçava o pedante em uma rede de perguntas perfidas, ia-o pouco a pouco estreitando em um circulo de ferro e, por fim, com o ar mais natural do mundo, obrigava-o a contradizer-se, redusia-o ao mais vergonhoso silencio.

Os pedidos de casamento succediam-se: Lopes Mattoso consultava a filha.

— E' il-os despedindo, meu pae, respondia ella. Escusa que me consulte. Já sabe, eu não me quero casar.

— Mas, filha, olha que mais cedo ou mais tarde é preciso que o faças.

— Algum dia talvez, por enquanto não.

— Sabes que mais? estou quasi convencido de que errei e muito na tua educação: dei-te conhecimentos acima da bitola commum, e o resultado é ver-te isolada nas alturas a que te levantei. O homem fez-se para a mulher, e a mulher para o homem. O casamento é uma necessidade, já não digo social, mas physiologica. Não achas, de certo, homem algum digno de ti?

— Não é por isso, é porque ainda não sinto a tal necessidade do casamento. Si eu a sentisse casar-me-ia.

— Mesmo com um homem medioere?

— De preferencia com um homem medioere. Os grandes homens em geral não são bons maridos. Demais, si os taes senhores grandes ho-

mens escolhem quasi sempre mulher abaixo de si, porque eu que, na opinião de papae, sou mulher superior, não faria como elles, escolhendo marido que me fosse inferior?

— Sim, para teres uns filhos palermas . . .

— Os filhos puxariam por mim: a physiologia genesica ensina que a hereditariedade directa do genio e do talento é mais commum da mãe para o filho.

— E do pae para a filha, não?

— De certo, e por isso é que eu sou o que sou.

— Lisongeira!

— Lisongeiro é papae que quer á fina força que eu seja moça prodigio, e tanto tem feito que até eu já começo a acreditar. Voltando ao assumpto, sobre casamento temos conversado, não fallemos mais nisso.

E não fallaram. Lopes Mattoso ia despedindo os pretendentes com grandes affectações de magua — que a menina não queria casar, que era uma original, que elle bem a aconselhava, mas que era trabalho baldado, mil cousas emfim que suavisassem a repulsa.

Sempre no mesmo teor de vida chegou Lenita aos vinte e dous annos, quando um dia amanheceu Lopes Mattoso a queixar-se de um mal estar indescrptivel, de uma oppressão fortissima no peito. Sobreveiu um accesso de tosse, e elle morreu de repente, sem haver tempo de se

chamar um medico, sem cousa nenhuma. Mata-ra-o uma congestão pulmonar.

Lenita quasi enlouqueceu de dor: o impre-visto do successo, o vacuo subito e terrivel que se fez em torno della, a superioridade e cultura de seu espirito que refugia a consolações banaes, tudo contribuia para acendrar-lhe o soffrimento.

Dias e dias passou a infeliz moça sem sahir do quarto, recusando-se a receber visitas, tomando inconscientemente, a instancias dos famulos, algum ligeiro alimento.

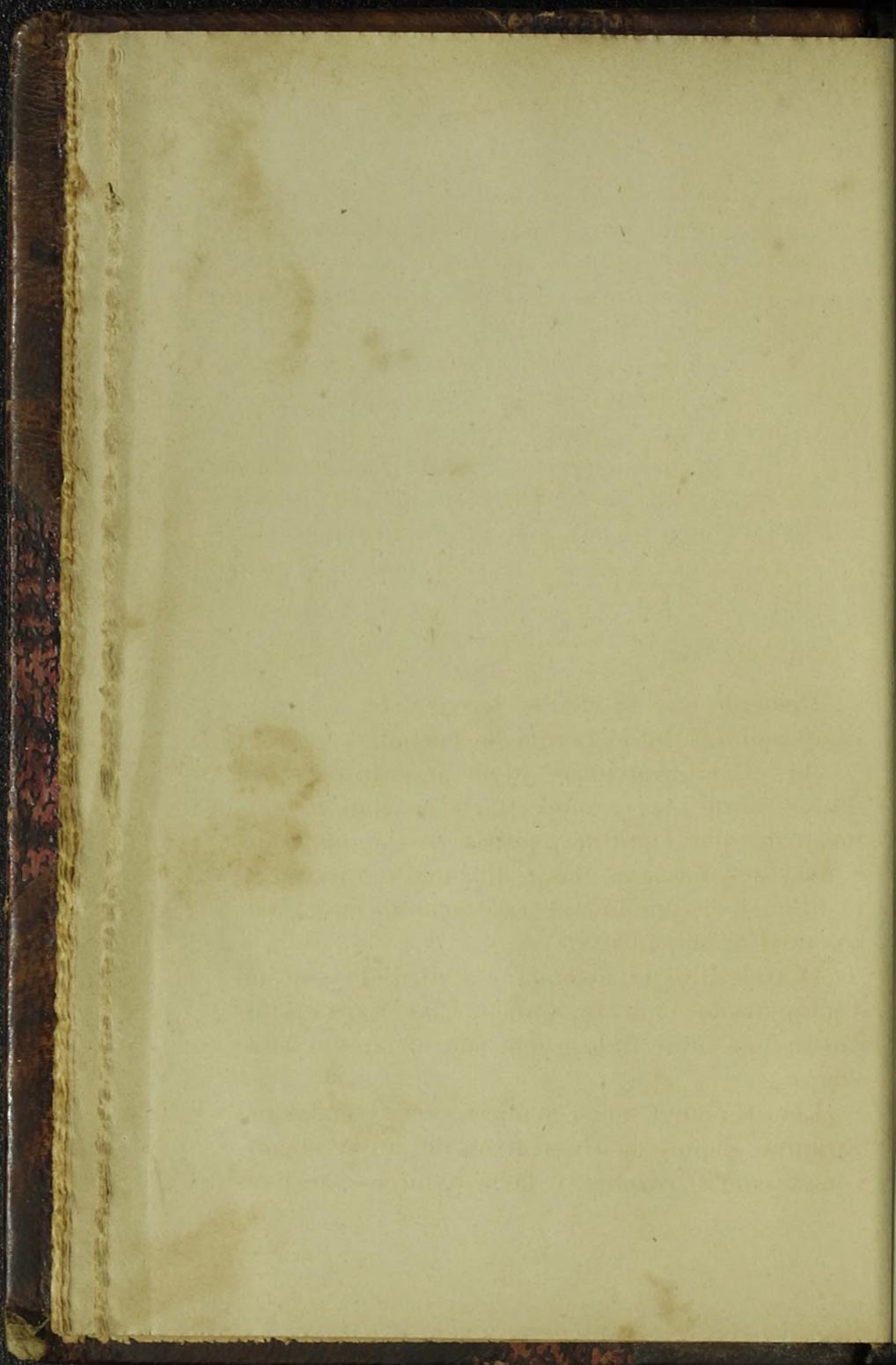
Por fim reagiu contra a dor: pallida, muito pallida nas suas roupas de luto, ella appareceu aos amigos do pae, recebeu os pezames fastidiosos do estylo, procurou por todos os meios fazer-se á vida solitaria que se lhe abria, vida tristissima, erma de affectos, povoada de lembranças dolorosas. Tractou de dar direcção conveniente aos negocios da casa, e escreveu ao coronel Barbosa, avisando-o de que se retirava temporariamente para a fazenda delle.

Os negocios da casa nenhuma difficuldade offereciam: a fortuna de Lopes Mattoso estava quasi toda em apolices e acções de estradas de ferro. Sendo Lenita, como era, filha unica, não havia inventario, não havia delonga alguma judicial.

A resposta do coronel Barbosa não se fez esperar — que fosse, que fosse quanto antes; que sua velha esposa entrevada folgára doidamente

com a noticia de ir ter juncto de si uma moça, uma companheira nova; que com elles só morava um filho unico, homem já maduro, casado, mas desde muito separado da mulher, caçador, exquisitão, mettido comsigo e com os seus livros; emfim que se não demorasse com apromptações, que atabulasse, e que marcasse o dia para elle a ir buscar.

Uma semana depois estava Lenita installada na fazenda do velho tutor de seu pae: tinha levado comsigo o seu piano, alguns bronzes artisticos, alguns *bibelots* curiosos e muitos livros.



II

Peior do que na cidade, horrivel foi a principio o isolamento de Lenita na fazenda.

A velha octogenaria, além de entrevada era muito surda. O coronel Barbosa, pouco mais moço do que a mulher, soffria de rheumatismo, e, ás vezes, passava dias e dias mettido na cama. O filho, o divorciado, estava caçando havia mezes no Paranápanema.

O trabalho da fazenda era dirigido por um administrador caboclo, homem affavel, mas ignorantissimo sobre tudo o que não dizia com a lavoura.

Lenita comia quasi sempre só na vastissima varanda: depois de almoçar ou de jantar ia conversar com o coronel, e fazia esforços incriveis

para conseguir fazer-se ouvir da velha que, resignada e risonha, augmentava com a mão tremula a concha da orelha para apanhar as palavras.

Tal entretenimento cançava a moça, e ella recolhia-se logo aos seus commodos para ler, para procurar distrahir-se.

Tomava um livro, deixava; tomava outro, deixava: era impossivel a leitura. Apertava-lhe, constringia-lhe o animo a lembrança do pae. E tudo lh'o fazia lembrar — uma passagem marcada a unha em um livro, uma folha dobrada em outro.

Sahia, ia de novo conversar, tornava a voltar, tornava a sahir, era um inferno.

A mulher do administrador, carinhosa já por indole, recebera do patrão recommendações especiaes a respeito de Lenita.

A todo o momento eram copos de leite quente, copos de garapa, café, doces, fructas.

Lenita ora recusava, ora acceitava uma ou outra cousa, indifferentemente, só por comprazer á boa da mulher.

O coronel Barbosa dera a Lenita uma sala independente, um quarto amplo com duas janelas, e uma alcova; puzera-lhe ás ordens, para seu serviço especial, uma mulatinha esperta, de alta trunfa e côr deslavada, e tambem um molecote acabocelado, risonho, de dentes muito brancos.

Lenita, por vezes, passava horas e horas á janella, contemplando as dependencias da fazenda.

Estava esta a meia encosta de um outeiro, a cuja fralda corria um ribeirão. Em frente estendia-se o grande pasto. A monotonia da verdura clara era quebrada aqui e alli pelo sombrio da folhagem basta de alguns paus d'alho, deixados propositalmente para sombra, e pelo amarello sujo das reboleiras de sapé. Ao fundo, de um lado, em córte brusco, a matta virgem, escura, accentuada, massiça quasi, confundindo em um só tom mil cores diversissimas; de outro, em collinas suaves, o verde claro alegre e uniforme dos canaviaes agitados sempre pelo vento; mais além, os cafezaes alinhados, regulares, continuos, como um tapete crespo, verde-negro; estendido pelo dorso da morraria. Em um ou outro ponto a terra roxa de pedra de ferro desnudada punha uma nota estridula de vermelho escuro, de sangue coagulado.

E sobre tudo isso azul, diaphano, puro, setinoso recurvava-se o céo em uma festa de luz branca, vivificante, mordente...

Quando se embruscava o tempo a paizagem mudava: o céo pardacento, carregado de nuvens plumbeas, como que se abaixava, como que queria afogar a terra. O revestimento verde perdia o brilho, empanava-se, amortecia em um desfallecimento humido

Lenita deu em sahir, em passear pelas cercanias, ora a pé, acompanhada pela mulata, ora a cavallo, seguida pelo rapazinho.

Mas o exercicio, a pureza do ar, a liberdade do viver da roça, nada lhe aproveitou.

Uma languidez crescente, um exgotamento de forças, uma prostração quasi completa ia-se apoderando de todo o seu ser: não lia, o piano conservava-se mudo.

Com a morte do pae parecia ter-se-lhe transformado a natureza: já não era forte, já não era viril como em outros tempos. Tinha medo de ficar só, tinha terrores subitos.

Ia para o quarto da entrevada, recostava-se em uma cadeira preguiçosa, e ali se deixava ficar quieta horas e horas, mal respondendo ás perguntas sollicitas do coronel.

Quando voltava para os seus aposentos, tomada em caminho por um pavor inexplicavel, agarrava-se tremula á mulata.

Não podia comer, tinha um fastio desolador, cortado por desejos violentos de cousas salgadas, de cousas extravagantes.

Sobrevieram-lhe salivações constantes, vomitos biliosos quasi incoerciveis.

Uma manhã não se poudo levantar.

Acudiram apressados o coronel e a mulher do administrador, abeiraram-se do leito, instando com a enferma para que tomasse um chá de herva cidreira, um remedio qualquer caseiro, enquanto

não vinha o medico que se tinha mandado chamar a toda a pressa.

Quando este chegou estava Lenita abatidissima: emaciada, livida, com os olhos afundados em uma aureola côr de bistre, comprimia o peito, estertorava suffocada. Uma como bola subia-lhe do estomago, chegava-lhe á garganta, estrangulava-a. No alto da cabeça, um pouco para a esquerda, tinha uma dor circumscripta, fixa, lancinante, atroz: era como si um prego ahi estivesse cravado.

O seu systema nervoso estava irritadissimo: o mais ligeiro ruido, o jogo de luz produzido pelo abrir da porta arrancava-lhe gritos.

O doutor Guimarães, medico já velho, de phisionomia intelligente e bondosa, aproximou-se da cama, examinou a enferma detidamente, em silencio, sem tomar-lhe o pulso, sem incommodal-a na minima cousa, baixando-se muito, com as mãos cruzadas nas costas, para ouvir-lhe a respiração, para escutar-lhe os gemidos, para attentar-lhe nas contracções da face.

— Quando começou isto, coronel? perguntou.

— Doente tem ella estado desde que aqui chegou, mas assim, ruim, é só hoje.

— Suffoco! acudam-me! gritou de repente Lenita e, revolvendo-se, escoucinhando, dilacerava a camisa com as mãos ambas, arranhava o peito. Um rubor subito, vivissimo, colorira-lhe o rosto, brilhavam-lhe os olhos de modo insolito.

— Sei o que isto é, disse o medico, tenho pela frente um conhecido velho, não me dá cuidado. Volto já.

E sahiu.

Poucos minutos depois reappareceu, trazendo uma seringuinha de Pravaz.

— Dê-me o braço, minha senhora; vou fazer-lhe uma injeção, e verá como daqui a pouco nada mais ha-de sentir.

Lenita estendeu a custo o braço, nu, e o doutor, tomando-o, poz-se a beliscal-o morosamente, demoradamente, em um logar só, na altura do *biceps*: depois, segurando a parte malaxada entre o dedo indice e o pollegar da mão esquerda, com a direita fez penetrar por baixo da pelle a agulha do instrumento e, calcando no cabo do pistão injectou todo o conteudo do tubo de vidro.

Lenita, apesar do seu estado de irritabilidade nervosa, nem pareceu sentir.

O effeito foi prompto. Dentro de pouco tempo as faces descoraram, cessaram as crispações nervosas dos membros, cerraram-se os olhos, e um suspiro de allivio entumescceu-lhe o peito.

Adormeceu.

— Deixemol-a assim, disse o medico, deixemol-a dormir, quando acordar estará boa. Todavia vou receitar: não dispenso para estes casos o meu bromureto de potassium.

E sahiram nos bicos dos pés. Juncto de Lenita ficou a mulher do administrador.

III

Realisou-se o prognostico do medico.

Lenita, após um comprido somno, acordou calma, com os nervos socegados, com os musculos distendidos, soltos.

Mas estava abatida, molle, queixava-se de peso na cabeça, de grande cançasso.

Passou dous dias na cama, e só ao terceiro poudo levantar-se.

O appetite foi voltando aos poucos, e suas refeições foram sendo tomadas com prazer, a horas regulares.

Podia-se dizer que entrara em convalescença do cataclysmo organico produzido pela morte do pae.

E Lenita sentia-se outra, femininizava-se. Não tinha mais os gostos viuis de outros tem-

pos, perdera a sede de sciencia: de entre os livros que trouxera procurava os mais sentimentaes. Releu *Paulo e Virginia*, o livro quarto da *Encida*, o septimo do *Telemakho*. A fome picaresca de *Lazarillo de Tormes* fel-a chorar.

Tinha uma vontade exquisita de dedicar-se a quem quer que fosse, de soffrer por um doente, por um invalido. Por vezes lembrou-lhe que, si casasse, teria filhos, criancinhas que dependessem de seus carinhos, de sua sollicitude, de seu leite. E achava possivel o casamento.

A imagem do pae ia-se esbatendo em uma penumbra de saudade que ainda era dolorosa, mas que já tinha encanto.

Passava horas e horas juncto da entrevada, conversava com o coronel, por vezes ria.

— Isto vai melhor, muito melhor, dizia o bom do homem. É pôr-se você por ahi alegre, filhinha. O mundo é assim mesmo: o que não tem remedio remediado está.

Uma tarde, achando-se só em sua sala, Lenita sentiu-se tomada de uma languidez deliciosa, sentou-se na rede, fechou os olhos e entregou-se á modorra branda que produzia o balanço.

Em frente, sobre um consolo, entre outros bronzes que trouxera, estava uma das reduções celebres de Barbedienne, a da estatua de Agassias, conhecida pelo nome de *Gladiador Borghese*.

Um raio mortiço de sol poente, entrando por uma frincha de janella, dava de chapa na estatua, afogueava-a, como que fazia correr sangue e vida no bronze mate.

Lenita abriu os olhos. Attrahiu-lhe as vistas o brilho suave do metal ferido pela luz.

Ergueu-se, acercou-se da mesa, fitou com attenção a estatua: aquelles braços, aquellas pernas, aquelles musculos resaltantes, aquelles tendões retezados, aquella virilidade, aquella robustez, impressionaram-n-a de modo extranho.

Desenas de vezes tinha ella estudado e admirado esse primor anatomico em todas as suas minudencias cruas, em todos os nadas que constituem a perfeição artistica, e nunca experimentára o que então experimentava.

A cerviz taurina, os biceps encaroçados, o thorax largo, o pelvis estreito, os pontos retrahidos das inserções musculares da estatua, tudo parecia corresponder a um idéial plastico que lhe vivera sempre latente no intellecto, e que despertava naquelle momento, revelando brutalmente a sua presença.

Lenita não se podia arredar, estava presa, estava fascinada.

Sentia-se fraca e orgulhava-se de sua fraqueza. Atormentava-a um desejo de cousas desconhecidas, indefinido, vago, mas imperioso, mordente. Antolhava-se-lhe que havia de ter goso infinito si toda a força do gladiador se

desencadeasse contra ella, pisando-a, machucando-a, triturando-a, fazendo-a pedaços.

E tinha impetos de comer de beijos as fórmas masculinas, estereotypadas no bronze. Queria abraçar-se, queria fundir-se com ellas.

De repente córou até á raiz dos cabellos.

Em um momento, por uma como intuscepção subita, aprendera mais sobre si propria do que em todos os seus longos estudos de physiologia. Conhecera que ella, a mulher superior, apesar de sua poderosa mentalidade, com toda a sua sciencia, não passava na especie de uma simples fêmea, e que o que sentia era o desejo, era a necessidade organica do macho.

Invadiu-a um desalento immenso, um nojo invencivel de si propria.

Robustecer o intellecto desde o desabrochar da razão, perscrutar com paciencia, aturadamente, de dia, de noute, a todas as horas, quasi todos os departamentos do saber humano, habituar o cerebro a demorar-se sem fadiga na analyse subtil dos mais abstrusos problemas da mathematica transcendental, e cahir de repente, como os arkhanjos de Milton, do alto do céu no lodo da terra, sentir-se ferida pelo aguilhão da CARNE, espolinhar-se nas concupiscencias do cio, como uma negra boçal, como uma cabra, como um animal qualquer... era a suprema humilhação.

Fez um esforço enorme, arrancou-se do fei-

tiço que a dementava, e, vacillante, encostando-se aos moveis e ás paredes, recolheu-se ao seu quarto, fechou com difficuldade as janellas, atirou-se vestida sobre a cama.

Jazeu immovel largo espaço.

Uma humidade morna, que se lhe ia extendendo por entre as coxas, fel-a erguer-se de subito, em reacção violenta contra a modorra que a prostrára.

Com movimentos sacudidos, nervosos, atirou o chale, desabotoou rapida o corpete, arrebentou os coses da saia preta e das anaguas, ficou em camisa.

Uma larga mancha vermelha, rutila, viva, maculava a alvura da cambraia.

Era a onda catamenial, o fluxo sanguineo da fecundidade que reçumava de seus flancos robustos como da uva esmagada jorra o mosto ru-bejante.

Mais de cem vezes já a natureza se tinha assim nella manifestado, e nunca lhe causára o que ella então estava sentindo.

Quando aos quatorze annos, após um dia de quebramento e cançasso, se mostrára o phenomeno pela vez primeira, ella ficára louca de terror, acreditára-se ferida de morte, e, com a impudicia da innocencia, correrá em gritos para o pae, contára-lhe tudo.

Lopes Mattoso procurára socegal-a — que não era nada; que isso se dava com todas as

múlheres; que evitasse molhadellas, sol, sereno; que dentro de tres dias, ou de cinco ao mais tardar, havia de estar boa, que se não assustasse da repetição todos os mezes.

Com o tempo os livros de physiologia acabaram de a edificar: em Küss aprendera que a menstruação é uma muda epithelial do utero, conjuncta por sympathia com a ovulação, e que o terrorífico e calumniado corrimento é apenas uma consequencia natural dessa muda.

Resignára-se, afizera-se a mais essa imposição do organismo, assim como já estava afeita a outras. Sómente, para estudo de si propria, começára de marcar, com estigmas de lapis vermelho, em kalendariosinhos de algibeira as datas dos apparecimentos.

Anoiteceu.

A mulata a veiu chamar para a ceia. Encontrou-a deitada, encolhida, aconchegando-se nas roupas.

Perguntou-lhe si estava doente: ao saber que effectivamente o estava, sahiu, avisou o senhor, trouxe as suas cobertas e travesseiros, arranjou uma cama no tapete, ao pé do leito, quedou-se sollicita para o que fosse preciso.

O coronel, cheio de cuidados, veiu á porta do quarto interrogar a Lenita.

—Que não era nada, respondeu ella, que aquillo não passava de uma indisposição sem consequencias, que havia de acordar boa no dia seguinte.

— Menina, você sabe que agora seu pae sou eu. Si precisar de alguma cousa, franquezinha, mande-me chamar a qualquer hora, não recceie me incomodar. A pobre da velha lá está afflicta, amaldiçoando o tolhimento que a faz não prestar para nada. Não quererá você um chá de salva, um pouco de vinho quente?

— Obrigada, não quero cousa nenhuma.

— Bem, bem, já a deixo em paz. Até ámanhã. Procure dormir.

E sahiu.

Lenita adormeceu. A principio foi um dormir interrompido, irrequieto, cortado de pequenos gritos. Depois apoderou-se della um como languor, um extase que não era bem vigilia, e que não era bem somno. Sonhou ou antes viu que o gladiador avolumava-se na sua peanha, tomava estatura de homem, abaixava os braços, endireitava-se, descia, caminhava para o seu leito, parava á beira, contemplando-a detidamente, amorosamente.

E Lenita rolava com delicias no effluvio magnetico do seu olhar, como na agua deliciosa de um banho tepido.

Tremores subitos percorriam os membros da moça: seus pellos todos hispidavam-se em uma irritação mordente e lasciva, dolorosa e cheia de goso.

O gladiador estendeu o braço esquerdo, apoiou-se na cama, sentou-se a meio, ergueu

as cobertas e, sempre a fital-a, risonho, fascinador, foi-se recostando suave, até que se deitou de todo, tocando-lhe o corpo com a nudez provocadora de suas fórmãs viris.

O contacto não era o contacto frio e duro de uma estatua de bronze: era o contacto quente e macio de um homem vivo.

E a esse contacto apoderou-se de Lenita um sentimento indefinivel: era receio e desejo, temor e volupia a um tempo. Queria, mas tinha medo.

Collaram-se-lhe nos labios os labios do gladiador, seus braços fortes enlaçaram-n-a, seu amplo peito cobriu-lhe o seio delicado.

Lenita offegava em extremeções de prazer, mas de prazer incompleto, falho, torturante. Abraçando o phantasma de sua hallucinação, ella revolvia-se como uma besta fera no ardor do cio. A tonicidade nervosa, o erethismo, o orgasmo manifestava-se em tudo, no palpitar dos labios tumidos, nos bicos dos seios cupidamente retezados.

Em uma convulsão desmaiou.

IV

Lenita voltava á saude á vista de olhos.

Levantava-se cedo, tomava um copo de leite quente, dava um passeio pelo campo, almoçava com appetite, depois do almoço sentava-se ao piano, tocava com brio peças marciaes, alegres, movimentadas, de rhythmo sacudido.

Ia ao pomar, comia fructas, trepava em arvores.

Jantava, ceia, deitava-se logo depois da ceia, levava a noute de um somno.

Tornára-se garrida: mirava-se muito ao espelho, cuidava com impertinencia do alinhho do vestir, ornava os cabellos, que eram muito pretos, com flores de côr muito viva.

Abusava de perfumes: a sua roupa branca

rescendia a vetiver, a sandalo, a ixora, a *peau d'Espagne*.

Corria, saltava, fazia longas excursões a cavallo, quasi sempre a galope, estimulando o animal com o chicotinho, com o chapéo, de faces rubras, brilhantes os olhos, cabellos soltos ao vento.

Caçava.

Um dia calmoso, depois do almoço, tomou uma espingardinha Galand de que habitualmente usava, atravessou o pasto, enfiou por um carreadouro sombrio, através de um vasto tracto de matta virgem.

Seguiu distrahida, em scisma, avançou muito, foi longe.

De repente prendeu-lhe a attenção um murmurejar de aguas, doce, monotono, á esquerda.

Tinha sede, teve desejo de beber, tomou para lá, seguindo uma trilha estreita.

Parou assombrada ante o scenario magestoso que a pouca distancia se lhe adregou.

No fundo de uma barroca muito vasta erguia-se um paredão de pedra negra, musgoso, talhado a pique: por sobre elle atirava-se um jorro de agua que ia formar no thalweg da barroca um lagosinho manso, profundo, crystallino.

Escapando por sobre o açude natural que fechava a barroca pelo lado de baixo, derivava-se a agua, sonora, fugitiva.

No espelho calmo do lago reflectia-se a vegetação luxuriante que o emmoldurava.

Perovas gigantesas de fronde escura e casca rugosa; jequitibás seculares, esparramando no azul do céu a expansão verde de suas copadas alegres; figueiras brancas de raizes chatas, protraídas, a estender ao longe, horizontalmente, os galhos desconformes, como grandes membros humanos aleijados; canchins de folhas espinhentas, a distillar pelas fibras do cortex vermelho escuro um leite caustico, venenoso; guaratãs esbeltos, lisos no tronco, muito elevados; tayuvas claras; paus de alho verde-negros, viçosissimos, fetidos; guaiapás perigosos, abrolhados em aculeos lancinantes e peçonhentos; mil lianas, mil trepadeiras, mil orkhideas diversas, de flores roxas, amarellas, azues, escaurates, brancas — tudo isso se confundia em uma massa matizada, em uma orgia de verdura, em um deboche de cores cruas que excedia, que fatigava a imaginação.

O sol, dardejando feixes luminosos por entre a folhagem, mosqueava o solo pardo de reflexos verdejantes.

Insectos multicores esvoaçavam zumbindo, sussurrando. Um sorocoá bronzeado soltava de uma canelleira seu sibilo intercadente.

Uma exalação capitosa subia da terra, casava-se extranhamente á essencia subtil que se desprendia das orkhideas fragrantas: era um mixto de perfume suavissimo e de cheiro aspero

de raizes e de seiva, que relaxava os nervos, que adormecia o cerebro.

Lenita hauriu a sorvos largos esse ambiente embriagador, deixou-se vencer dos amavios da floresta.

Apoderou-se della um desejo ardente, irresistivel de banhar-se nessa agua fresca, de perturbar esse lago calmo.

Circumvolveu os olhos, perscrutou toda a roda, a ver si alguém a poderia estar espreitando.

— Tolice! pensou, o coronel não sai, o administrador e os escravos estão no serviço, no cafezal, não ha ninguem de fóra na fazenda. Demais, nem isto aqui é caminho. Estou só, absolutamente só.

Depoz a espingarda e juncto della o chapéo de palha, de abas largas que a protegia nesses passeios; começou a despir-se.

Tirou o paletózinho, o corpete espartilhado, depois a saia preta, as anaguas.

Em camisa, baixou a cabeça, levou as mãos á nuca para prender as tranças e, enquanto o fazia, remirava complacente, no cabeção alvo, os seios erguidos, duros, setinosos, betados aqui e alli de uma veiazinha azul.

E aspirava com delicias, por entre os perfumes da matta, o odor de si propria, o cheiro bom de mulher moça que se lhe exhalava do busto.

Sentou-se, cruzou as pernas, desatou os cor-

dões dos borzeguins Clark, tirou as meias, afofou carinhosamente, demoradamente, os pésinhos breves em que se estampára o tecido fino do fio de Escossia.

Ergueu-se, soltou as anaguas, retorceu-se um pouco, deixou cahir a camisa. A cambraia achou-se em dobras molles, envolvendo-lhe os pés.

Era uma formosa mulher.

Moreno-clara, alta, muito bem lançada, tinha braços e pernas roliças, musculosas, punhos e tornozellos finos, mãos e pés aristocraticamente perfeitos, terminados por unhas roseas, muito polidas. Por sob os seios rijos, protraídos, afinava-se o corpo na cintura para alargar-se em uns quadris amplos, para arredondar-se de leve em um ventre firme, ensombrado inferiormente por vello escuro abundantissimo. Os cabellos pretos com reflexos azulados cahiam em franginhas curtas sobre a testa, indo frisar-se lascivamente na nuca. O pescoço era proporcionado, forte, a cabeça pequena, os olhos negros, vivos, o nariz direito, os labios rubros, os dentes alvissimos. Na face esquerda tinha um signalzinho de nascença uma pintinha muito escura, muito redonda.

Lenita contemplava-se com amor proprio satisfeito, embevecida, louca de sua carne. Olhou-se, olhou para o lago, olhou para a selva, como reunindo tudo para formar um quadro, uma synthese.

Acocorou-se faceiramente, assentou a nadega

direita sobre o calcanhar direito, cruzou os braços sobre o joelho esquerdo erguido, lembrando, reproduzindo a posição conhecida da estatua de Salona, da *Venus Accroupie*.

Esteve, esteve assim muito tempo: de repente deu um salto, atufou-se na agua, surgiu, começou a nadar.

O lago era profundo, mas estreito. Lenita ia e vinha de uma margem para outra, do paredão ao açude, do açude ao paredão.

Passava por sob o jorro, e dava gritos de prazer e de susto ao choque duro da massa líquida sobre o seu dorso assetinado.

Virava de costas e deixava-se boiar, com as pernas extendidas, com o ventre para o céu, com os braços alargados, movendo as mãos abertas, vagarosamente, por baixo da agua.

Voltava-se e recomeçava a nadar, rapida como uma flecha.

Um calafrio avisou-a de que era tempo de sahir da agua.

Sahiu com o corpo arripiado, gelido, a tiritar. Quedou-se ao sol, em uma aberta, esperando a reacção do calor, soltando, torcendo, sacudindo os cabellos. De seu corpo desprendia-se um vaporzinho subtil, uma aura tenue, que a envolvia toda.

O calor do sol e o seu proprio calor enxugaram-n-a de prompto. Vestiu-se, espalhou pelas costas os cabellos ainda molhados, poz o cha-

péo, tomou a espingarda, e partiu para a casa, a correr, tarauteando um trecho dos *Sinos de Corneville*.

— Oh! meus peccados! gritou o coronel ao vel-a chegar, alegre, risonha, com os cabellos humidos. Pois não é esta louquinha que se foi banhar no poço do paredão! Aquillo é agua gelada . . . Com certeza pillhou um formidavel resfriamento!

— O que eu pilhei foi um formidavel appetite: hoje ao jantar hei de comer por quatro.

— O' moleque, anda, vac, traze cognac lá de dentro, depressa.

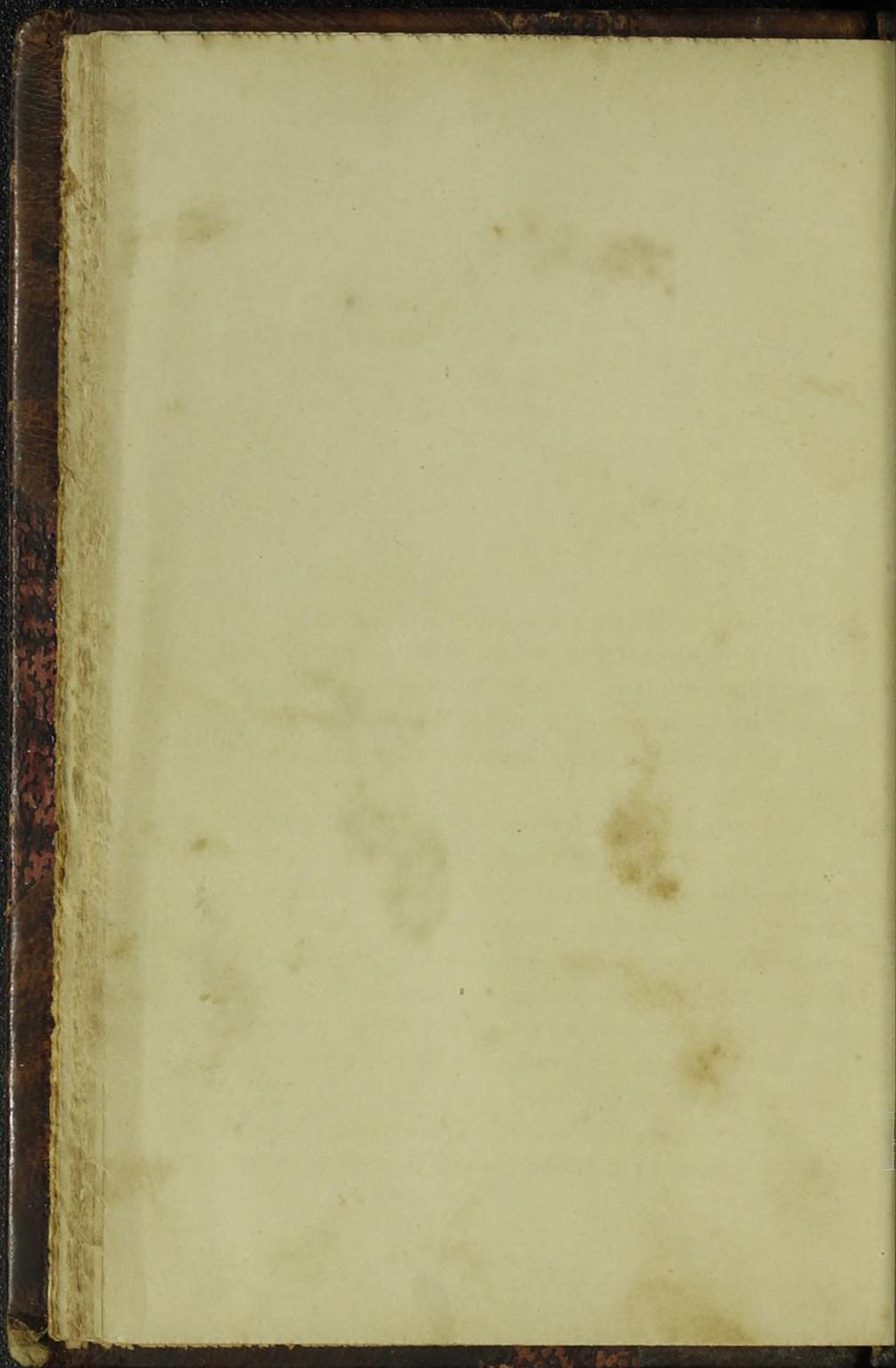
— O coronel vai beber cognac?

— Você vai beber cognac.

— Nunca provei tal cousa.

— Pois agora ha de proval-a, é o unico meio de fazermos as pases.

Veio o cognac, um cognac genuino, velho, de 1848. Lenita bebeu um calicezinho, tussiu, lagrimejaram-lhe os olhos, achou forte mas gostou; repetiu.



V

Chegára o dia de principiar a moagem.

Já de vespera tinham os negros andado em uma faina a varrer a casa do engenho, a lavar os cochos e as bicas, a arear, a polir as caldeiras e o alambique, com grandes gastos de limão e cinza.

Mal amanheccera entrou-se a ver no cannaveal fronteiro uma fita estreita de emmurchecimento que augmentava, que avançava gradualmente no sentido da largura. Era o cóрте que começára. As roupas brancas de algodão, as saias azues das pretas, as camizas de baeta vermelha dos pretos punham notas vivas, picantes, naquelle oceano de verdura clara, agitado por lufadas de vento quente.

No casarão do engenho, varrido, aceado, quatro caldeiras e o alambique de cobre verme-

lho reverberavam polidos, reflectindo a luz crua que entrava pelas largas frestas. As fornalhas afundavam-se lobregas, escancarando as grandes bocas gulosas.

. A agua, ainda presa na calha, espirrava pelas junctas da comporta sobre as linguas da roda, em filetes crystallinos. As moendas brilhavam limpas, e os eixos e endentações luziam negros de graxa. Compridos cochos e vasta resfriadeira abriam os bojos amplos, absorvendo a luz no pardo fosco da madeira muito lavada.

Ao longe, quasi indistincto a principio, mas progressivamente accentuado, fez-se ouvir um chiar agudo, continuo, monotono, irritante. Nuvens amarelladas de pó ergueram-se do caminho largo do cannavial. A erioulada reunida em frente ao engenho levantou uma gritaria infrene, tripudiando de jubilo.

Eram os primeiros carros de cannas que chegavam.

Arrastados pesadamente por morosos mãs robustos bois de grandes aspas, avançavam os ronceiros vehiculos, estalando, gemendo, sob a carga enorme de grossas e compridas cannas, riscadas de verde e roxo.

Carreiros negros, altos, espadaudos, cingidos na altura dos rins por um tirador de couro cru, estimulavam, dirigiam os ruminantes com longas aguilhadas, com brados estentoricos:

— Eia, Lavarinto! Fasta, Ramallete! Ruma, Barroso!

Os carros entraram no compartimento das moendas. Negros agéis saltaram para cima delles, a descarregar. Em um momento empilha-ram-se as cannas, de pé, atadas em feixe com as proprias folhas.

Fez-se fogo na foinalha das caldeiras, abriu-se a comporta da calha, a agua despenhou-se em queda violenta sobre as linguas da roda, esta começou de mover-se, lenta a principio, depois accelerada.

Cortando os atilhos de um feixe a golpes rapidos de facão, o negro moedor entregou as primeiras cannas ao revolvêr dos cylindros. Ouviu-se um estalejar de fibras esmagadas, o bagaço vomitado picou de branco o desvão escuro em que gyravam as moendas, a garapa principiou a correr pela bica em jorro farto, verdejante. Após pequeno trajecto foi cahir no cocho grande, marulhosa, gorgolante, com grande espumarada resistente.

Os negros *banqueiros*, empunhando espumadeiras de compridos cabos, tomaram logar junto ás caldeiras.

Levada por uma bica volante, a garapa encheu-os em um átimo. A foinalha esbrazeou-se, encandescceu, irradiando um calor doce por toda a vasta quadra.

As espumadeiras dexas atiravam ao ar em

louras espadanas o melaço fumegante, que tornava a cahir nas caldeiras, refervendo aos gorgolões.

Dominava no ambiente um aroma suave, sakkharino, cortado a espaços por uma lufada tepida de cheiro humano aspero, de catinga sufocante exhalada dos negros em suor.

O coronel gostava da lavoura de canna: vencendo o seu rheumatismo, passava os dias da moagem sentado em um banco de cabreuva, alto, largo, fixo entre duas janellas, a distancia razoavel das caldeiras. Dirigia o trabalho, tomando o ponto ao melaço em um tachinho de cobre muito limpo, muito areado, remechendo com uma pá o assucar na resfriadeira, quando este, tranvazado a reminhões por uma bica volante especial, ali parava, coalhando-se por cima em crosta amarella, quebradiça.

Lenita não sahia do engenho: tudo queria ella saber, de tudo se informava.

O coronel passava por verdadeiros interrogatorios — quaes os meses do plantio da canna; que tempo levava esta na terra até ficar prompta para o córte; quando e quantas vezes devia ser carpida; como se cortava; que era *baixar*, que era *levantar* o podão; quaes os signaes da maturidade; como se conhecia a canna *passada*; que era *carimar*; porque tinha menos viço e mais doçura a canna de terra safada; como se plantavam as pontas.

Entrava em detalhes de lavoura, tomava notas: sabia que um alqueire agrario paulista tem cem braças por cincoenta; que a quarta parte dessa area, em relação á lavoura de cannas, chama-se *quartel*; que um quartel de terra propria, em annos favoraveis, dá de quarenta a cincoenta carros de cannas; que um carro de cannas boas produz cinco arrobas de assucar; que o assucar sem barro, mascavo, faz mais conta em commercio do que o assucar com barro, alvo; que o barro é supprido com vantagem pelo estrume bovino.

Subia ao tendal, contava as fôrmas, duas em cada pau; computava o producto em assucar das quatro *tarefas* de cada dia; calculava o que haviam de produzir, em aguardente, os residuos, a espuma, o mel; avaliava a capacidade dos caixões, dos estanques, dos vasos de tanôa de grande arqueação; punha-se ao facto dos preços; comparava os do anno corrente com os dos nove annos anteriores do decennio; generalisava, induzia, chegava a conclusões positivas sobre a renda do municipio em futuro proximo, dada mesmo a eliminação do factor servil.

O coronel admirava-a. Um dia disse-lhe:

— Com uma mulher como você é que eu me devia ter casado. Pobre eu não sou, mas estaria podre de rico si a tivesse tido para minha administradeira desde os meus principios. Inda si eu tivesse um filho ou um neto da sua idade para se casar com você...

— Por fallar em filho, quando vem o seu que está em Paranápanema? perguntou Lenita.

— Eu sei lá?! Aquillo é um exquisitão, sempre foi. Mette-se com os livros e fica meses e meses sem sahir de casa, e até ás vezes sem sahir do quarto. De repente, vira-lhe a mareta, e lá se vai elle para o sertão, põe-se a caçar e adeus! não se lembra mais de nada.

— E casado, parece-me ter ouvido dizer.

— Desgraçadamente.

— Onde está a mulher?

— Na terra della, em França.

— Com que, então, é franceza?

— E, elle casou-se por extravagancia em Paris: no fim de um anno nem elle podia supportar a mulher, nem ella a elle. Separaram-se.

— Não sabia que seu filho tinha estado na Europa.

— Esteve, esteve lá dez annos: quando voltou até já fallava mal o Portuguez.

— Em que paizes esteve?

— Um pouco em toda a parte: esteve na Italia, na Austria, na Allemanha, em França. Na Inglaterra foi que parou mais tempo: demorou-se lá, aprendendo com um typão que affirma que nós somos macacos.

— Darwin?

— Exactamente.

— Então seu filho é homem muito instruido?

— É: falla umas poucas de linguas, e conhece bastantes sciencias. Sabe até medicina.

— Deve ser muito agradavel a sua companhia.

— Ha occasiões em que é de facto, ha outras em que nem o diabo o pode aturar. Está então com uma cousa que elle chama em Inglez... um nome arrevesado.

— *Blue devils?*

— Ha de ser isso. Então você tambem pesca um pouco da lingua dos bifes?

— Fallo Inglez soffrivelmente.

— Bem bom, quando Manduca vier e estiverem de veneta, temperarão lingua para matar o tempo.

— Estimarei muito ter occasião de praticar.

E Lenita dahi em diante pensou sempre, mesmo a seu pesar, nesse homem excentrico que, tendo vivido por largo espaço entre os esplendores do mundo antigo, a ouvir os corypheus da sciencia, a estudar de perto as mais subidas manifestações do espirito humano; que, tendo desposado por amor de certo, uma das primeiras mulheres do mundo, uma parisiense, se deixára vencer de tedio a ponto de se vir encafuar em uma fazenda remota do oeste da provincia de S. Paulo, e que, como si isso lhe não bastasse, lá se ia para o sertão desconhecido a caçar animaes ferozes, a conviver com bugres bravos.

Sabia que era homem de quarenta e tantos

annos, pouco mais moço do que lhe morrera o pae. Figurava-o em uma virilidade robusta que, si já não era mocidade, ainda não era velhice; emprestava-lhe uma plastica fortissima, athletica, a do torso do Belvedere; dava-lhe uns olhos negros imperiosos, profundos, dominadores. Anciava por que lhe chegasse a noticia de que elle vinha vindo, de que já tinha pedido os animaes para transportar-se da estação á fazenda.

E continuava na sua alegria progressiva: a saudade do pae já não era dolorosa, era apenas melankolica.

Bebia garapa, mas preferia-a picada. Gostava muito de chupar cannas: que era melhor do que garapa, dizia; que a canna descascada, torneada a canivete, triturada pelos dentes tinha um frescor, uma doçura especial, que o esmagamento pelas moendas lhe tirava.

Detestava o *furú-furú*, mas em compensação adorava o *ponto*, o *puxa-puxa*. Quando o melão começava na resfriadeira a engrossar, a cobrir-se de espuma amarella, ella corria-lhe o indice da mão direita pela superficie quente, tirava uma dedada grande, lambia-a com prazer, dando estalinhos com a bocca, fechando os olhos.

Um dia um preto que tinha a seu cargo guiar a carroça de bagaço para o bagaceiro, e que trazia ao pé esquerdo uma grande pêga de ferro, fallou-lhe:

— Sinhá, olhe como está esta perna; está toda

ferida. Ferro pesa muito, falle com sinhô para tirar.

E mostrava o tornozello ulcerado pela pèga, fetido, invôlto em trapos muito sujos.

— Mas, que fez você para estar soffrendo isto?

— Peccado, sinhá, fugi.

— Era maltractado, estava com medo de apanhar?

— Nada, sinhá: negro é mesmo bicho ruim, ás vezes perde a cabeça.

— Si você me promette não fugir mais, eu vou pedir ao coronel que mande tirar o ferro.

— Promette, sinhá, negro promette, palavra de Deus! Deixa estar, S. Benedicto ha de dar a sinhá um marido bonito como sinhá mesmo.

E deu uma grande risada alvar.

Lenita gostou do bom desejo, e do cumprimento, sorriu-se.

De tarde fallou ao coronel — que aquillo não tinha razão de ser, que era uma barbaridade, uma vergonha, uma cousa sem nome, que mandasse tirar o ferro.

— Ai, filha! você não entende d'este riscado. Qual barbaridade, nem qual carapuça! N'este mundo não existe cousa alguma sem sua razão de ser. Estas philanthropias, estas jeremiadas modernas de abolição, de não sei que diabo de egualdade, são patranhas, são cantigas. É cho-ver no molhado — preto precisa de couro e ferro como precisa de angú e baeta. Havemos de ver

no que ha de parar a lavoura quando esta gente não tiver no eito, a tirar-lhe as coegas, uma boa guasca na ponta de um pau, manobrada por um feitor destoreido. Não é por que eu seja maligno que digo e faço estas cousas; eu até tenho fama de bom. É que sou lavrador, e sei o nome aos bois. Emfim você pede, eu vou mandar tirar o ferro. Mas são favas contadas — ferro tirado, preto no matto.

A moagem continuava, o cannavial se ia convertendo em palhaça: á verdura clara, viva succedia um pardo foseco, sujo, muito triste. O vento esfregava as folhas mortas, resequidas, arrancando dellas um som aspero de attrito, estalado, metallico, irritantissimo.

O bagaceiro crescia, avultava: na sua brancura esverdinhada punham notas escuras os suinos, bovinos e muares que ahi passavam o dia, mastigando, mascando, esmoendo. De repente armava-se uma grande briga; ouviam-se grunhidos agudos, mugidos roucos, orneios feros. Uma dentada obliqua, um guampaço, uma parelha de couces tinha dado ganho de causa ao mais forte.

O odor suave do primeiro ferver da garapa no começo da moagem se accentuára em um cheiro forte, entontecedor de assucar cozido, de sakkharose fermentada, que se fazia sentir a mais de um quarto de legua de distancia.

VI

Terminára a moagem, ia adiantada a primavera.

A flora tropical rejuvenescera na muda de todos os annos: os gomos, os brotos, a fronde nova rebentára pujante, aqui de um verde claro deslavado, velludoso, muito tenro; alli lustrosa, vidrenta, côr de ferrugem; além rubra. Depois tudo isso se expandira, se robustecera, se consolidára em uma verdura forte, sadia, vivaz.

A natureza mudára de *toilette*, e entrára no periodo dos amores.

Irrompia a florescencia com todo o seu luxo de fórmãs, com toda a sua prodigalidade de matizes, com todo o seu esbanjamento de perfumes.

Por sobre os cafezaes escuros atirára ella,

com suave monotonia, um lençol de corollas alvissimo, deslumbrante.

Na matta toda a arvore, todo o arbusto, toda a planta tomava-se de extranha energia.

As flores, em uma abundancia impossivel, comprimiam-se nos galhos, empurravam-se, deformavam-se. No quebrantamento da volupia amorosa pendiam, reviravam os calices, entornavam no ambiente ondas de pollen, de pulverulencia fecundante.

À lascivia da flora se vinha junctar o furor erotico da fauna.

Por toda a parte ouviam-se gorgeios e assobios, uivos e bramidos de amor. Era o trilar do inambú, o piar do macuco, o berrar do tucano, o grasnar gargalhado do jacú, o retinir da araponga, o chiar do serelepe, o rebramar do veado, o miar plangente, quasi humano dos felinos.

A essa tempestade de notas, a esse cataclysmo de gemidos cupidos, sobrelevava o regougo aspero do cachorro do matto, o guincho lancinante, phrenetico do cará-cará perdido na amplidão.

A folhagem tremia agitada, esbarrada, machucada. Insectos brilhantes, verdes como esmeraldas, rubros como rubins, revoloteavam em sussurro, agarravam-se frementes. Os passaros buscavam-se, beliscavam-se, em vôos curtos, fortes, sacudidos, com as pennas arrufadas. Os quadrupedes retouçavam, perseguiam-se, aos

corcóvos, arripiando o pello. Serpentes silvavam meigas, enroscando-se em luxuria, aos pares.

A terra casava suas emanações quentes, asperas, electricas com o mormaço lubrico da luz do sol, coada pela folhagem.

Em cada buraco escuro, em cada fenda de rocha, por sobre o solo, nas hastes das hervas, nōs galhos das arvores, na agua, no ar, em toda a parte, focinhos, bicos, antennas, braços, azas, elytros desejavam-se, procuravam-se, encontravam-se, estreitavam-se, confundiam-se, no ardor da sexualidade, no espasmo da reproducção.

O ar como que era cortado de relampagos sensuaes, sentiam-se passar lufadas de tepida volupia. Sobresahia a todos os perfumes, dominava forte um cheiro acre de semente, um odor de copula, excitante, provocador.

Lenita estava preguiçosa. Internava-se na matta e, quando achava uma barroca secca, uma sombra bem escura, reclinava-se aconchegando o corpo na alfombra espessa de folhas mortas, entregava-se á molleza erotica que estillava das nupcias pujantes da terra. Voltava á casa, estendia-se na rede, com uma perna estirada sobre outra, com um livro em que não lia cahido sobre o peito, com a cabeça muito pendida para trás, com os olhos meio cerrados, e assim quedava-se horas e horas em um languor cheio de encantos.

Pensava constantemente, continuamente, sem

o querer, no caçador excentrico do Paranápama, via-o a todo o momento juncto de si, robusto, athletico como o idéiára, dialogava com elle.

Ficára cruel: beliscava as crioulinhas, picava com agulhas, feria com canivete os animaes que lhe passavam ao alcance. Uma vez um cachorro reagiu, e mordeu-a. Em outra occasião pegou um canario que lhe entrára na sala, quebrou-lhe e arrancou-lhe as pernas, desarticulou-lhe uma aza, soltou-o, rindo com praser intimo ao vel-o esvoaçar miseravelmente, com uma aza só, arrastando a outra, pousando os cotos sangrentos na terra pedregosa do terreiro.

O escravo, a quem ella fizera tirar o ferro do pé, fugira de facto, como tinha previsto o coronel: um dia voltou preso, amarrado com uma corda pelos lagartos dos braços, trazido por dous caboclos.

— Que não havia remedio, disse o coronel, que dessa feita o negro tinha de tomar uma tunda mestra por ter abusado do apadrinhamento de Lenita, que ia tornar a pôr-lhe o ferro, e que o não tiraria mais nem a mão de Deus Padre.

Lenita muito de adrede, não intercedeu. Sentia uma curiosidade mordente de ver a applicação do bacalhau, de conhecer de vista esse supplicio legendario, aviltante, atrozmente ridiculo. Folgava immenso com a occasião talvez unica

que se lhe apresentava; comprazia-se com voluptua estranha, morbida, na idéia das contracções de dor, dos gritos lastimados do negro miserissimo que não havia muito lhe despertára a compaixão.

Disfarçadamente, habilmente, sem tocar de modo directo no assumpto, conseguiu saber do coronel que o castigo havia de ter logar na casa do tronco, no dia seguinte, ao amanhecer.

Passou a noute em sobresalto, acordando a todas as horas, recciosa de que o somno imperioso da madrugada lhe fizesse perder o ensejo de ver o espectáculo por que tanto anhelava.

Cedo, muito escuro ainda, levantou-se, sahiu, atravessou o terreiro, e, sem que ninguem a visse, entrou no pomar.

Do lado de léste era este fechado pela fila das senzalas, cujas paredes de barro cru erguiam-se altas, inteiriças, muito gretadas.

Havia uma casa mais vasta duas vezes do que qualquer outra: era a casa do tronco.

A essa chegou-se Lenita, encostou-se e, tirando do seio uma tesourinha que trouxera, começou a abrir um buraco na parede, á altura dos olhos, entre dous barrotes e duas ripas, em logar favoravel, donde já se protrahia um torrão muito pedrento, muito fendido, meio solto.

A tesourinha era curta, mas reforçada, solida, de aço excellente, de Rodgers. A obra avançava, Lenita trabalhava com ardor, mas tambem com muita paciencia, com muito geito. O aço mordia,

esmoía o barro friavel quasi sem ruido. Um rastilho de pó amarellado maculava o vestido preto da moça.

Deslocou-se o torrão, e cahiu para dentro, dando um som surdo ao tombar no chão fofo, de terra mal batida.

Estava feito o buraco.

Lenita retrahiu-se, ficou immovel, sustendo a respiração.

Após instantes estendeu o pescoço, espiou. Nada poude ver: estava muito escuro dentro. Ouvia-se um resomnar alto, egual.

Passou-se um longo tracto de tempo.

O brilho das estrellas empallideceu. Uma faixa de luz branca desenhou-se ao nascente, ruborisou-se, purpurejou inflammada com reflexos côr de ouro. O ar tornou-se mais fino, mais subtil, e a passarada rompeu num hymno aspero, desaccorde, mas alegre, festivo, titanico, saudando o dia que despontava.

Ouviu-se o sino da fazenda vibrar muito sonoro.

Lenita tornou a espiar: a casa do tronco já estava clara.

A um canto espalmava-se um estrado de madeira, engordurado, lustroso pelo rostir de corpos humanos sujos. As tabuas que o constituíam embutiam-se em um solido pranchão de cabreuva, cortado em dous no sentido do comprimento: as duas peças por elle formadas jux-

tapunham-se, articulando-se de um lado por uma dobradiça forte, presas de outro por uma fechadura de ferrolho. Na parte superior da peça fixa, e na inferior da movel havia piques semi-circulares, chanfrados, que, ao ajustarem-se essas peças, coincidiam, perfazendo furos bem redondos, de um decimetro mais ou menos de diametro.

Era o tronco.

Sobre o estrado, de ventre para o ar, com as pernas passadas, pouco acima dos tornozellos, nos buracos dos pranchões, involto em uma velha coberta de lã parda, despedaçada, imunda, tinha atravessado a noite o escravo fugidío.

Dormira, ao bater do sino acordára.

Segurando-se a um joelho com as mãos ambas, sentára-se por um pouco, espreguiçára, vovera a deitar-se, com os membros doloridos, resignado.

Abriu-se a porta, e entrou o administrador seguido por um dos caboclos que tinham trazido o preto.

— Olá, seu mestre! gritou o caboclo, olhe o que aqui lhe trago:

Chocolate, café, berimbau.

E a correia na ponta do pau!

Vai chuchar cincoenta para largar da moda de tirar cipó por sua conta. Não sabe que negro que foge dá prejuizo ao senhor? Olha só este pincel, está tinindo, está beliscando!

E sacudia ferozmente o bacalhau.

E' um instrumento sinistro, vil, repugnante, mas simples.

Toma-se uma tira de couro cru de tres palmos ou pouco mais de comprimento, e de dous dedos de largura. Fende-se ao meio longitudinalmente, mas sem separar as duas talas nem em uma, nem em outra extremidade. Amollenta-se bem em agua, depois se torce e se estira em uma tabua, por meio de pregos, e põe-se a seccar. Quando bem endurecido o couro, adapta-se um cabo a uma das extremidades, corta-se a outra, espontam-se as duas pernas a canivete, e está prompto.

O administrador abriu o tronco, o negro ergueu-se baio, tremulo, miseravel.

Sob a impressão do medo como que se lhe dissolviam as feições.

Cahi de joelhos, com as mãos postas, com os dedos nodosos enclavinados.

Era a ultima expressão do rebaixamento humano, da covardia animal.

Infundia dó e nojo.

— Pelo amor de Deus, seu Mané Bento! nunca mais eu fujo!

E chorava desesperadamente.

— Não faça barulho, rapaz, respondeu o administrador. São ordens do senhor, hão de ser cumpridas.

— Vá chamar sinhô!

— O senhor está deitado, não vem, não pode vir cá. Deixe-se de historias, arreie as calças e deite-se.

— Nossa Senhora me acuda!

— Você não chama por Nossa Senhora quando tracta de fugir, gritou impaciente o caboclo. Vamos, vamos acabar com isto, ande.

O infeliz volveu os olhos em torno de si, como procurando uma aberta para a fuga. Desengano, decidiu-se.

Com movimentos vagarosos, tremendo muito, desabotoou a calça suja, deixou-a cahir, desnudou as suas nadegas chupadas de negro magro, já cheias de costuras, cortadas de cicatrizes.

Curvou as pernas, poz as mãos no chão, estendeu-se, deitou-se de bruços.

O caboclo tomou posição á esquerda, mediu a distancia, pendeu o corpo, recuou o pé esquerdo, ergueu e fez cahir o bacalhau da direita para a esquerda, vigorosamente, rapidamente, mas sem esforço, com sciencia, com arte, com a elegancia de profissional apaixonado pela profissão.

As duas correias tesas, duras, sonoras, metallicas quasi, silvaram, esfrolando a epiderme com as pontas aguçadas.

Duas riscas branquicentas, esfarelladas, desenharam-se na pelle roxa da nadega direita.

O negro soltou um urro medonho.

Compassado, medido, erguia-se o bacalhau, descia rechinante, lambia, cortava.

O sangue reçumou a principio em gottas, como rubins liquidos, depois estillou continuo, abundante, correndo em fios para o solo.

O negro retorceia-se como uma serpente ferida, afundava as unhas na terra solta do chão, batia com a cabeça, bramia, ululava.

— Uma! duas! tres! cinco! dez! quinze! vinte! vinte e cinco!

Parou um momento o algoz, não para descansar, não estava cansado; mas para prolongar o goso que sentia, como um bom gastronomo que poupa um acepipe fino.

Saltou por cima do negro, tomou nova posição, fez vibrar o instrumento em sentido contrario, continuou o castigo na outra nadega.

— Uma! duas! tres! cinco! dez! quinze! vinte! vinte e cinco!

Os uivos do negro eram roucos, estrangulados: a sua carapinha estava suja de terra, empastada de suor.

O caboclo largou o bacalhau sobre o estrado do tronco e disse:

— Agora uma salmourazinha para isto não arruinar.

E, tomando da mão do administrador uma guia que esse trouxera, derramou o conteudo sobre a derme dilacerada.

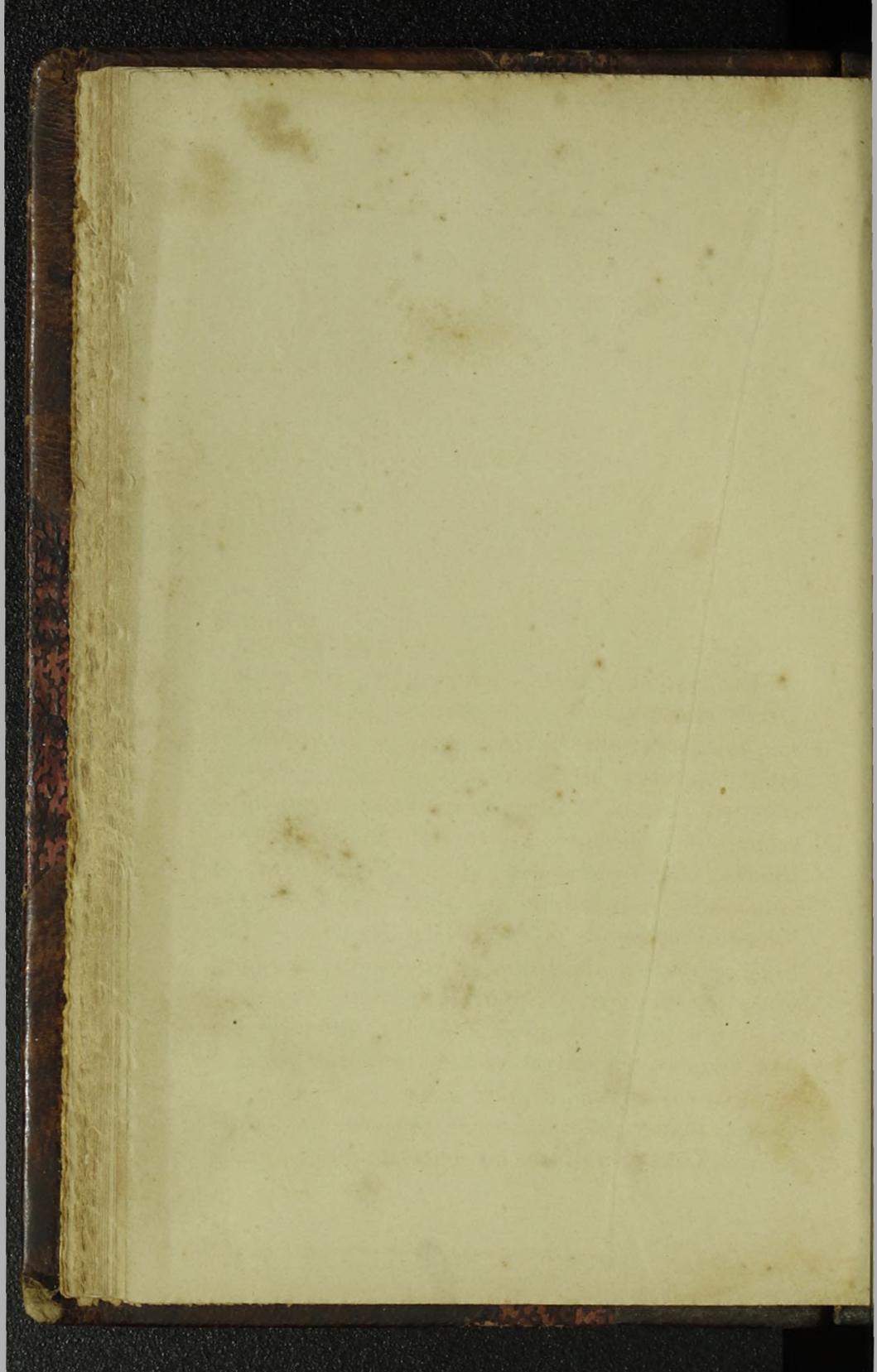
O negro deu um corcovo; irrompeu-lhe da garganta um berro de dor, suffocado, atroz, que nada tinha de humano. Desmaiou.

Lenita sentia um como espasmo de prazer, sacudido, vibrante; estava pallida, seus olhos relampejavam, seus membros tremiam. Um sorriso cruel, gelado arregaçava-lhe os labios, deixando vêr os dentes muito brancos e as gengivas rosadas.

O silvar do azorrague, as contracções, os gritos do padecente, os fios de sangue que ella via correr embriagavam-n-a, dementavam-n-a, punham-n-a em phrenesi: torcia as mãos, batia os pés em rhythmo nervoso.

Queria, como as vestaes romanas no ludo gladiatorio, ter direito de vida e de morte; queria poder fazer prolongar aquelle supplicio até á exhaustão da victima; queria dar o signal, *pollice verso*, para que o executor consumasse a obra.

E tremia, agitada por extranha sensação, por dolorosa volupia. Tinha na bocca um saibo de sangue.



VII

Havia quasi uma semana que estava chovendo continuamente. As mattas alegres, viçosas, muito lavadas reviam agua pela fronde. O tapete espesso de folhas mortas, que cobria o solo nas mattas, estava ensopado, desfeito, ia-se reduzindo a humus. A terra nua dos caminhos, limosa, esverdeada nos taludes e nas rampas, empapada, semiliquida no leito plano, cõtada longitudinalmente pelas trilhas dos carros, batida, revolvida, amassada pelos pés dos animaes, ora alteava-se em almofadas de lama, ora cavava-se em poças de agua barrenta, amarella em uns logares, em outros cõr de sangue. Corria o enxurro torrencioso, rapido, enxadrezado nos declives; manso, espraçado em toalhas, banhando as raizes das gramineas no chato, no descampado.

Os campos eram brejos, os brejos lagos.

No pomar as laranjeiras pendiam os grelos em um desfallecimento humido; as ameixeiras, as mangueiras, os pecegueiros, os cajueiros viçavam muito lustrosos.

O céu pardo, como que descido, parecia muito perto da terra.

O ribeirão transbordado roneava em marulhos.

Lenita sentada, encorujada na rede, com as pernas cruzadas, á chineza, levava a mór parte do dia a ler, conchegando-se no chale, friorenta, abhorrecida, esplenetica.

Rememorava por vezes as mudanças, as alternativas physio-psykicas por que tinha passado na fazenda, onde não encontrára uma pessoa de sua idade, de seu sexo ou de sua illustração a quem communicar o que sentia, que a pudesse comprehender, que a pudesse aconselhar, que a pudesse fortalecer nessa terrivel batalha dos nervos.

Analysava a crise hysterica, o erotismo, o accesso de crueldade que tivera. Estudava o seu abatimento actual irritadiço, dissolvente, cortado de desejos inexplicaveis. Surprehendia-se amiudadas vezes a pensar sem o querer no filho do coronel, nesse homem já maduro, casado, a quem nunca vira; sentia que lhe pulsava apressado o coração quando fallavam nelle em sua presença.

E concluia que aquillo era um estado pathologico, que a minava um mal sem cura.

Depois mudava de pensar: não estava doente, seu estado não era pathologico, era physiologico. O que ella sentia era o aguilhão genésico, era o mando imperioso da sexualidade, era a voz da CARNE a exigir della o seu tributo de amor, a reclamar o seu contingente de fecundidade para a grande obra da perpetuação da especie.

E lembrava-lhe a nymphomania, a satyriasis, esses horrores com que a natureza se vinga de femeas e machos que lhe violam as leis, guardando uma castidade impossivel; lembrava-lhe o horror sagrado que aos povos de Grecia e Roma inspiravam esses *castigos de Venus*.

Entrevia como em uma nuvem as nymphas gregas de Dietyne, as vestaes romanas, as odaliscas mollitas, as monjas khristãs, pallidas, convulsas, com os labios em sangue, com os olhos em chammas, a contorcere-se nos bosques, nos leitos solitarios; a morderem-se, loucas, bestiaes, espicaçadas pelos ferrões do desejo.

Desfilavam-lhe por diante, lubricas, vivas, palpaveis quasi, Pasiphae, Phedra; Julia, Messalina; Theodora, Imperia; Lucrecia Borgia, Catharina da Russia.

Um dia entrou-lhe na sala o coronel.

— Grande novidade! ahi me vem o rapaz . . . *rapaz* é um modo de fallar, o velho, o caçador do Paranápanema.

— Seu filho?

— Sim. Também era tempo, eu já estava com saudades.

— Mas não preveniu, não pediu condução...

— Pois eu não dizia? aquillo é assim mesmo, é espeloteado. Não quer, não sabe esperar; não está para demoras. Alugou animaes no Rio Claro, e ahi vem vindo.

— Como soube?

— Por um caboclo que partiu de lá ao amanhecer, e que agora passou por aqui.

— Então seu filho vem tomando esta chuva-rada?

— Isso para elle é um pau para um olho, está acostumado.

— A que horas acha que chega?

— São seis leguas de caninho. Elle de certo sahiu depois de almoço, ás 10 horas. Como a estrada está ruim, gastará umas seis ou sete horas. Ás quatro, ás cinco horas ao mais tardar rebenta por ahi. O que eu quero saber é si você quer jantar ás horas do costume, ou si concorda em que o esperemos.

— Havemos de esperar, boa duvida!

O coronel sahiu.

Lenita saltou lesta da rede, correu ao seu quarto, penteou-se com desvanecimento, ergueu os cabellos, prendeu-os no alto da cabeça, deixando a nuca bem a descoberto. Espartilhou-se, tomou um vestido de merinó afogado, muito singello, mas muito elegante. Poz brincos, broche,

braceletes de onyx, calçou sapatinhos á Luiz XV, cuja entrada muito baixa deixava vêr a meia de seda preta com ferradurinhas brancas em relevo. No peito, á esquerda, pregou duas rosas pallidas, meio fechadas, muito cheirosas.

— Bravo! que linda que está a senhora d. Lenita! bradou o coronel, enthiasmado ao vel-a. Pena é que esteja gastando cera com ruim defunto: o rapaz não é rapaz, e ainda, por mal de peccados, é becco sem sahida.

Lenita córou um pouco, riu-se.

— Vamos, vamos lá para dentro: quero que a velha a veja n'esse recto. Francamente, está bonita a fazer virar a cabeça ao proprio santo Antão! Como lhe assenta a você essa roupa preta afogadinha! Sim, senhora!

Ia quasi anoitecendo.

A chuva cahia forte, compassada, ininterrompida: em todas as depressões de terreno entancava-se a agua; por todos os declives corria ella em torrentes, em borbotões, em jorros, em filetes.

No alto do morro fronteiro, cortado pela estrada, assomaram dous cavalleiros e uma besta de canastrinhas.

Vagarosos, escorregando a cada passo na ladeira lamacenta, lisa, começaram a descer, procurando a fazenda.

A agua da chuva, pulverizada no ar, esbatia-lhes os contornos em uma como atmosphaera cin-

zenta, riscada obliquamente pelo peneirar dos pingos grossos.

O coronel viu-os por uma janella, através dos vidros embaciados.

— Lá vem Manduca, disse. Coitado! Vem como um pinto!

Lenita parou o movimento brando da cadeira de balanço, largou o *Correio da Europa* que estava lendo, deixou cahir os braços sobre as coxas, recostou a cabeça no espaldar, quedou-se immovel, muito pallida, quasi desfallecida. O sangue refluira-lhe ao coração que batia descompassado.

Chegaram os viajantes.

Ouviu-se o tinir dos freios sacudidos nervosamente pelas cavalgadas, depois o chapinhar pesado de botas ensopadas, enlameadas, e o arrastar sonoro de esporas no pedrado do alpendre.

O coronel, tropego, correu ao encontro do filho.

— Que raio de tempo! disse este ao entrar na ante-sala, batendo duro os pés na soleira da porta, e tirando a capa de borracha que foi pendurar a uma estaqueira. Adeus, meu pae, vosmecê bom, eu vejo; minha mãe na mesma, não?

— Tudo na fôrma do costume. E você? boas caçadas? boa saude?

— Caçadas esplendidas, hei de lhe contar. Saude de ferro, a não ser a maldita enxaqueca

que me não larga, e que neste momento mesmo me está atormentando de modo horroroso. Vou lá dentro ver minha mãe, e sigo para o meu quarto: deve estar prompto. Mande o Amancio levar-me uma chaleira de agua a ferver, e uma pouca de farinha de mostarda, para eu tomar um pediluvio sinapizado.

— Você não jantou, e de certo almoçou mal: coma alguma cousa que ha de fazer-lhe bem.

— Comer! mal de mim si comesse estando de enxaqueca.

— Que maçada! Eu e a Lenita que o estávamos esperando para jantar...

— Lenita! Quem é Lenita?

— É a neta do meu velho amigo Cunha Mattoso, filha do meu pupillo, o doutor Lopes Mattoso, que morreu logo depois que você foi para o Paranápanema. Não recebeu a minha carta nesse sentido?

— Recebi, lembra-me muito o Lopes Mattoso. Com que então a filha está agora aqui?

— Está, coitada. Não poude ficar na cidade, era-lhe muito dolorosa a falta do pae. Vem cá, Lenita, vem vêr o meu filho. Chama-se Manuel Barbosa.

Lenita veio da sala, adiantou-se para o recém-chegado, cumprimentou-o com uma inclinação de cabeça.

Elle tirou o seu chapéo alagado, retribuiu o cumprimento.

— Um seu criado, minha distincta senhora. Desculpar-me-á não apertar-lhe a mão: estou immundo, estou que é só barro da cabeça aos pés.

Manuel Barbosa era homem de boa altura, um tanto magro. A roupa molhada collava-se-lhe ao corpo, accentuando-lhe as fórmias angulosas. Cabellos desmesuradamente grandes, empastados, escorrendo agua, cobriam-lhe a testa, escondiam-lhe as orelhas. As barbas grisalhas crecidas davam-lhe um aspecto inculto, quasi feroz. Com a enxaqueca estava pallido, muito pallido, baço, terroso. Piscava muito os olhos para furtar-se á acção da luz. Tinha as palpebras batidas, tremulas, e muitos pés de gallinha encarquilhavam-lhe os cantos externos dos olhos.

Lenita, desapontadissima, mirava-o com uma curiosidade dolorosa.

— Minha senhora, continuou elle, sinto immenso que vossa excellencia tenha esperado por mim para jantar, e que a minha negregada enxaqueca prive-me hoje do prazer de sua companhia. Queira conceder-me licença.

E varou para o interior, sacudidamente, brutalmente, fazendo soar as esporas, deixando no assoalho as marcas humidas das botas enlameadas. O coronel acompanhou-o.

Lenita recolheu-se ao seu quarto, bateu as janellas, não quiz jantar, não quiz cear, respondeu quasi com desabrimento ao coronel, que insistia com ella para que fosse á mesa comer uma

aza de frango, uma talhadinha de presunto, algum doce ao menos.

Sacou do peito com violencia as duas bonitas rosas, atirou-as ao chão, calcou-as aos pés, esmorregou-as, despiu-se phreneticamente, aos pinchos, arrancando os botões, arrebrandando os colchetes.

Com um movimento de pernas, rapido, sacudido, fez voar longe os sapatinhos, atirou-se á cama, encolheu-se como uma bola, mordeu os braços, despediu num pranto convulso.

Chorou, soluçou por muito tempo. Esse descarregamento nervoso alliviou-a; acalmou-se, socegou.

Entrou a reflectir.

Conceber um idéial, pensava ella, animal-o como uma mãe amima o filho, ageital-o, vestil-o cada dia com uma perfeição nova, e, de repente, ver a realidade impor-se esmagadoramente prosaica, chatamente bruta, bestialmente chata!

Idéalizar um caçador de Cooper, um Nemrod forte até diante de Deus, um athleta musculado como um heróe da antiguidade, e ver sahir pela frente um sujeito pulha, enlameado, velho, de melenas intonsas e barbas grisalhas, um almoceve, um arrieiro que quasi a tractára mal!

E ainda por cima juraria que elle tresandava a cachaça: sentira-lhe a bifada quando elle fallou.

Mas, em summa, que lhe importava a ella

esse homem, com quem nunca conversára, que nunca sequer tinha visto, cuja existencia até bem pouco ignorava?

Pois não havia ella em tempo desprezado a côrte assidua de uma nuvem de pretendentes?

E nesse momento mesmo, debaixo de certo ponto de vista, não estava até melhor, relativamente a cousas do coração? Sem pae, sem mãe, sem irmãos, emancipada, absolutamente senhora de si, rica, formosa, intelligente, culta, bastava-lhe mostrar-se na cidade, ou melhor em S. Paulo, na côrte, apparecer nas reuniões, deixar-se admirar para thronejar, para ser soberana, para receber ovações, para haurir, á saciedade, o incenso da lisonja.

Porque teimar em permanecer na fazenda?

Si era a necessiidade organica, genesisica de um homem que a torturava, porque não escolher de entre mil prócos um marido forte, nervoso, potente, capaz de satisfazel-a, capaz de sacial-a?

E si um lhe não bastasse porque não conculcar preconceitos ridiculos, porque não tomar dez, vinte, cem amantes, que lhe maçassem o desejo, que lhe fatigassem o organismo?

Que lhe importava a ella a sociedade e as suas estupidas convenções de moral?

Mas a côr amarellenta de Manuel Barbosa, seus olhos piscos, seus cabellos por cortar, sua barba repugnante, sua roupa molhada!

E o fartum de pinga, a bifada?

Não lhe podia perdoar, odiava-o, tinha vontade de insultal-o, de esbofeteal-o, de cuspir-lhe no rosto.

Era um contrasenso; estar sempre a recahir, a occupar-se de uma creatura vulgar, communissima, que lhe não merecia odio, com a qual não valia a pena perder um pensamento.

Voltaria para a cidade... não, iria a S. Paulo, fixar-se-ia ahi de vez, compraria um terreno grande em um bairro aristocratico, na Rua Alegre, em Santa Iphigenia, no Chá, construiria um palacete elegante, gracioso, rendilhado, á oriental, que sobresalísse, que levasse de vencida esses barracões de tijolos, esses monstregos impossiveis que por ahi avultam, chatos, extravagantes, á fazendeira, á cosmopolita, sem hygiene, sem arkhitectura, sem gosto. Fal-o-ia sob a direcção de Ramos de Azevedo, tomaria para decoradores e ornamentistas Aurelio de Figueiredo e Almeida Junior. Trastejal-o-ia de jacarandá preto; encerado, com esculpidos foscos. Faria comprar nas *ventes* de Paris, por agentes entendidos, secretárias, mesinhas de legitimo Boule. Teria couros lavrados de Cordova, tapetes da Persia e dos Gobelins, *fukusas* do Japão. Sobre os consolos, sobre os dunkerkes, em vitrinas, em armarios de pau ferro rendilhado, em *étagères*, pelas paredes, por toda a parte semearia porellanas profusamente, prodigamente — as da China com seu branco leitoso, de creme, com

suas cores alegres suavissimamente vividas; as do Japão, rubro e ouro, magnificas, provocadoras, luxuosas, fascinantes; os grés de Satzuma, artisticos, trabalhados, arabes pelo estylo, europeus quasi pela correcção do desenho. Procuraria vasos, pratos da pasta tenra de Sèvres, ornamentados por Bouchet, por Armand, por Chavaux pae, pelos dous Sioux; contrapor-lhes-ia as porcellanas da fabrica real de Berlim e da imperial de Vienna, azues de rei aquellas, estas côr de sangue tiranté a ferrugem; enriquecer-se-ia de figurinhas de Saxe, idéias, finamente acabadas, deliciosissimas. Apascentaria os olhos na patina unctuosa dos bronzes do Japão, nas formas tão verdadeiras, tão humanas da estatuária grega, mathematicamente reduzidas em bronze por Colas e Barbedienne. Possuiria marmores de Falconet, terras cottas de Clodion, *netskés* velhissimos, rendilhados, microscopicos, prodigiosos. Mirar-se-ia em espelhos de Veneza, guardaria perfumes em frasquinhos facetados de crystal da Bohemia. Pejaria os escrínios, as *vi-depoches* de joias antigas, de khrysolithas e brilhantes engastados em prata, de velhos relicarios de ouro do Porto.

Teria cavallos de preço, iria á Ponte Grande, á Penha, á Villa Mariana em um *huit-ressorts* parisiense, sem rival, tirado por urcos *pur-sang*, enormes, calorosos, de côr escura, de pello muito fino.

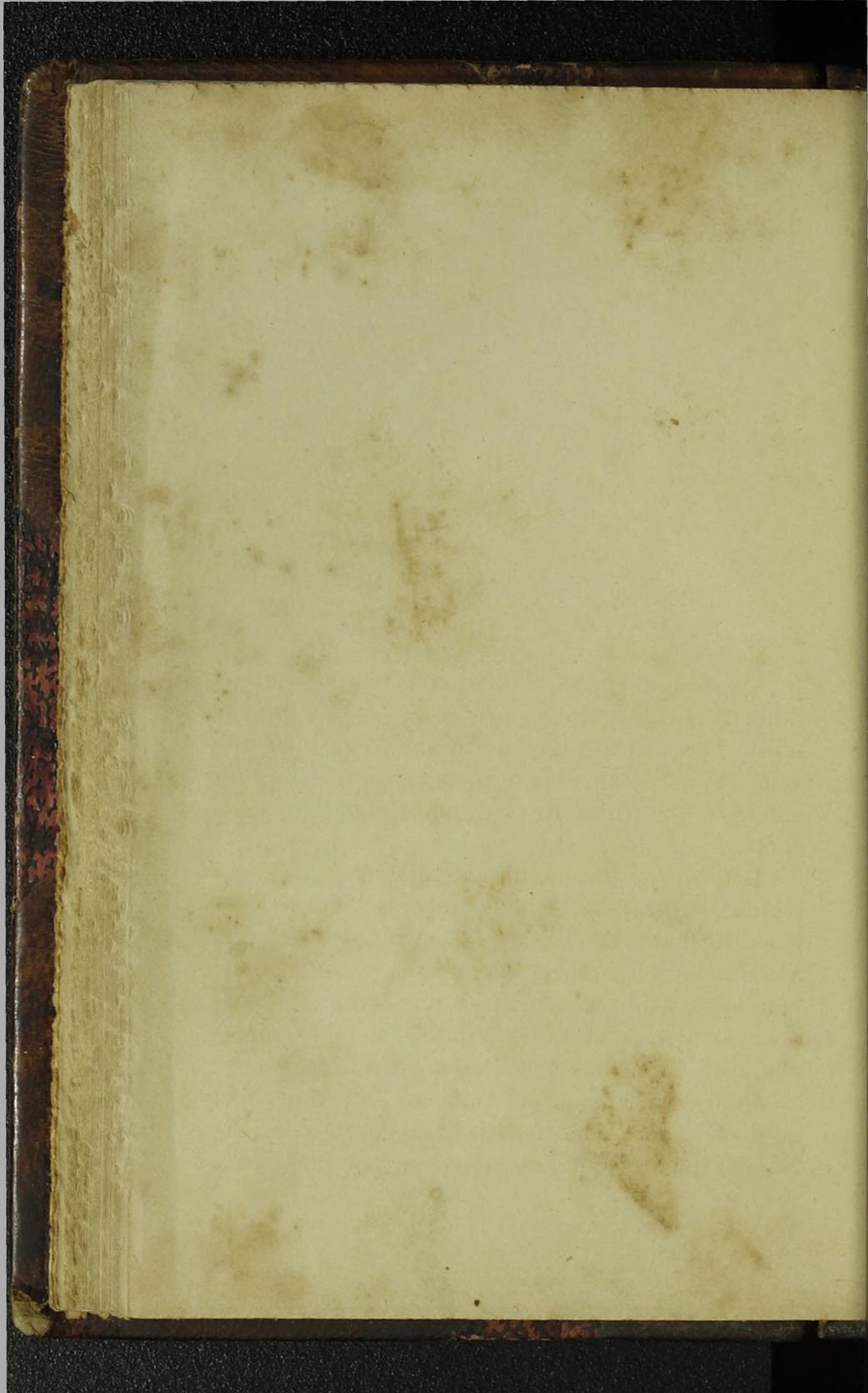
Far-se-ia notar pelas *toilettes* elegantissimas, arriscadas, escandalosas mesmo.

Viajaria pela Europa toda, passaria um verão em S. Petersburgo, um inverno em Nizza, subiria ao Jungfrau, jogaria em Monte-Carlo.

Havia de voltar, de offerecer banquetes; havia de chocar paladares, habituados ao picadinho e ao lombo de porco, dando-lhes arenques fumados, caviar, perdizes *faisandées*, calhandras assadas com os intestinos, todos os mil inventos dos finos gastrônomos do velho mundo: seus convivas haviam de beber Johannisberg, Tokai, Constança, Lacryma Christi, Chateau Iquem, tudo quanto fosse vinho caro, tudo quanto fosse vinho exquisito.

Teria amantes, porque não? Que lhe importavam a ella as murmurações, os *dizquedizques* da sociedade brasileira, hypocrita, maldizente. Era moça, sensual, rica — gosava. Escandalizavam-se, pois que se escandalizassem.

Depois, quando ficasse velha, quando se quizesse aburguezar, viver como toda a gente, casar-se-ia. Era tão facil, tinha dinheiro, não lhe haviam de faltar titulares, homens formados que se submettessem ao jugo uxorio que lhe aproovesse a ella impor-lhes. Era pedir por bocca, era só escolher.



VIII

Cessára a chuva, estava um tempo esplendido. A luz branca do sol coava-se por um ar muito fino, em um céu muito azul, sem uma nuvem. A natureza expandia-se alegre como um enfermo que volta á vida, como um convalescente.

Lenita levantou-se de boa saude, mas abhorrecida, contrariada. Á lembrança de Manuel Barbosa torturava-a. Ter de encontrar-se com elle a todas as horas, á mesa, na sala, vel-o passear pela casa, pelo terreiro, vel-o refestellar-se, bamboar-se nas cadeiras de balanço, com as melenas, com as barbas grisalhas... era horroroso.

Quando a chamaram para almoçar foi cheia de displicencia, contrariadissima. Atára os cabellos negligentemente, envolveu-se em um chale,

ao desdem, sem se espartilhar, sem se apertar sequer. Calçára chinellos.

Entrou na varanda com os olhos baixos, resolvida a não encarar o antipathico commensal.

Á mesa só estava o coronel.

— Bom dia, Lenita, então como vai isso agora? muito desapontada com o rapaz, não? Pois olhe, elle ainda fel-a melhor, partiu hoje de madrugada para a villa. Tinha um negocio urgente a tractar, pelo menos foi o que disse. Chegou e sahiu. A enxaqueca d'elle é assim, atormenta-o que é um desespero, mas com uma hora de somno passa sem deixar vestigios.

— Estimo muito que tenha sarado, respondeu Lenita seccamente, e pensou baixo: que durma um dia até não acordar mais. Um animal daquelles o melhor que pode fazer é morrer, é reben-tar. O mundo é da força e tambem da belleza, porque em summa a belleza é uma força. As barbas! as barbas! que o leve o diabo a elle, mais a ellas.

E ficou muito contente por não ter de ver, por não ter de aturar Manuel Barbosa, ao menos esse dia.

Demais estava resolvida, não havia de ficar muito tempo na fazenda, partiria logo para a cidade e de lá para S. Paulo.

Almoçou com prazer, tocou piano, deu um grande passeio a pé, jantou, só pensou em Manuel Barbosa duas ou tres vezes, isso mesmo

com menos indignação, sem resentimento, indifferente quasi, achando-se apenas ridicula a si propria por tel-o arvorado em heróe durante um longo accesso de extravagancia hysterica. Era um pobre diabo, caipirão, velhusco, achacoso. Caçava por caçar, sem intuição poetica, bestialmente, como qualquer caboclo. Bebia pinga. Verdade era que tinha estado na Europa, mas ter estado na Europa não muda a constituição de ninguem. Elle era o que ella devia esperar que elle fosse, um typo muito sem importancia, reles, abaixo até da craveira commum.

Ao anoitecer recolheu-se, começou a arrumar os seus bronzes, os seus *bibelots* de marfim, de porcellana. Envolvia-os cuidadosamente, amorosamente em papel de seda, arranjava-os no fundo de um enorme bahú americano que trouxera, calçava-os, protegia-os com jornaes velhos fuchicados, com guardanapos, com lenços, com pequenas roupas. Tinha cuidadosmeticulosos, maternas, de amadora apaixonada. Por vezes esquecia-se a remirar embevecida uma jarrinha de Sèvres, uma estatueta primorosa: no auge do enthusiasmo beijava-a.

Alta noute, muito tarde, estando já deitada ouviu um tropear de animaes, passos de gente, tinidos de esporas.

— Ahi chega o bruto, disse comsigo, e continuou a pensar na sua ida proxima para a cidade, e de lá para S. Paulo.

O tempo estava firme: a uma noute limpa, estrellada, fria, succedera um dia como o da vespera, luminoso, assoalhado.

Lenita levantou-se muito cedo, tomou um copo de leite, deu um passeio pelo pasto. De volta entrou no pomar a ver os figuinhos novos, os cachos tenros das vides.

De uma laranjeira-cravo, que se erguia folhuda desde o chão, viçosa, esparramada, esfuziou de subito um tico-tico.

Tem ninho, pensou consigo Lenita, e começou a procurar, abrindo, afastando os ramos.

Deteve-se, aspirou o ar: sentia um cheiro bom de sabonete Legrand e de charuto de Havana.

Deu volta á laranjeira e topou com Manuel Barbosa que se encaminhava para ella, risonho, palacianamente curvado, na mão direita o chapéo, na esquerda um cravo rubro, perfumoso, esplendido.

Perto o charuto, que elle deitára fóra, desprendia uma espiral de fumo, azulada, tenue.

Lenita parou confusa, attonita, sem saber o que pensasse.

O homem que ali vinha não era o Barbosa da vespera, era uma transfiguração, era um *gentleman* em toda a extensão da palavra.

A testa alta, estreita, lisa mostrava-se a descoberto, com uma zona muito alva á raiz do cabello: esse, cortado á meia cabelleira, recur-

vava-se pela frente em uma elegante pastinha á Capoul, a que davam certo realce muitos fios côr de prata. O rosto era regularissimo, estava muito bem barbeado. Á pallidez da vespera succedera uma côr sadia de pelle clara, mordida, bronzeada pelo sol. A boca, de typo saxonio puro, encimada por um bigode cuidadosamente aparado e seu tanto ou quanto grisalho, abria-se em um sorriso bondoso e franco, mostrando dentes fortes, regulares, muito limpos. Estatura esvelta, pés delicados, mãos muito bem feitas, muito bem tractadas.

Trazia um costume folgado de casimira clara, gravata creme, camiza alvissima, de collarinho deitado, mostrando em toda a sua força o peçoço robusto. Na lapella do *veston* tinha uma rosa de cheiro muito repolluda.

Chegou-se a Lenita polidamente, graciosamente.

— Minha senhora, triste juizo ha de vossa excellencia ter feito de mim antehontem. Quando estou com enxaqueca deixo de ser homem, torno-me urso, torno-me hyppopotamo. Quer fazer-me a honra de acceitar este cravo? Olhe, dê-me licença, eu sou um velho, podia ser seu pae.

E com uma familiaridade confiada prendeu a flor no cabello da moça.

Depois, afastando-se dous passos, mirou-a, entortando a cabeça, com ares de entendedor, e disse:

— Que bem que vai esse vermelho vivo nos seus cabellos pretos. Está linda.

O olhar que coava por entre as palpebras semicerradas de Barbosa era tão doce, tão paternal, a sua falla era tão unctuosa, que Lenita não se revoltou, não repelliu a ousadia. Sorriu-se e perguntou:

— Está agora perfeitamente bom, não tem cançasso da viagem, não tem resaibos da molestia?

— Oh! não. Viagens não me fatigam, e a minha enxaqueca, em passando, passou, não deixa vestígios. Quer accetar o meu braço? vamos dar uma volta pelo pomar, fazer horas para o almoço?

Lenita accedeu.

Em um instante, como por acção electrica, seus sentimentos se tinham transformado: aos ardores pelo homem idéial da scisma hysterica, á antipathia pelo homem real da antevespera, entrevisto em circumstancias desfavoraveis todas, succedera ali, nesse lugar, repentinamente, um affecto calmo e bom que a subjugava, que a prendia a Barbosa. Achava nelle quer que era de bonhomia superior, de familiaridade communicativa que lhe lembrava Lopes Mattoso.

Passearam, conversaram muito. Fallaram principalmente de botanica. Barbosa estabeleceu um confronto detalhado entre a flora do velho mundo e a do novo; entrou em apreciações

tekhnicas; desceu a minudencias de sua propria observação pessoal. A alternativa mathematica das estações do anno na Europa contrapoz a magnificencia monotonica da primavera eterna brazileira. Fez notar que lá domina nas mattas o exclusivismo de uma especie, que ha bosques só de carvalhos, só de castanhos, só de álamos, ao passo que cá acotovellam-se, emmaranham-se em pequeno espaço com familias diversissimas, a ponto de não se encontrarem, muitas vezes, dous individuos da mesma variedade em um raio de mil metros. Abriu uma excepção em Minas e no Paraná para a *auracaria brasiliensis*, abriu excepções para as palmeiras, intertropicaes, a que chamou *legião*. Lenita acompanhou-o com interesse summo, revelando conhecimento aprofundado da materia, fazendo-lhe perguntas de entendedora. Citou Garcia d'Orta, Brotero e Martins, criticou Correia de Mello e Caminhoá, confessou-se, em relação a especies, sectaria ardente de Darwin, cujos ensinamentos Barbosa ouvira em Londres, de Hæckel, cujas prelecções elle seguira em Iena. A communitade de opiniões radicou a estima entre ambos: quando entraram para almoçar estavam amigos velhos.

— Olá! disse o coronel, da porta, ao vel-os chegar de braço dado. Muito bom dia! Leve o diabo tristezas. Com que amiguinhos, era o que eu esperava. Mas vamos, vamos para dentro,

que já não é sem tempo; o almoço arrefece de uma vez; ha meia hora que está na mesa.

— Sim, senhor, meu pae, a ex.^{ma} sr.^a d. Helena é para mim uma surpresa, mais do que uma surpresa, uma revelação. Sabia-a muito bem educada, mas suppunha-a bem educada como o são em geral as moças, com especialidade as brasileiras — piano, canto, quatro dedos de Francez, dous de Inglez, dous de geographia e . . . prompto! Pois enganei-me: a ex.^{ma} sr.^a d. Helena dispõe de erudição assombrosa; mais ainda, tem sciencia verdadeira, é um espirito superior, admiravelmente cultivado.

— E por demais bondoso o sr. Manuel Barbosa, volveu Lenita visivelmente satisfeita.

— Olhem vocês uma cousa, acabem-me com essas *excellencias*, com essas *senhorias*. É *Lenita* para cá, *Manduca* para lá e . . . toca! Ceremonias só para a igreja; a mim me fazem ellas mal aos nervos, até aggravam-me o rheumatismo. Vamos almoçar.

D'ahi em diante Lenita e Barbosa não se deixaram: liam junetos, estudavam junetos, passeavam junetos, tocavam piano a quatro mãos.

Na sala do coronel armaram um gabinete de physica electrologica.

A velha quadra de paredes coreovadas, carquentas, povoou-se extranhamente de instrumentos scientificos modernissimos, em os quaes

o brilho fulvo do latão envernizado se casava ao preto baço das partes ennegrecidas, á transparencia crystallina dos tubos de vidro multiformes, ao lustroso da madeira brunida dos supportes, á verdura fresca da seda das bobinas.

Botelhas de Leyde, jarras enormes, agrupadas em baterias formidaveis, makhinas de Ramsden e de Holtz, pilhas compartimentadas de Cruikshank e de Wollanston, pilhas energicas de Grove, de Bunsen, de Daniell, de Leclanché; pilhas elegantissimas de bi-khromato de potassa, accumuladores de Planté, bobinas de Ruhmkorf, tubos de Geissler, reguladores de Foucault e Duboseq, bugias de Jablochhoff, lampadas de Edison, téléphonos, telegraphos, tudo isso ali protrahia as formas exquisitas, fosco, diaphano, reverberante a um tempo; absorvendo, refrangendo, reflectindo a luz de mil modos differentes.

A electricidade sussurrava, multiplicavam-se por toda a parte faiscas azuladas, ouviam-se estalidos seccos, tintinações sonoras de campainhas.

O ar estava picado de um cheiro acre, irritante, de acido azotico e de ozone.

Barbosa e Lenita, occupados, embebidos em experiencias, trocavam palavras rapidas, quasi asperas, como dous velhos collegas. Davam-se um ao outro ordens breves, imperiosas. De repente um delles batia o pé, contrahia o rosto,

piscava duro, sacudia o braço: era que tinha havido um descuido, punido logo por um choque.

O coronel espiava da porta.

— Que a sua sala estava convertida em senzala de feitiçarias, affirmava elle, que de repente havia de vir um raio e espatifar aquellas burundangas todas.

Aos convites instantes de Lenita e do filho para que chegasse a ver de perto os effeitos luminosos da electricidade no vacuo, as colorações brilhantes produzidas nos tubos de Geissler, recusava-se — que lá não entraria nem por um decreto; que, para livrar-se por toda a sua santa vida, do desejo de investigar electricidades, bem lhe bastavam dous choques que apanhára uma feita, na estação telegraphica.

A observação de que a electricidade lhe podia ser util para a cura do rheumatismo, contestava que se curasse quem quizesse com tal medicina, que elle não.

Satisfeita a curiosidade scientifica de Lenita quanto ao estudo experimental da electrologia, que ella d'antes só aprendera theoreticamente, passaram á khimica e á physiologia. Depois foram á glottica, estudaram linguas, Grego e Latim com especialidade: traduziram os fragmentos de Epicuro, o *De Natura Rerum* de Lucrecio.

Em estudos, em conversações que eram prolongamentos dos estudos, em passeios e excur-

sões campestres voava o tempo. Levantavam-se muito cedo, estendiam os serões até muito tarde. Uma vez o moleque, que fôra buscar o correio, trouxe para Barbosa um volume lacrado. Era a exposição das theorias transformistas de Darwin e Hæckel por Vianna de Lima. Lenita ficou doida de contente com a novidade escripta em Francez por um brasileiro. Começaram a leitura depois da ceia, prolongaram-n-a pela noute adiante, embeveceram-se a ponto tal que o dia os surprehendeu.

Ao empallidecer a luz das velas com os primeiros albores do dia, foi que deram accordo de si. Riram muito, recolheram-se desapontados aos seus aposentos, não dormiram. Compareceram ao almoço, e depois d'elle continuaram com a leitura.

À noite, quando depois de despedir-se de Barbosa, entrava para o quarto, Lenita despia-se, concentrando o pensamento, reflectindo sobre o seu estado de espirito: achava-se feliz, notava que tinha affectos brandos por tudo que a rodeava, que via a natureza por um prisma novo. Sentia, com uma ponta de remorso, que lhe ia esquecendo o pae. E parecia-lhe interminavel o que restava da noite, o que ainda faltava para tornar a ver Barbosa.

Deitava-se, aconchegava-se, procurava adormentar o cerebro, repellindo, baralhando as ideias que se apresentavam. Adormecia.

Cedo, muito cedo, ao amiudar dos gallos, acordava: erguia-se de prompto, alegrissima; escovava os dentes cuidadosamente, mirava-os com desvanecimento ao espelho, chegando muito a luz á bocca, arregaçando muito os beiços para ver bem as gengivas; refrescava a epiderme do busto com uma larga ablução fria, humedecia, perfumava o cabello com agua de violetas, penteava-os com esmero, substitua a camizola de dormir por uma camisa finissima de cambraia crivada; apertava-se, vestia-se com garridice; limava, espontava, alisava, coloria, brunia as unhas.

E tudo isso pensando em Barbosa, antegostando a delicia do momento de vel-o, de ouvir-lhe a voz em um *bom dia* affectuosissimo, jubiloso; de apertar-lhe a mão, de sentir-lhe o contacto quente.

Barbosa já não era moço, pouco dormia, poucas horas de somno lhe bastavam.

Deitava-se, procurava ler, mas debalde. A imagem de Lenita interpunha-se entre elle e o impresso. Via-a juncto de si, absorvia-se em contemplal-a nessa semi-hallucinação, fallava-lhe em voz alta, desesperava, depunha o livro ou o jornal, estendia-se, virava-se, revirava-se, adormecia, acordava, riscava phosphoros, olhava o relógio, via que era noite, tornava a adormecer, tornava a acordar, e assim continuava até que amanhecia, até que chegava a hora de levantar-se.

— Que não sabia o que aquillo era, pensava. Admiração por talento real em uma moça, por faculdades innegavelmente superiores em uma mulher? Possivel. Mas em Paris trabalhára elle muito tempo com madame Brunet, a traductora sapientissima de Huxley; com ella fizera centenaes de dissecções anatomicas, com ella aprofundára estudos de embryogenia; respeitava-a, admirava-a; e nunca sentira juncto della o que sentira juncto de Lenita. E todavia madame Brunet não era feia, bem ao contrario. Não, aquillo não era simples admiração? Mas que diabo era então? Amor verdadeiro, com objectivo definido, carnal, tambem não era: ao pé de Lenita ainda não tivera desejo algum lascivo, ainda não soffrera o pungir do espinho da carne. Seu temperamento não era mesmo amoroso. Tivera em tempo uma paixão que o levára á tollice suprema do casamento, mas isso passára; tinha-se até divorciado da mulher com cujo genio se não tinha podido harmonizar. Casto, era-o até certo ponto: só procurava relações genesicas, quando as exigencias physiologicas de seu organismo de macho se faziam sentir, imperiosas, ameaçando-lhe a saude. E não ligava a isso mais importancia do que ao exercicio de uma outra função qualquer, do que á satisfacção de uma simples necessidade organica. Mas que era então o que sentia por Lenita? Amizade no rigor do termo, como de homem para homem, e até de mulher para mu-

lher, não era: a amizade é impossível entre pessoas de sexo differente, a não ser que tenham perdido todo o kharacter de sexualidade. Amor idéial, romantico, platonico? Era de certo isso. Mas que ridiculo, santo Deus! que oceano de ridiculo! Quebradeiras sentimentaes na casa dos quarenta, quando a induração do cerebro já não permite phantazias, quando a lucta pela vida já tem morto as illusões!

O caso era que não podia estar longe da moça, que só juncto della vivia, pensava, estudava, era homem. Estava preso, estava aniquilado.

IX

Quebrára em Santos uma casa commissaria importantissima.

O coronel perdia na quebra cerca de trinta contos.

— Que aquella praça era uma cova de Caco, uma Calabria, disse elle ao saber da noticia, um dia de manhã: que comiam o fazendeiro por uma perna; que misturavam o café bom mandado por elle com o café de refugo, com o café *escolha* comprado ao desbarato; que a essa honestissima manipulação chamavam *bater*, fazer *pilha*, no que tinham carradas de razão porque era mesmo uma *batida* de dinheiro, uma verdadeira *pilhagem* de cobres, que davam contas de venda ao fazendeiro

como e quando muito bem lhes parecia, e que o diabo havia de se ver grego para verificar a exactidão de taes contas; que á custa do fazendeiro comia o intermediario, comia a estrada de ferro com as suas tarifas de chegar, comia o governo com velhos e novos impostos, comia a corporação dos carroceiros, comia a tres carrilhos o commissario, comia o zangão ou o corrector, comia o exportador, comiam todos. Que afinal, para co-roar a obra, para evaporar o restinho de cobre que ficava, lá vinha asanta da quebra, a bella da fallencia, *casual*, já se deixava ver, porque onde ha guarda-livros peritos ninguem quebra fraudulentamente.

Ficou decidido que Barbosa partiria no dia seguinte para Santos, a ver si conseguia salvar alguma cousa do naufragio. Logo depois do almoço conversou elle por largo espaço com o pae, discutiu, fez contas, ajustou condições, dispoz as bases da negociação e, montando a cavallo, foi á fazenda do vizinho mais proximo, major Silva, com quem era necessario entender-se, porque tambem era interessado no negocio.

Ao dizer-lhe adeus Barbosa, Lenita sentiu fazer-se em torno della um vacuo immenso, certa muito embora de que a ausencia era só até á tarde.

A idéia da outra ausencia, da ausencia grande futura, da ida para Santos torturava-a.

Como lenitivo á sua magua quiz ella propria

fazer a mala de Barbosa, pretextando que não ficaria bom o arranjo pelas mãos descuidosas de uma escrava.

Seguiu a mucama encarregada da roupa branca, entrou pela primeira vez no quarto de Barbosa.

Ao fundo uma cama estreita de solteiro, estendida, com lençóis e fronhas muito alvas; juncto da cabeceira um criado mudo de tampo de marmore, e sobre elle um castiçal de alfenide com um coto de vela de estearina, uma phosphórea de prata e um numero do *Diario Mercantil*; ao alcance da mão uma mesa vasta, forrada de baeta verde com alguns livros, aprestos para escrever, dous revolvers, um punhal japonéz e uma photographia de Sarah Bernhardt; aos pés da cama um mancebo para roupa, com muitos braços. Pelas paredes, nos espaços deixados por um lavatorio e uma enorme commoda, botelhas entrançadas de vime, facões, armas finas de caça e de alvo, de carregar pela bocca, de retrocarga, de repetição, marcadas por Pieper, por Habermann, por Greener, por Fruwirth. Um armario, uma cadeira preguiçosa e varias cadeiras simples completavam o trastejamento.

Entrando, Lenita sentiu-se tomada de embaraço inexplicavel. Seu pudor revoltava-se, parecia-lhe que respirava indecencia naquelle aposento de homem.

Correu-se de pejo, córou e, com voz mal se-

gura, perguntou á mucama pela roupa branca de Barbosa.

A mucama abriu uma commoda, tirou della e empillhou sobre a cama camizas brancas engommadas, camizas de dormir de flanela macia, ceroulas de linho alvissimo, toalhas, lenços brancos de bretanha, lenços de seda de côr, meias de fio de Escossia.

Foi buscar e collocou juncto da cama uma grande mala ingleza de bojo elastico, de folle: no couro preto punha uma nota viva um pedaço de papel encardido com o lettreiro — *Tamar, cabin.*

Desafivellou as correias, abriu-a em duas.

Lenita forrou um dos compartimentos com uma toalha de algodão mineiro finissimo, crivada, franjada em abrolhos, e, com esse cuidado meticoloso, com esse geito peculiar ás mulheres moças, começou de arrumar peça sobre peça, perfumando cada uma com um borrifo de essencia Victoria vaporizada.

Na candidez dos linhos destacava-se, em notas cruas, o vermelho sangue, o azul de rei dos lenços de seda, o ouro fosco, o verde garrafa, o preto lustroso das meias de fio de Escossia.

A mucama sahiu, passou a outro quarto para trazer umas roupas de casimira que Barbosa lhe dissera querer levar.

Lenita ficou só.

Foi a tirar a ultima camiza de sobre a cama

e notou que, no retesado da coberta, havia um afundamento apenas visível, e sobre a travesseira rendada uma depressão mais cava. Depois de feita a cama, Barbosa com certeza nella se estendera, a descançar.

Inconscientemente, automaticamente, attrahida, puxada pelos nervos, Lenita poz as mãos no colchão fofo, curvou-se, approximou a cabeça.

Da travesseira, misturando-se a um aroma suave de agua de Lubin, desprendia-se um cheiro animal bom, de corpo humano são, accado.

Lenita, haurindo essa emanação subtil, sentiu quer que era de electrico abalar-lhe o organismo: era um aneio vago, uma sede de sensações que a torturava. Quasi em deliquio deixou-se cahir de bruços, sobre a cama, afundou o rosto na travesseira, sorveu a haustos curtos, açodados, o odor viril, esfregou, rostriu os seios de encontro ao fustão aspero da colcha branca.

Sentia quasi o mesmo que sentira na noite da hallucinação com o gladiador, um prazer mordente, delirante, atroz, com extranhas repercussões sympathicas, mas incompleto, falho.

Trincou nos dentes a cambraia da fronha, gemendo, ganindo em contracções espasmodicas.

— Eah! gritou a mucama que entrava, sinhásinha está com ataque! e, atirando sobre uma cadeira a roupa que trouxera, correu para ella, ergueu-a nos braços, sacudiu-a com força.

Lenita acalmou-se sem demora: estava pallida, tremula, tinha os olhos muito brilhantes, a bocca pegajosa, a falla travada.

— Não é nada, disse, foi uma vertigem, já passou. Vá me buscar um cópo de agua.

— Sinházinha, ponderou a mucama, o que lhe fez mal foi o cheiro forte do vidro que vassuncê estava pondo na roupa: a mim tambem me tonteou. Cuidado.

E sahiu.

Á tarde, Barbosa, quando voltou da fazenda do major Silva, extranhou a Lenita. Ella não o procurava, não lhe fallava, mal respondia a suas numerosas e reiteradas perguntas.

Contra o costume recolheu-se cedo, antes da ceia, pretextando incommodo.

Barbosa despediu-se do pae e da mãe: não os queria ir acordar de madrugada, e contava partir antes de amanhecer.

Entrou para o quarto, mas não pode dormir. A viagem que tinha de fazer contrariava-o immenso. Não sabia como passar ausente de Lenita. As poucas horas que estivera na fazenda do major Silva tinham-lhe parecido eternidades. Viera a galope. E mais, para coroar a obra, os modos brusecos da moça.

Acabou de arrumar a mala.

— Sim, senhor, disse, a Marciana arranjou isto muito bem. Está admiravel, até com gosto, com arte. Mas, onde, diabo, foi ella buscar essen-

cia Victoria? Cheira que é uma delicia. Fez jus a cinco mil réis, ha de tel-os.

Tirou do armario uma garrafa de cognac, beheu um calice, accendeu um charuto.

Entrou a pensar.

— Que teria Lenita? Teria adoccido assim de repente? Regras, aquillo de certo eram regras: "*tota mulier in utero*., bem o disse Van Helmont. Mas não era que estava mesmo apaixonado pela rapariga? Tinha graça!

Puxou com força uma fumaça, e continuou a pensar:

— Era casado, era quasi um velho. Onde iria parar aquillo? Não levava a fatuidade ao ponto de crer que a rapariga estivesse apaixonada tambem pela sua já respeitavel pessoa... mas, em summa, porque não? Muitos velhos tinham inspirado paixões. A mulher de Lesseps era uma mocinha nova, quasi uma criança, e casára por paixão. E demais elle Barbosa não era velho, era homem maduro apenas. Dado que o que havia entre elle e Lenita não fosse, como não podia mesmo ser, uma mera affeição de camaradagem, uma simples estima reciproca, que havia elle de fazer? Casar com Lenita não podia, era casado. Tomal-a por amante? Certo que não. Preconceitos intimos não os tinha: para elle o casamento era uma instituição egoistica, hypocrita, profundamente immoral, soberanamente estúpida. Todavia era uma instituição velha de milhares de

annos, e nada mais perigoso do que arrostar, contrariar de chofre as velhas instituições: ellas hão de cahir, sim, mas com o tempo, com a mesma lentidão com que se formaram, e não de chofre, como um relampago. A sociedade estigmatizava o amor livre, o amor fóra do casamento; força era acceitar o decreto antinatural da sociedade. Demais seu pae tivera Lopes Matoso em conta de filho; tinha a Lenita em conta de netta: um escandalo magoal-o-ia profundamente, matal-o-ia talvez.

Sentou-se juncto á mesa, quebrou em um cinzeiro a cinza do charuto, apoiou o cotovello do braço esquerdo sobre o joelho correspondente, encostou a cabeça no rebordo interno da mão, engolphou-se em scisma, tirando fumaça sobre fumaça.

Após largo espaço ergueu-se, atirou fóra a ponta do charuto, entrou a passear nervoso de um para outro lado.

— Não, exclamou de repente, é preciso que isto acabe, ha de acabar.

Deitou-se.

Ás tres horas ergueu-se sem ter conciliado o somno, chamou o pagem, mandou-o ensilhar os animaes, lavou-se, vestiu-se, calçou botas, calçou luvas, envergou o guardapó, poz o chapéo, tomou ás pressas uma chicara de café, que uma preta lhe trouxe, sahiu, montou a cavallo, e, acompanhado pelo pagem, seguiu jornada.

Lenita tambem não dormira.

O cheiro humano masculino que respirára na travesseira de Barbosa fôra realmente um veneno para os seus nervos.

Sentia-se de novo presa do mal estar, do hysticismo antigo. Tinha anceios, tinha desejos, mas anceios, desejos accentuados, visando a objectivo certo. Ella anceiava por Barbosa, ella desejava Barbosa.

A seus olhos avultara elle, tomára proporções novas, realisava-lhe o idéial. Deixára-se subjugar, dominar pelo physico robusto e nervoso, pela pujante e culta mentalidade de Barbosa.

A femea altiva, orgulhosa, conscia da sua superioridade, encontrára o macho digno de si: a senhora se fizera escrava.

Ao ouvir o estrupido dos animaes na partida, Lenita abriu a janella, ergueu a vidraça, acompanhou com o olhar os vultos dos dous cavalleiros que se iam perdendo nas brumas da madrugada.

Notou que paravam, que se voltava o cavalleiro da frente, cujo guardapó muito claro punha uma nota muito branca no nevoeiro matutino.

Seria por um dos mil pequenos incidentes de viagem que paravam? seria para contemplar Barbosa ainda uma vez a casa em que ella ficava? seria uma despedida?

Sem o querer, inconscientemente, Lenita apinhou os dedos, levou-os á bocca, atirou um beijo ao espaço.

E desatinada, ardendo em pejo, muito embora certa de que ninguem, absolutamente ninguem a vira, fechou a janella, arrojou-se á cama, desatou em pranto convulso.

Despontou o sol, trazendo um dia ridente, lindíssimo.

Lenita ergueu-se, vestiu-se ás pressas, sahiu a dar uma volta pelo pomar, deixando intactos o copo de leite e a chicara de café que lhe levára a servente.

O ar fino da manhã purissima, saturado das emanações balsamicas das arvores abafava-a, suffocava-a: parecia-lhe que respirava chumbo.

A luz vivida do sol, a dourar a verdura molle do campo, era crua e incomportavel aos seus olhos.

Achava algo de hostile na vegetação, em tudo.

Era-lhe odiosa a immobilidade dos cerros vizinhos, das montanhas que ao longe divisava. Um terremoto, um cataclysmo que desmoronasse as serranias, alteando os valles, derramando os rios, convulsionando tudo, iria muito melhor ao seu estado de espirito, do que essa calma da natureza, barbara, estúpida.

Figurava-se-lhe estar dentro de um circulo de altas muralhas de aço brunido, cujo diametro se fosse a cada instante estreitando.

Tudo lhe fallava de Barbosa, tudo lh'ò recordava.

Aquí era a laranjeira-cravo juncto da qual o vira, como em um *avatar*, como em uma transfiguração, risinho, franco, communicativo, sob o aspecto que em um momento a captivára.

Alli era um grupo de ameixeiras, que servira de assumpto a uma prelecção de botanica industrial. Lembrara-lhe muito bem — *ameixeira da India*, *ameixeira do Canadá*, nomes improprios, origens falsas. A arvore é autokhthone da China e do Japão, onde vive em estado selvagem, é a *eriobotrya*, a *mespilus japonica*. Está destinada a um grande papel no futuro, quando este paiz se tornar industrial. A geléia que produz não tem competidora, e a sua aguardente, cohobada, levará de vencida a famosa *kirschwasser*.

Além era um renque de ananazeiros, a cujo respeito a exposição luminosa e facil de Barbosa lhe tirára muitas duvidas. Como lhe vivia na memoria a descripção que elle fizera — *bromelia ananas*, familia das *bromeliaceas*; folhas em corymbos, duras, quebradiças, alfanjadas, de perto de metro ás vezes, guarnecidas de aculeos; flor vermelha ou roxa, a emerger de um calice duro, côr de sangue, em peciolos longos de vinte a trinta centimetros; fructo lindo, pinhiforme, verde, branquicento, dourado, vermelho, constituido por uma serie de bagas em helice, soldadas, unificadas umas com outras, em escamas orladas de pe-

quenas folhas escaurates, coroado tudo por um pennacho espinhento. *Abacaxi, naná, macambira, Onore, Uaca, achupala, naná-yacua*, chamava-se no continente sul-americano essa fructa adoravel que, em 1514, Fernando o Catholico declarou, na Hespanha, a primeira fructa do mundo. Gonzalo Hernandez, Lery, Benzoni descreveram-na em suas obras; Khristovam Acosta deu-lhe o nome que hoje tem. Conta nada menos de oito variedades; penetrou na Africa até ás margens do Congo, na Asia até o coração da China; é soberbo em Pernambuco, mas onde attinge a perfeição em fórma, em aroma, em gosto onde chega a ser divino é no Pará.

Ainda além um mamoeiro...

E Lenita sacudiu a cabeça, interrompendo desesperada o seu curso de idéias: os ensinamentos de Barbosa, a sua erudição, que ella reproduzia, mais lhe acendravam o desalento da saudade.

Não o podia crêr ausente: elle lá estava, lá devia estar na sala do coronel, a arranjar um apparelho electrico desmanchado; ou na varanda, a procurar em grossos lexicos uma raiz grega ou sãoskrita. Sim, devia estar dentro, fazendo uma das cousas do costume. Quem sabe si precisava della para o ajudar...

E correu. Antes de chegar ao portão parou. Tolices! Barbosa estava longe, partira, ella o vira partir.

A essa hora já tinha andado duas leguas, seis mil braças, treze mil e duzentos metros: cada minuto afastava-o della cento e dez metros. No outro dia, ás seis horas e dez minutos precisamente da tarde, deveria estar, estaria em Santos, a quarenta e cinco leguas, a trezentos khiliometros, a trezentos mil metros!

Recolheu-se abatida, mal almoçou, jantou ainda peor.

Ao entardecer, quando o sol, no descambar, derramava sobre a terra torrentes de luz amarella, suave, côr de ouro velho, projectando ao longe, gigantescas, as sombras dos animaes, das arvores, das casas, dos cerros, Lenita com o peito oppresso, a arfar em folegos curtos, foi sentar-se em um bosquezinho denso de amoreiras, sobre um alcantil, á beira do ribeirão.

Occulta pelo tramado da folhagem, ella abrangeia um vasto tracto de terreno no arco de circulo percorrido pelo raio visual.

Na verdura velludosa do pasto punham notas fortes grandes vaccas muito pretas, malhadas de branco.

Um touro andaluz, vermelho, mugia ao longe, escarvando a terra. Um rebanho de ovelhas fuscas de cabeças e pernas muito negras, pascia irrequieto, ás cabriolas, tosando a grama aqui e alli.

Quasi a seus pés, sob o alcantil das amoreiras, o riacho espraia-se em uma corredeira

raza, sobre fundo de seixinhos alvos. Um capão de matto ralo começava á beira da agua, indo morrer a pequena distancia.

Lenita contemplava o amplo scenario, abstracta, distrahida, immersa em seisma, olhando sem vêr.

Um mugido fero, ao perto, chamou-a á realidade.

O touro tinha-se approximado de uma vacca muito gorda, cuja cria, terceira alentada, pastava já longe, deslembrada quasi da teta.

Chegára-se, farejando ancioso, cheirára o foinho da vacca, cheirára-lhe o corpo todo: erguera a cabeça, aspirando ruidosamente o ar, mostrando, no arregaçar luxurioso da beija, a gingiva superior desdentada; soltára um berro estrangulado.

Fôra o que Lenita ouvira.

O touro lambeu a vulva da vacca com a lingua aspera, babosa, e depois, bufando, com os olhos sanguineos esbogalhados, pujante, temeroso na furia do erotismo, levantou as patas dianteiras, deixou-se cahir sobre a vacca, cobriu-a, pendendo a cabeça á esquerda, achatando o perigalho de encontro ao seu espinhaço.

A vacca abriu um pouco as pernas trazeiras, corcovou-se, engelhou a pelle das ilhargas para receber a fecundação. Consumou-se esta em uma estocada rubra, certa, rapida.

Era a primeira vez que Lenita via, realizado

por animaes de grande talhe, o acto physiologico por meio do qual a natureza viva se reproduz.

Espirito culto, em vez de julgal-o immoral e sujo, como se praz a sociedade hypocrita em represental-o, ella achou-o grandioso e nobre em sua adoravel simplicidade.

Um assobiar requebrado e terno que se fazia ouvir no riacho fel-a voltar-se para esse lado.

Olhou, viu a Rufina, uma crioula nova de seios pulados e duros, de dentes muito brancos.

Chapinhava na agua raza da corredeira, de cabeça alta, risonha, erguendo as fraldas muito alto, descobrindo-se até o pubis, mostrando as coxas grossas, musculosas, de um negro mate arroxado.

A assobiar sempre, avançou até o começo da corredeira, onde o alveo se afundava um tanto, sofraldou-se mais, prendeu a roupa á cinta, curvou-se, immergiu as nadegas na agua murmurosa e, a mãos ambas, procedeu a uma ablução de aceio, tonica ao mesmo tempo e excitante.

Depois, com a agua a escorrer em filetes lustrosos pela pelle escura, baça, internou-se no capão.

Ouvia-se-lhe sempre o assobio requebrado.

Não levou muito e outro assobio respondeu-lhe.

Por uma trilha do alcantil opposto um preto,

moço, vigoroso, desceu a correr, atravessou rapido a corredeira, internou-se por sua vez no capão.

Cessaram os assobios.

Lenita ouviu um murmurar confuso de vozes intercortadas, viu agitarem-se uns ramos e, pelos intersticios dos troncos, por entre o emmaranhado dos galhos, lobrigou indistinctamente uma como lucta breve, seguida pelo tombar desamparado, pelo som baço de dous corpos a bater a um tempo no solo arenoso do matagal.

Lenita mais comprehendeu do que viu.

Era a reproducção do que se tinha passado havia momentos, mas em escala levantada: á copula instinctiva, brutal, feroz, instantanea dos ruminantes seguia-se o coito humano meditado, lascivo, meigo, vagaroso.

Abalada profundamente em seu organismo, com a irritação de nervos augmentada por essas scenas cruas da natureza, torturada pela CARNE, mordida de um desejo louco de sensações completas, que não conhecia, mas que adivinhava, Lenita recolheu-se titubeando, fraquissima.

O coronel tinha passado a noute mal, com um accesso de rheumatismo; cónservára-se todo o dia na cama.

Lenita foi vel-o, demorou-se pouco, retirou-se para o seu quarto, fechou-se por dentro.

Tinha anoitecido.

Não havia luar, mas a noite estava clara. Na transparencia escura do céu tropical as estrellas empastavam-se em um amontoamento inverosímil, como punhados de farinha luminosa em uma tela muito negra.

No terreiro, varrido, em frente ás senzalas, uma fogueira crepitava alegre, espancando a escuridão com seu brazido candente, com suas linguas de chammias multiformes, irrequietas.

Os negros tinham acabado uma carpa nesse dia, e o coronel dera-lhes permissão para folgar, mandando ao mesmo tempo que o administrador lhes fizesse uma larga distribuição de aguardente.

Ao som de instrumentos grosseiros dançavam: eram esses instrumentos dous atabaques e varios adufes.

Acocorados, segurando os atabaques entre as pernas, encarapitados, debruçados nelles, dous africanos velhos, mas ainda robustos, faziam-n-os resoar, batendo-lhes nos couros retezados, ás mãos ambas, com um rhythmo sacudido, nervoso, feroz, infrene.

Negros e negras, formados em vasto circulo, agitavam-se, palmeavam, compassadamente, rufavam adufes aqui e alli. Um figurante, no meio, saltava, volteava, baixava-se, erguia-se, retorcia os braços, contorcia o pescoço, rebofia os quadris, sapateava em um phrenesi indescriptivel, com uma tal prodigalidade de movimentos, com um tal desperdicio de acção nervosa e muscular, que teria estafado um homiem branco em menos de cinco minutos.

E cantava:

*“Serena, pomba, serena;
“Não cança de serená!
“O sereno desta pomba
“Lumeia que nem metá!
“Eh! pomba! eh!,,*

E a turba repetia em khoró:

“Eh! pomba! eh!,,

A voz do cantor, fresca, modulada, de um timbre sombrio, coberto, tinha uma doçura infinita, um encanto inexprimível.

Fechando-se os olhos, não se podia crer que sons tão puros sahissem da garganta de um preto sujo, desconforme, hediondo, repugnante.

A resposta khoral, melopéia inharmonica, mas cadenciada em quebros de uma tristeza suavissima, repercutia pelas mattas no silencio da noite, com uma grandiosidade melankolica e extranha.

A letra nada dizia; a toada, o canto era tudo.

E os atabaques retumbavam, rufavam os adufes, desesperadamente.

O dançarino, sempre a cantar, sempre naquella agitação, naquella khoreomania estupenda, percorria a roda sem sustar-se para tomar alento, sem dar mostras de cansado. Em sua testa baça não brilhava uma baga de suor.

De repente, vendo um tição inflammado na mão de um companheiro, asiu-o, entrou a descrever com elle, no ar, figuras caprichosas, circulos, ellipses, oitos de algarismo. Bateu-o no chão, espalhou na roda milhares de faulas... O entusiasmo ascendeu ao delirio.

O dançarino deitou fóra o tição, arrojando-o longe com impulso vigorosissimo. Depois afrouxou, moderou um pouco os movimentos. Entreparou ante um dos da roda, bamboando-se, fa-

zendo-lhe gaifonas, como que reptando-o para que sahisse a terreiro.

O desafiado accitou a provocação, sahiu-lhe ao encontro, dançando, saracoteando-se tambem.

.. *Eh! pomba! eh!,,*

gemia o khoró.

Os figurantes, que eram então os dous, começaram de gyrar um em torno do outro, atacando-se, perseguindo-se, fugindo, como duas borboletas amorosas. Recuaram, depois avançaram de frente, lento, medindo-se. Deixaram pender os braços, afastaram as cabeças, protrahiram os ventres, curvando as pernas, fizeram estalar uma embigada artistica, sonora, retumbante, que se ouviu longe.

.. *Eh! pomba! eh!,,*

continuava a gemer o khoró.

O primeiro figurante embarafustou por entre os companheiros, rompeu a roda, sumiu-se, deixando só o successor que continuou na faina com a mesma gallardia.

Os que não dançavam, que não tomavam parte no *samba*, grupavam-se, aos magotes, acotovellando-se; olhavam em silencio enlevados, absortos.

Do solo batido pelo tripudiar de tanta gente

BIBLIOTECA MUNICIPAL
-ORIGENES LESSA-

Tombo N.º _____

erguia-se uma nuvem de pó, avermelhada pelo clarão da fogueira.

A garrafa de aguardente andava de mão em mão; não havia cópos; bebiam pelo gargalo.

Ao cheiro de terra pisada, de cachaça, de sarro de pito, sobrelevava dominante um cheiro humano aspero, alliaceo, um odor almiscarado forte, uma catinga africana indefinível, que doía no olfacto, que cortava os nervos, que entontecia o cerebro, suffocante, insupportavel.

Emquanto se dançava no terreiro Joaquim Cambinda, escravo octogenario, inutil para o trabalho, estava sósinho, sentado em um cepo, ao pé de um fogo de lenha de perova, no paiol velho, abandonado, que a rogo seu lhe fôra concedido para morada.

Era horroroso esse preto: calvo, beijudo, maxillares enormes, com as escleroticas amarellas, raiadas de laivos sanguineos, a destacarem-se na pelle muito preta. Curvado pela idade, tardo, tropego, quando se erguia e, invôlto na sua coberta de lã parda, dava alguns passos, similhava uma hyena fusca, vagarosa, covarde, feroz, repellente. Tinha as mãos seccas, aduncas; os dedos dos pés reviravam-se-lhe para dentro, desunhados, medonhos. •

O paiol velho formava uma vasta quadra de telha vã, de chão de terra, esburacado. A um canto um *chalo* de paus roliços, com uma esteira, um travesseiro negro e lustroso, umas trapa-

rias immundas: era a cama do africano. Por baixo do chalo, no desvão escuro, punha uma nota branca um ourinol velho de louça ordinaria, desbeijado, com um arkipelago de incrustações uricas no fundo, muito fetido, nauseabundo. Juncto do chalo uma caixa de pinho, cuja fechadura nova, envernizada, destacava-se muito lustrosa na madeira de pinho, carunchada, ennegrecida pela fumaça. Em outro canto, fronteiro ao chalo, sobre uma mesa coxa, um oratorio vetusto, de gonzos enferrujados, gastos, roido de ratos em varios logares, muito encebado. Pelas paredes saquinhos de bocca amarrada, samburás, porungas de pescoço, guampas de boi, cartolas antiquissimas, sobrecasacas arkhaicas, de tres pontas na lapella, do tempo do rei. Por todo o chão aboboras, pepinos maduros, espigas de milho com casca, cabos de instrumentos de lavou-ra, cepos de madeira, cascas de ovos, talos de couve, montes de cisco.

A porta estava apenas cerrada: abriu-se e entrou uma negra ainda moça, magra, baixinha, de olhos fundos, olhar febril. Estava vestida de cores muito espantadas, saia amarella, casaco vermelho. Tomou a bençã a Joaquim Cambinda, e foi sentar-se em silencio, juncto do fogo.

Um a um vieram vindo outros pretos e pretas. Entravam, davam *louvado* ao velho, e, silenciosos, accommodavam-se sobre cepos, ao pé do fogo: ao todo dez.

Quando completo esse numero, Joaquim Cambinda disse:

— Féssa póta. (1)

A negra que primeiro chegára levantou-se, cumpriu a ordem, voltou a sentar-se em seu lugar.

Reinou silencio por largo espaço.

Fóra ouvia-se o khoro retumbando na noute:

“Eh! pomba! eh!,”

Joaquim Cambinda accendera um cachimbo de longo canudo, e fumava tranquillo, sem parecer dar fé dos circumstantes.

Cerca de meia hora levou absorto, com os olhos cerrados, meditando, cochilando, a puxar fumaças, morosamente, preguiçosamente.

Quando se consumiu o carrêgo do cachimbo, sacudiu as cinzas, bateu-o bem, cuidadosamente, soprou-lhe o canudo, encostou-o á parede. Ergueu-se e, lento, titubeante, monstruoso, caminhou para o oratorio, chegou, abriu-lhe as folhas da porta de par em par, tirou para fóra duas velas de cera que estavam dentro, em castiças de latão, riscou phosphoros, accendeu-as, illuminou o interior do nicho, revestido de papel de prata, mareado.

Dous eram os divos desse mesquinho e sor-

(1) «Fecha a porta.»

dido larario: um S. Miguel de gesso, cambuto, retaco, muito feio, muito pintado de excretos de moscas; e um manipanço, tecido inteirinho de cordas finissimas de embira, hediondo, pavoroso, mas admiravel pelos detalhes anatomicos, estu-
pendo como obra de paciencia.

Os negros ergueram-se todos, reverentes.

— Zelómo, disse Joaquim Cambinda, ussê pensô bê nu quê ussê vai fazê, lapássi?

— Pensô, *mganga*.

— Intonsi, ussê qué mêmo si rissá ni rima-nári ri San Migué rizáma?

— Qué, *mganga* (1).

Que era muito bom, explicou Joaquim Cambinda na sua meia lingua, pertencer um preto á irmandade de S. Miguel das Almas, mas que tambem era perigoso; que quem não tinha peito não tomava *mandinga*; que o branco queria por força saber o segredo dos irmãos de S. Miguel, e que para isso surrava o preto, mas que o preto que revelava o segredo de S. Miguel morria sem

(1) «— Jeronymo, você pensou bem no que você vai fazer, rapaz?

— Pensei, mestre.

— Então você quer mesmo alistar-se na irmandade de S. Miguel das Almas?

— Quero, mestre.»

A palavra *mganga* é termo africano: significa *senhor do tempo, distribuidor de chuva*; e, por extensão, *theologo, sacerdote, mestre*.

saber de que. Fez o neophyto beijar os pés de S. Miguel, fel-o beijar os cornos do Satanaz a elles sotoposto, fel-o beijar as partes genitaeas do manipanço; dictou-lhe juramentos solemnes, comminou-lhe penas terriveis no caso de infracção. Recebeu delle dinheiro, trinta mil réis, seis notas de cinco mil réis, que estavam no bolso da calça, muito enleadas em um lenço de chita muito sujo. Passou á parte doutrinaria, entrou a inicial-o na arte terrivel dos feitiços e dos contras, a dar-lhe meios de matar, de curar. Ensinou-lhe que a semente do mamoninho bravo (*datura stramonium*), socada, macerada em aguardente, cega, enlouquece, mata dentro de poucas horas; que osso de defunto, cuja carne cahiu de podre, raspado e posto em uma comida qualquer, produz *amarellão* incuravel; que o sapo verde do matto virgem, suffocado a fogo lento, dentro de uma panella nova coberta por testo novo, morre largando uma espumarada branca, com a qual, diluida em agua, se produz uma hydropesia necessariamente mortal; que as folhas do jaborandy (*pilocarpus pinnatifolius*), pisadas, reduzidas a massa, applicadas aos sovaços produzem suores e salivação, curam muitas molestias; que a raiz de Guiné (*mappa graveolens*) e a nhandirova (*feuillea cordifolia*) são contras poderosissimos para todas as *cousas feitas*.

Ensinou mais uma infinidade de superstições, medonhas umas, outras muito ridiculas: que a

mão resequida de uma criancinha morta sem baptismo é um talismã precioso para conciliar o amor; que uma lasca de pedra de ara, furtada a uma igreja, *fecha* o corpo, torna-o invulneravel a tiros de arma de fogo, a pontacos de arma branca; que café coado com agua de banho por fralda de camisa de mulher, ou por fundilho de ceroula de homem, sem lavar, capta a *symphia*, amança o genio bravo; que corda de enforcado faz ganhar dinheiro ao jogo; que uma figa de raiz de arruda, arrancada em sexta-feira maior, é remedio soberano de quebranto, de mal de olhado; que, para inutilisar um mestre feiticcio, para tirar-lhe o poder, é preciso surral-o com uma vara de fumo, e quebrar-lhe na cabeça tres ovos chocos.

Passou a *curar* o neophyto, a *fechar-lhe* o corpo, a anesthesial-o para não sentir castigos physicos: mandou que se despisse, que se puzesse de quatro pés, como uma besta. Murmurando palavras inconnexas, phrases de engrimanço, untou-o com uma pomada rançosa que tirou de uma latinha muito oxydada, borrifou-o com a agua de uma porunga que desprendeu da parede. Disse-lhe que era preciso repetir a operação em mais seis sextas feiras, para que o encanto ficasse completo, e o corpo insensivel de uma vez.

Para provar com factos o seu poder, para demonstrar a efficacia dos seus sortilegios, chamou

a preta magra, a primeira que viera. Acudiu ella, approximou-se ligeira, muito contente.

Passou-se uma scena extranha.

Joaquim Cambinda tirou do oratorio uma agulha de coser saccos, comprida, acerada e, tomando o braço esquerdo da preta, atravessou-o de parte a parte, em varios logares, por varias vezes, sem que reçumasse uma pinga de sangue: a paciente olhava curiosa para o braço, sem dar a minima mostra de dor.

Joaquim Cambinda largou a agulha, afastou-se um pouco, baixou-se, fitou-a de modo particular, por sob a palpebra, com a pupilla brilhante, fixa como a de um reptil.

A rapariga soltou um grande grito, e levou as mãos ambas ao peito.

— A bola! a bola! Suffoco! exclamou.

E cahiu desamparada, com os olhos esbugalhados, em alvo, com a bocca torta, com os membros contorcidos por convulsões tetanicas.

Estenderam-se-lhe, inteiriçaram-se os braços; os punhos viraram-se para fóra; os dedos fecharam-se, penetrando quasi as unhas nas palmas das mãos: a lingua estava negra e pendente, betada aqui e alli por fios de baba escumosa.

E revolvia-se no solo, aos saltos, como uma cobra cortada aos pedaços.

De subito largou um berro entrecortado, guttural, rouco, que nada tinha de humano. Deu um estremeção, curvou-se para traz, assumiu a

fórma de um bodoque retesado, quedou-se immovel, dura, firme, em uma posição impossivel: por uma parte tinha o alto da cabeça apoiado ao solo, e, por outra, os dous pés que assentavam em cheio, um pouco separados; ao todo tres pontos de apoio.

Os punhos continuavam cerrados, e os braços tesos, ao longo do corpo. A rigidez era cadaverica, mais ainda, marmórea, metallica.

Joaquim Cambinda sorria-se medonhamente.

Com uma agilidade que desmentia o seu vagar, o seu tolhimento costumeiro, e de que ninguém o teria julgado capaz, trepou de um salto sobre essa exquisita ponte humana.

Com os olhos reluzentes; com o clarão do fogo a reflectir-se-lhe na calva negra, polida; mostrando os dentes amarellos em esgares diabolicos, elle pulava, tripudiava sobre o estomago, sobre o ventre, sobre o pubis da convulsionaria.

Ella não se abalava, não se mechia sob o impulso dos pés, sob a acção do peso do monstro: semelhava uma ponte de arco, feita de cantaria.

Joaquim Cambinda desceu, foi a um canto buscar um cabo de picareta, e com elle entrou a bater-lhe duro no peito, no ventre.

Os golpes succediam-se, crebros, com um som baço, abafado, como si fossem dados em um sacco de trapos.

De subito a victima desinteiriçou-se, reco-

brou molleza vital, recahiu no solo pesadamente, em attitude humana.

Inundavam-lhe o rosto grossas camarinhas de suor.

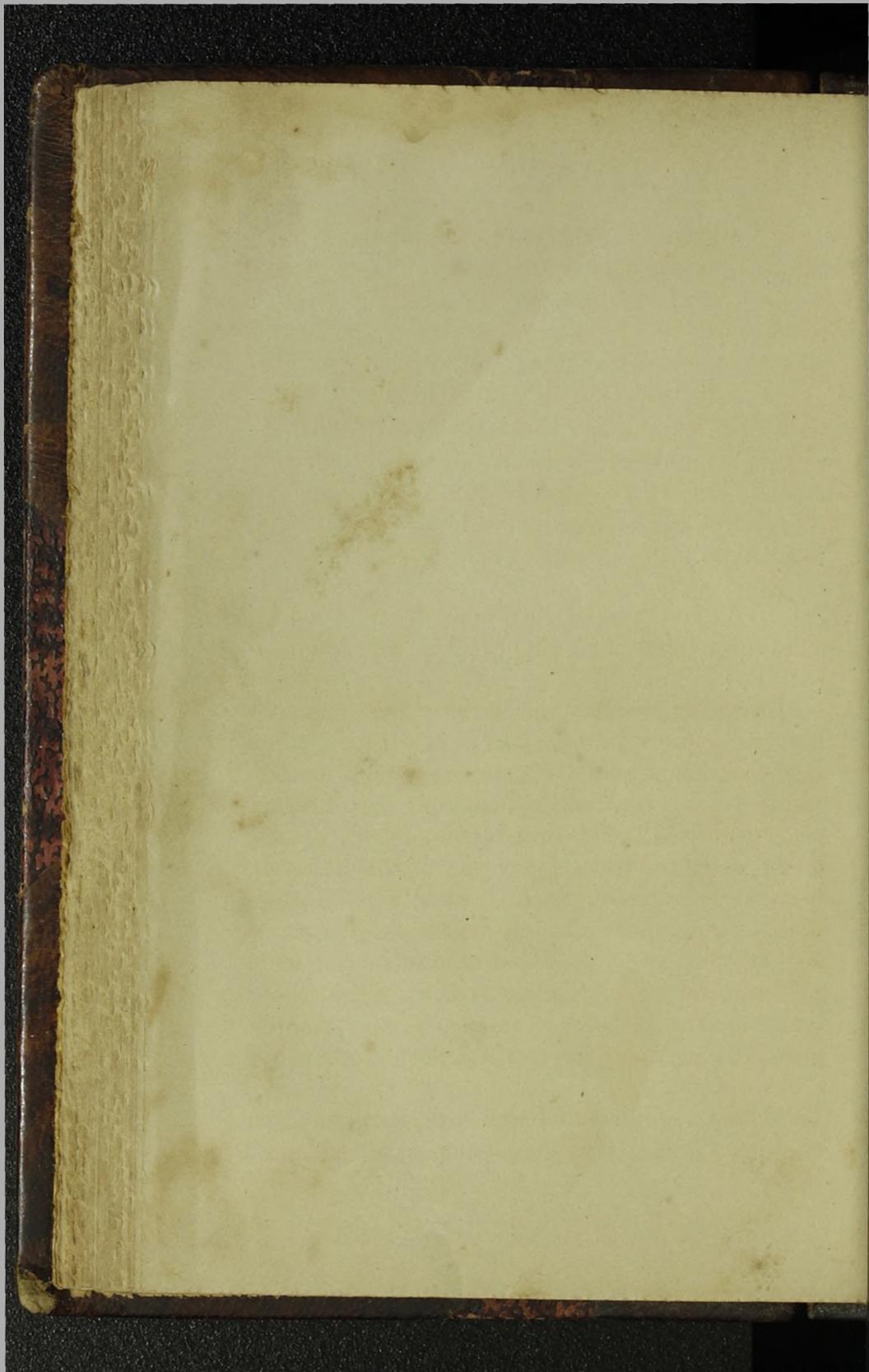
Os assistentes estavam aterrados.

O tetrico hierophante desses horrendos mysterios tinha apagado rapidamente as velas, tinha fechado o oratorio, estava de novo silencioso, sentado em seu cepo, atiçando o fogo.

A rapariga dormia, dormia profundamente, respirando alto, em estertores.

Fóra o samba continuava: ouvia-se o tutucar dos atabaques, o estrupido surdo dos pés; sonoro, melankholico, plangente, repercutia o estribilho:

“ Eh ! pomba ! eh ! „



XI

Havia muitos dias que Barbosa partira, e apenas tinha escripto uma carta ao coronel, sobre negocios, em a qual lhe dava esperanças de salvar trinta por cento do capital compromettido.

A principio Lenita mandava o moleque á villa todos os dias buscar o correio. Muito antes da hora de voltar elle, já ella estava á porta a espiar-o. Quando no alto do morro despontava o seu vulto vestido de algodão branco, sacudido pelo chouto de um burrinho ruço velho, a pôr uma mancha alvadia e movediça no amarello baço do caminho, ella corria á porteira da cerca, a enconral-o.

Tomava com mão febril o surrãozinho de sola em que vinha a correspondencia, abria-o, vira-

va-o, sacudia-o, e, como só calissem jornaes, perguntava nervosa, tremula, afagando ainda um resto de infundada esperança :

— E as cartas, onde estão as cartas ?

É indescritivel o seu desapontamento, a sua kholera mesmo, ao ouvir a resposta do moleque, em voz lenta, doce, meio cantada, indifferente :

— Carta não tem.

Abhorreceu-se, não o mandou mais á villa buscar correio, e, quando elle de si proprio, lhe ia entregar os jornaes, dizia-lhe ella com mau modo :

— Ponha lá em cima da mesa.

Um dia, a destacar-se no emmaranhamento de lettra miuda de um maço de *Jornaes do Comercio*, viu ella uma carta volumosa, empanturrada. O sangue refluuiu-lhe todo ao coração quando reconheceu a lettra de Barbosa no sobrescripto liso, de papel *diplomata* :

Ill.^{ma} Ex.^{ma} Sr.^a

D. Helena Mattoso.

VILLA DE * * *

Provincia de S. Paulo.

Arrancou-a violentamente da mão do moleque, deixando cahir por terra os jornaes, que não

curou de erguer: acolheu-se ao seu quarto, apertando-a de encontro ao seio.

Fechou a porta por dentro, á chave; semicerrou as janellas, deixando apenas intersticios por onde entrasse a luz necessaria. Não queria ser vista, não queria que ninguem a pudesse incomodar.

A tremer, com as mãos tactas, despedaçou a *enveloppe*, impacientemente, brutalmente quasi.

A carta constava de muitas folhas de papel paquete, *pelure d'oignon*, cobertas de letra cursiva em todas as laudas, tudo numerado, muito em ordem:

Lenita leu:

« Santos, 22 de Janeiro de 1887.

« Minha prezada companheira de estudos:

Aqui estou, pela primeira vez em minha vida, no porto de mar de nossa provincia, em Santos, terra callida, humida, suffocante, preferida por Martim Affonso aos feiticeiros arredores da bahia de Guanabára. Os reverendos Kidder e Fletcher, no livro que publicaram sobre o Brazil, deram-se a perros para descobrir a razão da preferencia e... ficaram em jejum. O mesmo me acontece. Com effeito, porque teria Martim Affonso preferido isto ao Rio de Janeiro? Tudo levava a crer

que era o contrario que se devia dar. Que rasgo de intuição genial, que vista interna miraculosa teria revelado ao colonizador portuguez a superioridade immensa desta zona vicentina em que ha terra roxa, em que ha um clima sem rival para a lavoura, sobre a ora limitrophe, de terra vermelha, arida, sequiosa? E o caso é que sem razão apparente, sem dados accitaveis houve a preferencia, e que essa preferencia creou a primeira provincia do Brazil, e quiçá o primeiro dos pequenos estados livres do mundo.

Eu me vejo em apuros, mas é para dizer o que vem ser esta nesga do littoral em relação á climatologia ; é para achar-lhe um termo de comparação.

Fallam no Senegal : o Senegal é mais quente, valha a verdade, mas não é tão abafado. Lá respira-se fogo, mas respira-se. Aqui não se respira nem fogo, nem cousa nenhuma. O ar é pesado, oleoso ; parece que lhe falta algum elemento. Isso quando não ha o vento celebre que os nativos chamam *noroeste* : quando sopra, quando reina esse *semóum* africano, esse vendaval-peçonha, Santos é uma miniatura do inferno : imagine-se um tufão dentro de um forno.

Os dias são horriveis : si não ha chuva, o que é raro, o sol queima, esbrazeia a terra, a ponto de se poderem fritar ovos sobre as pedras das calçadas. Mas ainda ha cousa mais horrivel do que os dias, são as noutes. A athmosphera que-

da-se, morre. Olha-se para as flammulas dos raios, immoveis; para as franças das arvores, immoveis; para os leques das palmeiras, immoveis. A gente, a asphyxiar-se no ar irrespiravel e morto, parece com os *mamouths* que se encontram inteiros nos gelos da Siberia, ou com esses insectos mumificados, ha milhares de annos, na transparencia dourada do âmbar amarello. É uma situação afflictiva, desespera, tira a coragem, dá vontade de chorar, lembra os horrores da *Treva* de Byron.

A vida aqui é uma negação da physiologia, é um verdadeiro milagre: não ha hematoze perfeita, as digestões são laboriosissimas, sua-se como no segundo grau da phthisica pulmonar, como na convalescença de febres intermittentes. Eu, si fosse condemnado a degredo em Santos, já não digo por toda a vida, mas por um anno ou dous, suicidava-me.

Mas, que peixes! que esplendidos mariscos! As pescadas amarellas, uma delicia! as garoupas, divinas! Comi em França ostras de Cancale, de Marennes, de Ostende; comi a ostra rosea do Mediterraneo, a ostra lamellosa da Corsega: nada disso se pode comparar á ostra de Santos. Tenra, delicada, savorosissima, ella apresenta essa coloração verde, esbatida, tão apreciada pelos finos *gourmets*: Maquim-Tandon, Valenciennes, Bory de St. Vincent, Gaillon, Priestley, Berthelot inventaram mil theorias

cerebrinas para explical-a, e todavia ella é apenas um symptoma de molestia, é devida a um estado morbido, a uma anasarca do mollusco.

Tão detestavel é a terra, o clima em Santos, quanto apreciavel é o peixe, quão superior é o homem: maus factores a darem productos excellentes, verdade paradoxal, mas verdade irrecusavel, absoluta.

O povo santista é polido, affavel, obsequioso, franco: a riqueza que lhe proporeiona o commercio de sua cidade fal-o generoso, até prodigo. E tem nervo, tem brio: é o unico povo que eu julgo capaz de uma revolução nesta pacata provincia. Não ha muito em uma questão de abastecimento de agua elle deu mostras de si...

Gosto, gosto immenso, em Santos, tanto do peixe, como do homem.

Um pouco de estudo agora, para não perder-se o costume, para voltarmos á nossa *marotte*, á nossa *telha*.

A costa do Brazil, como muito bem faz observar o conde de Lahure em sua obra sobre este paiz, offerece desde a ilha do Maranhão até Santa Catharina uma singularidade notavel: é debruada em toda a sua extensão por dous fundos altos, por dous arrecifes, que a bordam, que lhe constituem um como molhe natural, que a garantem da impetuosidade das ondas, continuamente agitadas no Atlantico sul-americano.

Um desses arrecifes, o que está mais chegado

á costa é uma como cincta de rochas que envolve o littoral. Em logares rasga-se até o fundo do mar; em logares ergue-se, mas não lhe chega á superficie; em logares está de nivel com ella: em logares alteia-se sobre ella até grande elevação.

São os recortes dessa penedia que formam todas as embocaduras, todas as bahias, todos os portos, todas as abras da costa brazileira.

O segundo aparcellamento, como que uma barbacã do primeiro, está em distancia de oito a quarenta khiliometros da costa, em profundeza irregular, quasi sempre fraca.

Os pontos descobertos constituem ilhas, algumas elevadissimas: as Queimadas, os Alcatrazes, o Monte de Trigo são saliencias do contraforte externo; a ilha do Enguá-Guaçu ou de Santos, a do Guaibe ou de Santo Amaro, a da Moella, a encantadora ilhota das Palmas são os picos do arrecife interno.

E que serão esses parceis, essas duas cinctas de rochas, sinão o apparecimento, as primeiras protrações, ainda marinhas, da Serra do Mar, chamada aqui Serra do Cubatão, Serra de Paranápiacaba. A cordilheira vem dos abysmos do Oceano, surge, emerge, levanta-se abrupta, fecha o horisonte com seus visos alterosos, que lá se enxergam ao fundo, cobertos de nuvens, a entestar com o céo, como barbacãs, como muralhas de um castello titanico.

Meditemos um pouco: reconstrua o raciocínio o que o homem não poude, o que o homem não póde ver no espaço breve de sua vida curta.

O mar outróra banhava a raiz da serra, e os ventos do largo, encanados pelas bocainas, suscitavam maretas temerosas na planicie onde hoje corre arfando a locomotiva.

As alluviões, os enxurros da cordilheira, grossos de terra, rolando seixos enormes, em lucta com a força das marés que se encrespavam em macaréos, foram depositando sedimentos, detritos, em torno dos nucleos penhascosos do Guaibe e do Monserrate. No volver de milhares de seculos o fundo alteou-se, emergiu das ondas, constituiu as vastas planuras do sobpé da serra. Vasas molles ao principio, lamarões, brejos marinhos, essas planicies foram-se cobrindo de mangues verdes, de siriúvas e, depois, de outras vegetações mais alentadas: formaram terrenos solidos, cortados de muitos esteiros.

A planicie santista, bem como toda a planicie da costa brasilica, é uma conquista da cordilheira.

E essa conquista continúa ainda, continuará indefinidamente, de dia, de noute, a todas as horas, a todos os momentos; lenta, imperceptivel mas interminada, incessante: não ha treguas na lucta entre a terra e o mar.

As margens dos esteiros, chamados aqui *ríos*,

approximam-se cada vez mais, o fundo sobe. Pelo canal da Bertioga passou á larga a frota de Martim Affonso, passava até bem pouco tempo o vapor costeiro *Itambé*: hoje o pequeno rebocador *Porchat* passa com difficuldade, vira com perigo, por vezes encalha.

Em Santos, juncto á cidade, não existe mar no sentido rigoroso do termo: existe um estuario de agua salobra, que tende a diminuir, que se vai fazendo razo todos os dias. E não ha obviar-lhe. O famoso e protelado caes, caso se construísse, seria um panno quente: melhoraria o porto por uns pares de annos, afinal ficaria inutilisado. O fundo vai ganhando, ha de ganhar de uma vez: o passado aponta o futuro. Debalde o oceano refluido, repulsado, concentra as forças sobre outro ponto e ataca S. Vicente. Ganhou uma apparencia de victoria, é verdade: cobre a antiga povoação de Martim Affonso, ameaça a moderna; mas lá está o inimigo, a montanha, para detel-o, para sustal-o, para repellil-o, com avalanchas de pedras, com medams de lodo.

E ha exemplos disso, recentes na historia geographica do velho mundo: Luiz IX de França embarcou-se em Aigues-Mortes, para as Cruzadas, duas vezes, uma em 1248, outra em 1269; Aigues-Mortes demora actualmente a seis khilometros do mar. A cidade de Adria sobre o canal *Bianco*, derivativo do Pó, está hoje a trinta khi-

liometros do Adriatico; pois era banhada por elle, foi ella até que deu-lhe o nome.

Em taes condições não admira o *noroeste*, não admira o calor de Santos.

O vento do largo, o vento de sudeste enca-na-se por entre as cordilheiras de Santo Amaro e do Monserrate, revolteia pela planicie, vai á cordilheira e de lá, repellido, reboja, volta, mas não volta só. Vem misturado, confundido com o vento quente do interior, com o vento aquecido nas terras roxas do oeste, aquecido no vasto *plateau* de Piratininga. E' o famoso, o temido, o execrado *noroeste*.

Ora ajunte-se o calor khimico, o calor desenvolvido pela fermentação de incalculaveis massas de detritos organicos, em uma planicie vastissima rodeada, quasi fechada por montanhas; tome-se em consideração que esse calor só é absorvido em parte minima pelos paredões da cordilheira, e que é reflectido, convergido por elles sobre Santos; attenda-se a que a visinhança do mar tende sempre a elevar a temperatura da athmosphera, e cessará a admiração de que seja isto aqui o quinto cumulo thermico do globo, de que em assumptos de callidez só preste obediencia á Abyssinia, a Calcutta, á Jamaica e ao Senegal.

E' curiosa Santos como cidade, tem côr sua, inteiramente sua.

As casas são quasi todas construidas de al-

venaria, com soleiras e portadas de granito lavrado.

O ar salitroso pelas emanções marinhas ataca, róe, carcome a pedra. Não ha ver ali superficies lisas: tudo é aspero, caraquento, semi-decomposto.

Sobre grande parte dos telhados viceja uma vegetação aerea, forte, vivaz, gloriosa.

Vista do mar, do estuario, a cidade é negra: *black town* lhe chamam os Inglezes.

Os enormes vapores transatlanticos allemães, os exquisitos e bojudos carregadores austriacos, as feias bareas inglezas e americanas de costado branco, os mil transportes de todas as nações, entram pela ria, encostam-se á praia, varam quasi em terra, afundam as quilhas no lodo negro, constellado de cascas de ostras, de ossos, de cacos de louça, de garrafas, de latas, de ferros velhos, dessas mil immundicies que constituem como que os excrementos de uma povoação. Communicam com a terra por pranchões lisos, ou canellados a tabeas.

Pelas ruas vai e vem, encontra-se, esbarra-se um enxame de gente de todas as classes e de todas as côres, conduzindo notas de consignação, contas commerciaes, cheques bancarios, maços de cedulas do thesouro, latinhas chatas com amostras de mercadorias. Enormes carroções articulados, de quatro rodas, tirados por muares possantes, transportam da estação do caminho

de ferro para os armazens, e delles para as pontes, para o embarcadouro, os saccoes de loura aniagem, empanturrados, regorgitando de café. Homens de força bruta, Portuguezes em sua maioria, baldeiam-n-os para bordo, sobre a cabeça, de um a um, ou mesmo aos dous, em passo accelerado, ao som por vezes de uma cantiga rhythmada, monotona, excitativa de movimento como um toque de corneta.

Nos armazens vastos cimentados, manobrando pás polidas, gastas pelo uso, batem o café, fazem *pilhas*, cantando tambem.

E não deixam de ter certa elegancia barbara, com um sacco vasio sobre a cabeça, á laia de capelhar, moda arabe, talvez reminiscencia inconsciente atávica.

Na praia, a poucos metros da agua, um como mercado pantopolista: sobre mesas solidas, de marmore, estendem-se alinhados com reflexos de aço, de prata, de ouro, os peixes admiraveis do lagamar e do alto — as tainhas, gordas, de focinho rombo; os paratys que são diminutivos dellas; as corvinas corcovadas, pardas; os gallos espalmados, magros; os sargos de dentes e de beiço, redondos, carnudos; as pescadas do alto, fulvas, enormes; os linguados, vesgos, delicados; as solhas, linguados gigantescos, macias, chatas; as garoupas, côr de ferrugem, de olhos esbogalhados, atarracadas, escondendo sob formas brutas um mundo de delicias gastrono-

micas; as pescadinhas brancas, argenteas, com um fio de ouro e verde a sulcar-lhes os flancos; os bagres lisos, visgientos, feios; os camarões, brancos, arroxados, com longas barbas, em rodas, sobre tampas de vime; os caranguejos, peludos, morosos, batendo uns nos outros a couraça sonora; os sirys azulados...

Em torno á casa, sob os beiraes do telhado, sob toldos de panno, ao ar aberto, pilhas de laranjas, de ananazes, de melancias, de goiabas, de cocos, de cachos de bananas, de mil especies de fructas em uma abundancia fastidiosa, desanimadora, com um cheiro enjoativo de madurez passada; grãos, legumes, hortaliças, raizes,ervas de tempero, tomates, pimentas; quadrupedes e aves, domesticos e selvagens, leitões, quatys, perus, tucanos; conchas, caramujos, esteiras, cordas, quinquilharias, uma babel, um *bric-à-brac* infernal.

Ás tres horas começa de cessar o movimento: a população immigra para S. Vicente e para a Barra. Á tarde a cidade está silenciosa, deserta, morta. Ha todos os dias uma transição crua, brusca, da agitação para o marasmo, que dá tristeza.

Eu subi ao Monserrate.

E' uma eminencia de cento e sessenta e cinco metros, quasi a prumo, coroada por uma igreja-nha branca, o que se pode imaginar de mais pittoresco, de mais singellamente grandioso, de mais encantador.

leis da chronologia: eu inverti a successão dos factos, comecei pelo fim, fallei de Santos, e calei a viagem.

Faço *amende honorable*, vou reparar a falta.

Até á capital nada havia para mim de novo: conheço de ha muito todos os caminhos de ferro, todas as estradas de rodagem que a ligam ao interior da provincia; estudei bem e até com interesse, porque della sou accionista, a Estrada de Ferro de Leste, impropriamente chamada *Estrada do Norte*.

Da capital a Santos foi que rolei em pleno desconhecido, foi que se me deparou assumpto novo de estudo.

Os campos famosos de Piratininga constituem um *plateau* que colleia suave, em outeiros mansos, emmoldurado á direita pelos cabeços longinquos da Serra do Cubatão, á esquerda pelos visos azuladas da Cantareira, pelos picos verdeongos do Jaraguá.

De leste a oeste, um pouco ao norte da cidade, rola o Tietê profundo, negro, taciturno, formando um valle extensissimo, muito largo.

A conformação actual desse valle, a turfa pantanosa que o constitue em grande parte, o alagamento annual que nelle se opera tudo attesta que elle foi em tempo um lago enorme, sinuoso, semeado de ilhas, um mar de agua doce, que ia talvez até Mogy das Cruses.

A serra da Cantareira e a vertente norte da

serra do Cubatão deram batalha alluvial ao mediterraneo doce, venceram-n-o, entupiram-n-o: o valle do Tietê é a conquista.

As correntes de aguas perennes conglobaram-se, aunaram-se, cavaram leitões, formaram os rios que hoje retalham a planicie.

Vi de relance o casarão que se está fazendo para commemorar a independencia, ou melhor, para commemorar . . . por que não dizel-o? para commemorar o desarranjo funcional que levou o sr. D. Pedro de Bragança a apear-se alli, ás quatro horas da tarde do dia 7 de Setembro de 1822.

Não ha vêr nestas paragens a flora maravilhosa das nossas zonas do oeste, os perovões, as *batalhas* enormes, os jequitibás de cinco metros de diametro: a vegetação arborescente é enfezada, baixa, quasi anã. Não é basta, continua: forma reboleiras, restingas, capões, ilhas de verdura, no amarellado pardo do campestre interminavel.

Esta região é considerada esteril, maninha: nada mais injusto. Verdade é que não vinga aqui o cafeeiro, que a canna é somenos á de Capivary e mesmo á de Santos, que o algodoeiro não se pode comparar com o de Sorocaba: mas, por Deus! nem só café, assucar, algodão é riqueza.

A vide medra de modo assombroso: com uma cultura intelligente, com uma poda antecipada, poderia ella produzir em principios de De-

zembro, evitando as chuvas de Janeiro que lhe agúam os bagos, que lhe deturpam os racimos. Em S. Caetano, em terras outr'ora baldias, de que ninguem fazia caso, ha vinhedos formosissimos plantados por Italianos. A vista alegra-se com a symmetria das parreiras, o coração rejubila com a idéia de uma prosperidade immensa, geral, em futuro não remoto, por todos os angulos de nosso . . . de nossa provincia, eu ia escrevendo *estado*.

As hortaliças são enormes: um dia destes vi eu uma couve vinda de S. Paulo que era um monstro de desenvolvimento: tinha folhas de cincoenta centimetros de diametro menor; media-lhe o caule muito mais de dous metros.

E porque não se ha de cuidar do trigo? Os antigos cuidaram com successo: em S. Paulo comeu-se muito pão de trigo da terra. Ninguem ignora o que a agricultura scientifica tem feito das landes infecundas da Gasconha. Pois os campos de Piratininga não admittem confronto com as landes da Gasconha: são-lhes infinitamente sublimados.

E a industria pastoril? Que riqueza immensa a se offerecer espontanea!

De S. Bernardo em diante a planicie muda de aspecto. Os capões, as restingas vão se convertendo em um matagal basto, contínuo, verde-negro. Aqui e alli, no dorso de uma collina, no cabeço de um outeiro, rubro, semelhante a uma

excoriação, serpeia o leito de um caminho. Na chã que se vai gradualmente alteando, destacam-se das gramineas moutas de plantas baixas, de folhas escuras, de flores roxas, muito grandes.

De um e de outro lado do trem perpassam, fogem sombras compactas, fortes: são os primeiros topes da serra. Em varios logares desnuda-se o granito lavado pelo enxurro, arrebetado pelas brocas do mineiro, esphacelado pela marreta do britador.

Em todas as arvores vêm-se epiphytas, vêm-se parasitas, de flores escarlates, de folhas lustrosas.

A makhina, arfando, em carreira vertiginosa, arrastando o *tender*, arrastando a longa cauda de carros, triumphante, rumorosa, sobe, galga, vence, domina, salva o declive aspero, rola em terreno plano.

O ar torna-se mais fino, mais humido, a luz mais viva, mais mordente.

À esquerda, rapidas, como que levantadas, emergidas subitamente, alteiam-se montanhas, visos, picos, paredões, agruras, despedaçamentos de cordilheira.

À direita, em amphitheatro pelo dorso escalavrado de uma eminencia, casebres miseraveis; sobre o rechano uma igrejainha rustica, desgraciosa, mal feita, com tres janellas, com dous simulacros de torres, a picar de branco o asul do céu e o escuro da matta.

.*

É o alto da serra.

Em frente, a alguns decametros, abre-se, rasga-se um vão, uma clareira enorme, por onde se enxerga um horisonte remotissimo, um acinzentamento confuso de serras e céu, que assombra, que amesquinha a imaginação.

Começam ali os planos inclinados por onde, sob a acção das makhinas fixas, sobe e desce a vida social da S. Paulo moderna, os carros de passageiros e os vagões de mercadorias.

Ao ganhar-se o declive, ao começar-se a descer, a scena torna-se grandiosa, imponente.

De um lado, perto, ao alcance quasi da mão, alturas immensuraveis, talhadas a pique, cobertas de likhens, de musgos, tapando, furtando o céu á vista: pelos grotões desses fraguados rolam cascatas sussurrantes, alvas, espumosas, já esfusiando em filetes, já encanando-se em jorros, já espadanando em toalhas.

Do outro lado, ao longe, a amplidão, a serra em toda a sua magnitude selvatica.

A montanhas que entestam com o céu soto-põem-se montanhas que vão tambem assentar sobre montanhas. Em paredões aprumados umas, arredondadas em cabeços outras, em pyramides regularissimas ainda outras, ellas abatem, acabrunham o espirito com a enormidade de sua massa. Dir-se-ia que foi aqui a escalada dos céos pelos gigantes, que feriu-se nestas paragens a pugna tremenda em que os filhos do céu suf-

focaram a golpes terríveis, de toda a sorte de armas, a tiros de raio, a arremesso de montanhas inteiras, a revolta tremenda dos filhos da terra.

Pelo sobpé dessas moles immanes corre um valle profundissimo, a que vão ter roladores medonhos, algares vertiginosos, precipicios assassinos.

Uma vegetação abeberada de humidade, cerrada, basta, emmaranhada, inextricavel, cobre, afoga o dorso da serrania. Não ha ver aqui os picos escaldados das cordilheiras do velho mundo; tudo está coberto por um tapete anegrado, fosco: de longe parece relva, ao perto são arvores desconformes.

Nesse verdejar sombrio a canelleira de folhas avermelhadas põe notas alegres, claras: o ipê florescido pica-o de amarello crú. As palmeiras, em uma abundancia monstruosa, incrivel, obscena, accentuam na massa confusa o desenho saliente de suas copas estrelladas.

Ao longe, na crista cerulea, indistineta, do mais elevado contraforte, um floco longo de nebrina branqueja muito vivo, como o véo de uma *uranide* colossal, roto, esgarçado na doce violencia de um debate amoroso.

Perto, a tiro de pedra, arvores esveltas ostentam, no mesmo galho, flores brancas e flores roxas, de petalas carnudas, setinosas. A embauva de folhagem escura e rebentos vermelhos ergue ousada o seu tronco esguio, branquicento.

Os raios do sol accendem na fronde das arvores vizinhas scintillações multicores, atiram sobre as cascatas punhados de diamantes: ao longe absorvem-se, não têm reflexão.

Ao findar-se o quarto plano inclinado, primeiro a contar do alto, antolha-se o viaducto da Grotta Funda, a victoria do atrevimento sobre a enormidade, do ferro sobre o vazio, da cellula cerebral sobre a natureza bruta.

Imagine, Lenita, um algar vasto; mais do que um algar vasto, uma barroca enorme; mais do que uma barroca enorme, um abysmo pavoroso, atravessado de parte a parte por uma ponte que parece acria, apoiada em columnas altissimas, tão esguias, tão finas, que, vistas em distancia, semelham arames.

Ao contemplar-se do meio da ponte essa vaquidade assombrosa, os ouvidos zunem, a cabeça atordoa-se, a vertigem chega, vem a nostalgia do aniquilamento, o antegosto do *nirvana*, o delirio das alturas, e faz-se mister ao homem uma concentração suprema da vontade para fugir ao suicidio inconsciente.

À medida que se desce a natureza muda; o ar torna-se espesso, pezado, quente, carrega-se de emanações salitradas; começa de apparecer a vegetação do litoral, alastram-se pelas incostas vastissimos bananaes.

Uma protração de rocha faz um cotovello no plano inclinado da raiz da serra: ao dobrar-

se esse cotovello, dá-se uma como mutação de scena em peça magica. A paysagem abre-se, rasga-se de vez. Por entre contrafortes, por entre alturas de serrania, que se erguem de um e de outro lado, como bastidores titanicos, alonga-se a perder de vista uma planicie extensa, chata, lisa, nivelada, pardacenta. De dous outeiros á direita que, symmetricos, redondos, suaves, emparelhados, lembram os seios de uma virgem, parte uma linha horisontal, muito escura, muito tersa: é o mar, é o oceano, cuja vista dá nome á serra — *Paranápiacaba*.

Um como sulco estira-se pela planicie, cortando aqui e alli superficies espelhantes de agua socegada: por esse sulco vai e vem enorme, acaçapada, com um desconforme glyptodonte, uma cousa chata, que deslisa rapida, vomitando fumo: o sulco é a linha ferrea; o glyptodonte, a locomotiva.

Em baixo, no começo da planicie divisa-se um amontoamento de vagões que semelha um bando de hippopotamos adormecidos ao sol.

Quando o homem pára e contempla das alturas o escalejar da serrania, o valle cortado de algares, a planicie, o littoral, a linha do mar a confundir-se com o céo; quando attenta nas forças enormes que entram em jogo no amago e na crosta da terra, na agua que a banha, no ar que a comprime, na luz que a illumina, na vida que a rói; quando por generalisação alarga o

quadro e considera o planeta inteiro; quando delle passa para os planetas irmãos, para o sol, centro do systema; quando conclue, por indução irrecusavel, que esse sol, esse centro, é por sua vez lua, satellite humilde de um astro monstruosamente immane, afogado no infinito, desconhecido, incognoscivel para todo o sempre; quando pensa que ainda esse astro gravita em torno de um outro, que gravita em torno de um outro; quando reflecte em que tudo isso é uma scena minuscula do drama da vida universal, e que o theatro espantosamente incomprehensivel dessa evolução intérrmina é uma nesguinha insignificante da immensidade do espaço, o homem sente-se mesquinho, sente-se pó, sente-se átomo, e, vencido, esmagado pelo infinito, só se compraz na idéia do não ser, na idéia do aniquilamento.

.....

.....

. A estrada de ferro ingleza de Santos a Jundiahy é um monumento grandioso da industria moderna.

De Santos a S. Paulo percorre ella uma distancia de 76 khiliometros.

Todas as obras de arte dos terrenos planos são admiravelmente acabadas, são perfeitas.

Até á raiz da serra a distancia é de 21 khiliometros: ha tres pontes, uma das quaes notabilissima sobre um braço de mar chamado *Cas-*

queiro. Mede ella 152 metros, tem dez vãos iguaes, assenta sobre pegões robustissimos.

Da raiz da serra até o rechano do alto contam-se oito khiliometros. A altura é de 793 metros, o que dá um declive quasi exacto de dez por cento.

Como se galgam esses desfiladeiros, essas agruras vertiginosas?

De modo simples.

Dividiu-se a subida da serra em quatro planos uniformes, de dous khiliometros cada um. Para a tracção empregou-se um systema adoptado em algumas minas de carvão da Inglaterra. Makhinas fixas de grande força recolhem e soltam um cabo fortissimo, feito de fios de aço retorcidos. Presos ás duas pontas desse cabo gyram dous trens: um sobe, outro desce. A agulha de um odometro indica com exactidão mathematica o logar do plano em que se acha cada trem, indica o momento do encontro de ambos elles. Um *brake* de força extraordinaria permite suspender-se a marcha quasi instantaneamente, e um apparelho electrico põe os trens em comunicação immediata com as respectivas makhinas fixas. O cabo, resfriado ao sahir por um filete de agua, corre sobre cylindros, sobre roldanas que revolvem-se vertiginosas, com um ruido monotono, metallico, por vezes forte, por vezes muito suave.

O serviço é tão regular, é tão bem feito, que

em grandes extensões ha um unico jogo de trilhos a servir tanto para a subida, como para a descida. Funciona a linha ha mais de vinte e um annos e ainda não se deu um só desastre. Pasmoso, não?

Em cada uma das quatro estações de makhinas fixas ha cinco geradores de vapor, tres dos quaes sempre em actividade. As grandes rodas estriadas que engolem e soltam o cabo, as biellas de ferro polido que as movem, os mancaes de bronze, os excentricos em que o ferro rola sobre bronze com attrito doce, tudo está limpo, luzente, azeitado, funcionando como um organismo são. Chaminés enormes, que se enxergam de longe, feitas de cantaria lavrada em rustico, atiram aos ares bulções de fumo, enovelados, densos.

Os desbarrancamentos são remendados a alvenaria; todas as aguas perennes, todas as torrentes pluviaes estão dirigidas, encanadas, por calhas de pedras, de tijolos de junctas tomadas, por bicames de madeira. Ha encanamentos subterraneos feitos em granito, gradeados de ferro, que fazem lembrar os calabouços dos solares feudaes.

Na serra de Santos a obra do homem está de harmonia com a terra em que assenta; a pujança previdente da arte mostra-se digna da magnitude ameaçadora da natureza.

O viaducto da Grota Funda é simplesmente

uma maravilha. Mede em todo o comprimento 715 pés inglezes, mais ou menos 215 metros. Tem 10 vãos de 66 pés e um de 45 entre duas cabeceiras de cantaria; assenta sobre columnatas de ferro engradadas (*treillages*) e sobre um pegão do lado de cima. A mais elevada columnata, contando a base, tem 185 pés, 56 a 57 metros. A inclinação é a inclinação geral, dez por cento ou pouquissimo menos. Começou-se esta obra assombrosa em 2 de Julho de 1863; em Março de 1865 assentaram-se-lhe as primeiras peças de ferro; em 2 de Novembro do mesmo anno atravessou-a o primeiro trem. 2 de Novembro, dia de defuntos, os Inglezes não são supersticiosos.

Uma empresa *hors ligne* esta companhia de estrada de ferro. O resultado foi além da mais exagerada expectativa optimista. O governo geral garantiu cinco por cento sobre o capital empregado na construeção, e o provincial dous. De ha muito, porém, que a companhia preseindiu de garantia, e que distribue dividendos fabulosos.

Ganham, ganham muito dinheiro, ganham riquezas de Creso os Inglezes, e merecem-n-as. O progresso assombroso de S. Paulo; a iniciativa industrial do paulista moderno; a rede de vias ferreas que leva a vida, o commercio, a civilisação a Botucatú, a S. Manuel, ao Jahu, ao Jaguára, tudo, tudo se deve á *Saint Paul Rail*

Road, á Estrada de Ferro de Santos a Jun-dialhy.

Rule, Britannia! Hurrah for the English! já que o nosso governo não presta para nada!

Vai longa esta carta: preciso é pôr-lhe termo.

Estirei-me, porque escrevendo-lhe afigura-se-me tel-a ao meu lado, e eu desejei prolongar o mais possivel a *figuração* . . .

Estou velho, e todo o velho é mais ou menos auctoritario e pedante. Ora a Lenita poz-me no vezo de condescender com o pendor da idade, escutou-me, deu-me attenção, puxou-me mesmo pela lingua . . . Aguenta-se, pois, com a *caceteação*, com a *sécca* para fallar classicamente; a culpa é sua.

Não sinto saudade da nossa convivencia, de nossas palestras ahi no sitio: a expressão *saudade* tem poesia de mais e realismo de menos. O que ha é necessidade, é fome, é sede da companhia de quem me comprehenda, de quem me faça pensar . . . da sua companhia.

Imagine que eu levo todo o santo dia e parte da noute a fallar só em café mas em café sob o ponto de vista commercial, em embarques, em saques, em descontos . . . E ai de mim, si o não fizer: aqui quem se afasta deste thema, quem não discute commercio de café passa por idiota.

Uma explicação necessaria, antes de terminar. Fui minucioso, talvez demais, em descrever a serra, os planos inclinados, as obras de arte

da companhia ingleza. Como, diabo, fiz eu tanta observação, onde fui apanhar tantos dados? Em uma descida rapida, vertiginosa, em uma descida pelo trem? Não era possivel. Uma inspiração, uma communicação espirita? Nada disse. Confesso com modestia que são humanos os meios de informação de que disponho: a sciencia infusa foi privilegio dos apóstolos, de Santo Thomaz, de Ventura de Raulica, e ainda hoje o é do abbade Moigno e do imperador do Brazil. A mim me não armarão processo esses santos personagens por empecer-lhes no direito. Nem mesmo me posso gabar de uma simples suggestão mental, de um reles ensinamento hypnotico. Pairo em regiões menos elevadas, aprendo o que sei de modo mais grosseiro. Um dia destes, nada tendo aqui a fazer, fui ao alto da serra e de lá vim a pé, vendo, observando, estudando. Ahi está como foi.

Fico anhelando pelo dia que julgo proximo de ir dar-lhe um *hands-shake* forte, energico, á ingleza.

Manuel Barbosa.,,

Lenita leu a carta com impaciencia: os detalhes, os dados exactos, as apreciações scientificas de Barbosa sobre Santos, sobre a serra irritavam-n-a: passou por aquillo tudo rapidamente, nervosamente, sem aprofundar, como quem

percorre um catalogo. Procurava o que houvesse de intimo sobre a sua pessoa, qualquer coisa que revelasse, que atraiçoasse o estado affectivo do espirito de Barbosa.

Demorou-se muito na leitura dos trechos finaes: teve um praser vivissimo, indicivel, ao ler que Barbosa a suppunha, a figurava ao lado de si, e que se prazia nessa figuração. Repetiu as phrases syllabificando, quasi deletreando, com o olho esquerdo fechado, com a attenção concentrada. Gostou immenso da maneira brusca porque terminava a carta.

O semideliqúo erotico que tivera no quarto de Barbosa fôra a confirmação de uma suspeita: reconhecera que amava a esse homem, loucamente, perdidamente.

Ante a brutalidade do factó, ao pungir goso e acerbo da revelação da carne, revoltára-se com orgulho, esquivára-se em um ultimo assomo de resistencia, evitára a Barbosa na vespera da partida.

A insomnia da noute, o vacuo enorme que a ausencia de Barbosa lhe produzira em volta, a necessidade fatal em que se reconhecera de tel-o juncto de si para viver, o desejo d'elle que a moradia, o ganho de causa que levava esse affecto novo sobre o amor profundo que votára ao pae, a Lopes Mattoso; tudo isso a convencera de que não podia recalcitrar, de que a resistencia lhe era impossivel.

Com a resolução rapida dos espiritos decididos, accitára o jugo, submetterá-se á paixão, confessára-se vencida.

Era o mais difficil.

Em curvar-se, de si propria é que ella tinha vergonha; uma vez conscia de estar curvada, pouco lhe fazia que o mundo inteiro a visse neõsa posição.

Amando, mas sem estar de todo vencida, luctaria, defender-se-ia até á morte contra o que desejava, isso em uma alcova, em um recincto vedado a todos os olhos; entregue, derrotada perante seu fõro intimo, avaliava em nada o escandalo, desprezava a opinião, era capaz de submetter-se ao vencedor em publico, no meio de uma praça, como as prostitutas do Hyde-Park.

Amava a Barbosa, confessára-o a si propria: era capaz de lh'o dizer a elle, era capaz de o proclamar á face do mundo.

E indignava-se, achava-o timido, queria que elle a adivinhasse, que lhe retribuísse o amor, que sentísse por ella o que ella sentia por elle, que se confessasse por sua vez subjugado, captivo. Amar ella, Lenita, a um homem, e não ver esse homem a seus pés rendido, aniquilado, absorvido?! Impossivel.

Releu a carta, mas releu com attenção, medítadamente, estudando. As apreciações originaes de Barbosa, o seu modo profundamente individual de ver as cousas, o enthusiasmo communi-

cativo a que se elle entregava por vezes, tudo isso reproduzia-o, aviventava-o no escripto, ao ponto de que a Lenita parecia-lhe tel-o juncto a si, ouvir-lhe a voz, sentir-lhe o halito.

As theorias sobre a formação da planicie santista e sobre o enchimento do valle do Tietê fizeram-n-a pensar, recordar-se. Tinha estado uma vez em S. Vicente, a banhos: conhecia Santos, conhecia a serra. Os factos que Barbosa consignava eram exactos, as explicações que delles offerecia eram plausiveis.

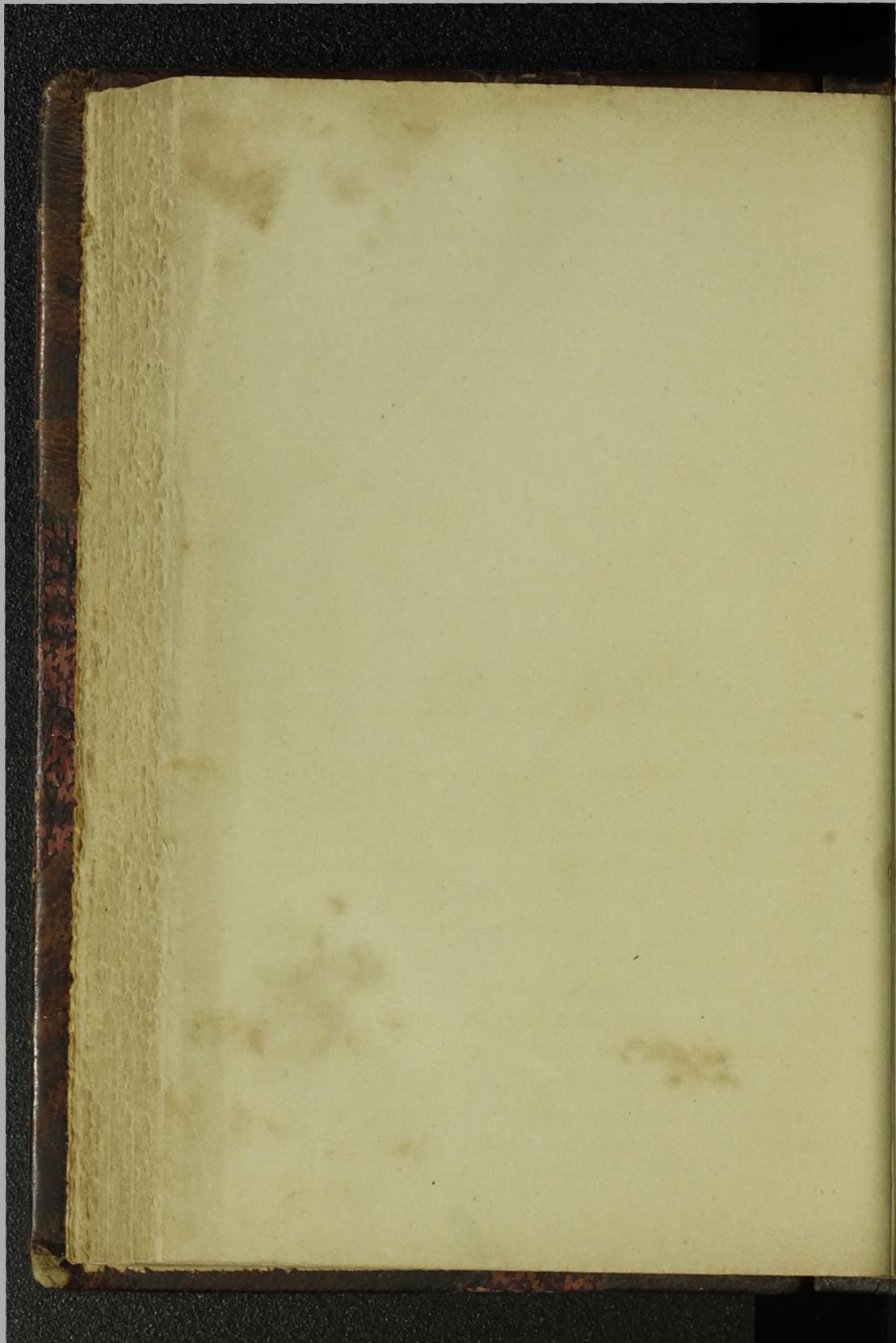
Lenita admirava-lhe cada vez mais a flexibilidade do talento, que a tudo se abalançava, que para tudo tinha *criterium*, que de tudo decidia com justeza.

A admiração pelas faculdades intellectuaes elevadissimas de Barbosa evolvia-se mansamente, naturalmente, para uma admiração pelas suas fórmas, para um desejo do seu physico, que a dementava a ella, que a punha fóra de si.

Comprehendia então perfeitamente a historia biblica da mulher de Putiphar. A vista segura que o escravo hebreu José revelára ter das cousas, a sua alta capacidade administrativa, a sua intransigencia, a sua energia, a sua modestia, prendera a attenção da formosa egypcia; mirando-lhe as formas franzinas, esveltas de éphebo, deixára-se render, deixára-se captivar e, ardente, franca, provocára-o, agarrára-o...

E Lenita enthusiasmava-se por essa mulher

tão estigmatizada em todos os tempos, e todavia tão adoravelmente carnal, tão humana, tão verdadeira: comprehendia-a, justificava-a, revia-se nella.



XII

O feitor preto viera dizer a Lenita que uma *fruteira*, na matta em frente, estava ajunctando muito passaro.

A moça mandou que se abrisse uma picada desde o carreadouro até a *fruteira*, fez limpar a sua espingardinha Galand, carregou duzentos cartuchos, e, no dia seguinte, de madrugada, seguida por sua mucama, foi pôr-se á espera.

Não tinha cahido muito orvalho, e grande era a cerração.

O caminho coberto por uma camada velludosa de arcia fina, amarellenta, embebia-se pela neblina espessa que afogava a terra. A selva formava um massiço negro, compacto. Uma ou outra arvore isolada no pasto transparecia por entre o nevoeiro, como um espectro gigantesco.

Sentia-se um frio secco, picante, sadio.

De repente Lenita percebeu o que quer que era, retouçando na areia levemente humida do caminho, a vinte metros de distancia.

Sustou o passo, levou a arma á cara e, rapido, quasi sem pontaria, desfechou.

— Que foi a que atirou, D. Lenita? perguntou a mulata.

— Vá vêr, que lá está ainda bulindo, voltou a moça, e, fazendo gangorrear o cano da arma, mettu-lhe novo cartucho.

Com effeito, um animal qualquer estrebuchava convulso, raspava a areia, atirava-a longe.

A rapariga aproximou-se cheia de receio, retrahindo o corpo, extendendo o pescoço.

— *É candimba!* gritou jubilosa, e, baixando-se, apanhou uma soberba lebre que, ferida na cabeça, ainda não acabára de morrer.

Lenita tomou da rapariga a macia alimaria, examinou-a com a volupia orgulhosa de caçadora apaixonada e triumphante, afagou-lhe o pello sedoso, passou-a de encontro ao rosto; depois mettu-a em uma bolsa de malhas, entregou-a com cuidado á mulata.

La clareando o dia; rareava o véo de neblina. O negror indeciso da matta transmutava-se em verdura. Distinguiam-se as moutas festivas das taquáras, os pennachos luzidios dos palmitos, as copas opulentas das paineiras, revestidas lit-

teralmente de um tapete côr de rosa, pela inflorescência precoce.

Perfumes agudos de orkhideas fragrantas, refrescados pelas brisas matutinas, deliciavam o olfacto, sem irritar e sem adormentar os nervos.

Ouvia-se o gorgear dos passaros, o zumbir dos insectos que, em hymno festivo, saudavam o despontar do dia.

Lenita e a mucama penetraram na matta: ahi tudo era escuro, tudo era treva. O diminuto orvalho, cahido durante a noite, se condensára nas folhas, e pingava, batendo docemente, surdamente, na camada de folhas seccas que juncava o sólo.

Os pulmões hauriam á larga o oxygenio puro, expirado da vegetação ambiente.

As duas companheiras caminharam pelo largo carreadouro, até que chegaram a uma peroveira alta, de juncto a qual partia a picada, entranhando-se pelo matto, á esquerda. Por ahi enveredaram, seguiram, até que pararam juncto de uma canelleira esguia, em fructificação temporã.

Dominava o silencio, quebrado apenas pelo gottejar manso e raro da orvalhada tenue.

Lenita mandou que a mucama se afastasse um pouco, que se sentasse, que se escondesse juncto de outra arvore qualquer.

Olhou para cima.

A folhagem da canelleira recortava-se inde-

cisa no céu ainda obscuro: de subito accentuou-se, amarellou em partes, como si a tivesse borrifado um jacto de ouro liquido: beijára-a o primeiro raio de sol do dia nascente.

Por cima já luz, vida; por baixo ainda escuridade, mysterio.

Uma sombra escura cortou veloz o espaço: era um jacú guassú. Pousou, balançando-se, em um dos galhos baixos.

Ao assentar colheu vagaroso as azas que trazia pandas, librou-se ainda nellas, fechou o leque formosissimo da longa cauda, extendeu o pescoço, espiou cauteloso á direita e á esquerda.

Após momentos de observação, trepou pelo galho, marinhou aos pulos por entre a folhagem, sumiu-se, surgiu no pino da copa, mostrando, banhada de sol, a sua barbella rubra.

Lenita, pallida de emoção, com o seio a arfar, com os nervos frouxos, sentindo dobrarem-se-lhe as pernas, olhava, contemplava extatica a ave elegantissima.

Fazendo um esforço de vontade, aperrou a arma, ergueu-a lentamente, mollemente, pol-a em mira.

Não desfechou, não teve animo; retirou-a da cara, e poz-se de novo a contemplar o *alector*.

De repente seus olhos brilharam em um como relampago negro, contrahiram-se-lhe as feições, seus dentes brancos morderam o labio rubro, e, fria, resoluta, ella encarou pela segunda vez a

espingarda, fez pontaria, puxou o gatilho, o tiro partiu.

O jacú, fulminado, revirou, despencou, veio bater no chão com um som baço, abafado.

Saltando como um felino, Lenita empolgou-o tremula de ferocidade e prazer; ergueu-o á altura do rosto, soprou-lhe as pennas salmilhadas do peito, queria vêr-lhe os ferimentos. Com voluptua indicível sentia humedecerem-se-lhe os dedos no sangue tepido que escorria.

A arma ainda estava descarregada, quando ouviu-se um vôo forte, sacudido, estalado.

Lenita levantou o olhar.

No mesmo galho, de onde derrubára o jacú, uma pomba legitima fazia brilhar ao sol em reflexos furtacores o seu collo gracioso.

Lenita abriu ligeiro a espingarda, carregou-a, levou-a á cara, fez fogo, e a nova victima cahiu ferida, pererecando em desespero, nas vascas da agonia.

A mucama, com os olhos brilhantes, com as feições expandidas pelo enthusiasmo, acudiu a metter na bolsa os passaros mortos.

— Uma pomba e um jacú, d. Lenita! exclamou cheia de jubilo.

— Silencio!

No galho fatal um tucano acabava de pou-sar: virava e revirava, para um e outro lado, seu grande bico esponjoso. Era uma maravilha o effeito de suas pennas dorsaes a contrastarem

negras com o alaranjado soberbo da gorja, com o vermelho vivo do peito: ao vel-o ostentando ao sol ardente do tropico os esplendores dos seus matizes, dir-se-ia um ente phantastico, uma flor animada, viva, que viera voando de uma região desconhecida, e que se fixára naquella arvore.

Um tiro certo de Lenita fel-o tombar, e depois a outro, e a mais outro, e a araçarys, e a pavôs, e a aves de bico redondo — uma carnificina, uma devastação.

Eram quasi dez horas: o sol ia em alto, deramando torrentes de luz, enlanguecendo, a beijos de fogo, as folhas largas do cahetê, as folhas cordiformes da periparoba. No céo muito azul esgarçavam-se nuvens muito brancas, e nesse festival de cores alegres punha uma nota negra um corvo solitario, perdido na amplidão.

Fazia calor.

— São horas, já passa até de horas de almoçar, disse Lenita. Vamo-nos embora, amanhã voltaremos.

— Que caçadão, d. Lenita. Dezenove passaros grandes e uma lebre. Não perdeu um tiro.

— Eu nunca perco tiro, respondeu a moça com fatuidade.

— Então é como eu, disse uma voz por traz de ambas, tambem não perco tiro.

Era Barbosa.

A espingarda cahiu das mãos de Lenita: com o coração relaxado, incapaz de injectar sangue

nas arterias, descorada, quasi sem vêr, ella teve de encostar-se ao tronco liso da canelleira, para não tombar desamparada.

— Que é isto, minha senhora; que é isto, Lenita, acudiu Barbosa, segurando-a sollicito.

— Tive um tal susto... murmurou a moça mal recobrada.

— Perdoe-me, fui imprudente. O desejo que tinha de vel-a, o prazer de causar-lhe uma surpresa... Perdoe-me, sim?

E tomou-lhe as mãos frias que apertou nas suas.

— Perdoar-lhe? Si lhe agradeço tanto o ter-me antecipado um pouco o gosto de vel-o. Como poude chegar a esta hora? O trem só passa pela estação da villa ás 3 horas da tarde.

— E' que vim a cavallo, para ganhar algumas horas. Caminhei a noute toda. Quando cheguei a Jundiahy, hontem, já não alcancei o trem. Tinha de estar lá, á espera, até agora: não tive paciencia.

— Não escreveu, não deu parte de que vinha...

— Eu não esperava terminar os negocios antehontem, como terminei. Os homens estavam teimosos, tinham-se encastellado na sua proposta. De repente, quando eu menos esperava, mudaram de accordo, cederam, acceitaram as minhas condições, e ficou tudo acabado.

— Satisfactoriamente?

— O mais satisfactoriamente que era possível esperar.

— Meus parabens, sinceros.

— Obrigado. Mas que mortandade, que S. Bartholomeu! Arrazou a passarada. Caspíte! Araçarys, tucanos, pombas, sabiacys, um jacú e um serelepe... não, não é serelepe, um *candimba*, uma lebre, e grande! Sim, senhora! E' uma Diana.

E com ares de amator entusiasta examinava as peças de caça.

— Diga-me, perguntou-lhe a moça, como se chamam estes passaros verdes, de bico redondo?

— Chamam-se sabiacys.

— No Brazil os *psittacidios* serão representados sómente por *arás* e *papagaios*?

— Em S. Paulo, pelo menos, são.

— Quantas especies temos de *papagaios*?

— Ao certo, que eu saiba, seis: tuins, periquitos, cuiús, sabiacys, que são estes, baitacas e papagaios propriamente ditos.

— E de *arás*?

— Quatro: tirivas, araguarys, maracanãs e araras.

— Ao todo, dez?

— Que eu conheço: no sertão pode haver mais.

— Lá ia eu com a minha *marotte* scientifica! basta, basta de ornithologia. Deve ter chegado cançadissimo e morto de fome.

— Cançado, não; com algum apetite, sim.

— Pois vamos, vamos almoçar.

— Confesso que almoçarei com prazer.

E seguiram.

Era immensa a alegria de Lenita, a gratidão mesmo em que se achava para com Barbosa, por tel-a vindo surprehender na matta, por não tel-a esperado em casa. Sentia-se lisongeada em seu orgulho de mulher. E mais, Barbosa esquecera ou fingira esquecer os justos, mas injustificaveis arrufos da vespera da partida. Amava e adquirira a convicção de que era correspondida.

No percurso da picada que mundo, que infirmitade de pequenos gosos! aqui um tronco podre, deitado, a transpôr; alli, um ramo espinhoso a evitar; uma ladeira ingreme, escorregadia, a subir. Barbosa, nessas difficuldades, ajudava-a, tomava-lhe a espingarda, dava-lhe a mão. Ella deixava-o fazer, acceitava-lhe o auxilio, não porque se sentisse fraca, porque precisasse, mas para dar-lhe a elle o papel de forte, de protector. Achava uma delicia inefavel em ser mulher para que Barbosa fosse homem. A voz mascula, doce, de Barbosa acariciava-lhe o ouvido, acalentava-lhe o cerebro, envolvia-a em uma como athmosphera de harmonia e amor.

Insensivelmente, sem darem fé da distancia, chegaram á casa.

Esperava-os na porta o coronel.

— Com que então não foi difficil encontrar a

Lenita, gritou elle. E attentando na caça: Deixa ver isso, rapariga! Ih! que razoura! No matto não ficou passaro! Esta menina! Olhe, você devia ter nascido homem... e quem sabe si você não é mesmo homem?

Lenita córou até ás orelhas.

O coronel não se deu por achado da inconveniencia.

— Vamos, vamos almoçar, que Manduca deve estar a tinir: fez a loucura de caminhar a cavallo a noute toda. Vamos!

O almoço correu bem, mas terminou desagradavelmente.

Quando estavam tomando café com leite, terminação obrigatoria do almoço rural paulista, entrou na sala uma preta velha, assustada.

— Acuda, sinhô! disse, Maria Bugra está morrendo!

— Onde está ella? que é que tem? perguntou surpreso o coronel.

— O que ella tem eu não sei. Está ahi na sala de fóra, eu a mandei trazer para ahi.

O coronel levantou-se, sahiu a vêr, afflicto, tropeço. Barbosa e Lenita seguiram-n-o.

Na sala de entrada, sobre uma marquezia forrada de couro, encostando-se a um travesseiro de marroquim que fora encarnado, estava uma preta fula ainda moça.

Estertorava com a face tumefacta, com os tendões do pescoço retezados; os olhos protra-

hiam-se das orbitas; as pupillas enormemente dilatadas tinham feito desaparecer os limbos dos iris. Das commissuras dos labios contrahidos e deformados escorriam fios de baba, viscosos, resistentes, translucidos.

O coronel abeirou-se da enferma, tomou-lhe o pulso.

— Veja isto, Manduca, que pensa você?

Barbosa aproximou-se por sua vez, procurou sentir o calor da preta na pelle do rosto, encostando-lhe o dorso da mão, achou-a fria; tacteou-lhe o pulso, encontrou-o debil, espaçadissimo; belliscou-a, ella não pareceu dar accordo disso.

— Como principiou esta molestia, perguntou elle á preta que tinha ido dar parte.

— Eh! sinhô moço! Maria estava no paiol, debulhando milho, muito socegada. De repente entrou a queixar de anciedade, levantou, andou vira-virando, entrou a gritar, a fallar as cousas á tôa. Batia com a cabeça, escumava, queria morder gente, parecia mesmo que estava louca. Depois perdeu o sentido, cahiu, ficou assim como está. Eu mandei trazer para aqui, fui chamar sinhô.

— Sim! faz muito tempo?

— Não, sinhô moço, foi agora mesmo.

— Comeu ella ou bebeu alguma cousa?

— Ella almoçou, ha de fazer duas horas.

— Não bebeu nada?

— Bebeu café, uma meia tijella.

- Donde veiu o café?
— Veiu da senzalla de pae Joaquim.
— Joaquim Cambinda?
— Sim, sinhô moço.

Barbosa foi ao seu quarto e, após breve demora, voltou com um frasquinho, meio de um liquido claro como agua. Pediu uma colher; trouxeram-lh'a. Chamou a enferma, juncto do ouvido:

— Maria!

A negra não respondeu.

— Maria! repetiu elle em voz mais alta.

A preta tentou sahir do estado soporoso em que se achava, procurou levantar a cabeça, não conseguiu; deixou-a recahir pesadamente no travesseiro proferindo uns sons inconnexos, semi-inarticulados. De sob as suas roupas exhalava-se um cheiro fetido, de materias fecaes.

Barbosa, vendo que nada poderia obter, que a vontade estava alli aniquilada, passou o frasquinho ao coronel.

— Vou abrir-lhe a bocca com a colher: vossa mercê despejará dentro o conteudo deste vidro.

— Todo?

— Todo; é uma dose forte de emetico: convem fazel-a vomitar.

Introduziu com algum custo o cabo da colher entre as arcadas dentarias da doente, e, fazendo delle uma alavanca, descerrou-lhe os queixos.

— Agora, meu pae!

O coronel vasou dentro da bocca, entreaberta á força, o liquido todo do vidrinho.

— Engula! gritou Barbosa.

A negra fez um esforço, deu um safanão violento, a colher saltou longe, e o liquido, revessado, cahiu sobre a marqueza, correu para o assoalho. A deglutição era impossivel.

— Não será bom mandar chamar o doutor Guimarães?

— Inutil, meu pae: nada ha a fazer neste caso.

— Assim mesmo...

— O dr. Guimarães só poderia estar aqui á noute, e dentro de uma hora a preta já terá morrido.

— Manduca, olhe...

— Sei o que isto é, meu pae; não ha mesmo nada a fazer.

O coronel voltou triste para a sala de jantar; Lenita e Barbosa voltaram com elle.

Sentaram-se juncto de uma janella, abatidos: a molestia da preta lançára-os em um desanimo profundo, em uma apprehensão de vagas ameaças, de perigos desconhecidos.

Entreolhavam-se, não ousando arriscar um dito, uma palavra.

E todavia essa reserva pesava-lhes, era-lhes incomportavel o silencio.

Quebrou-o Barbosa.

— Meu pae, a Maria Bugra morre, e sabe vossa mercê de que morre ella?

— Tenho medo de o saber.

— Vejo que me comprehendeu. Morre do que têm morrido varios escravos aqui na fazenda, morre envenenada.

— É bem possivel.

— Não é possivel, é certo. Lembra-se da morte do Carlos, da do Chico carreiro, da do Antonio mulato, da da Maria bahiana?

— Perfeitamente.

— Não apresentaram elles os mesmos symptomas que apresentou e está apresentando agora a Maria Bugra?

— Homem, com effeito! Apresentaram.

— Excitação violenta mas passageira, delirio, depois paralyisia quasi completa, face tumida, conjunctivas injectadas, olhos saltados, dilatação de pupillas, deglutição impossivel, queda de pulso, esfriamento geral, incontinencia de urinas e de fezes?

— Exacto.

— Pois tudo isso, estou convencido, é consequencia da ingestão de um veneno terrivel, e infelizmente muito commum entre nós, a atropina.

— Muito commum entre nós, a atropina?!

— Sim, senhor.

— Pois a atropina não se tira da belladona?

— *Tambem* se tira da belladona.

— E onde encontrar a belladona? No Brazil

só poderá haver belladona em algum horto botânico.

— Meu pae não conhece aquillo que alli está?

E Barbosa apontou para um vasto tracto de terreno, coberto de plantas baixas, escuras, de folhas repicadas, de flores brancas, em fôrma de trombeta.

— Conheço, respondeu o coronel, é figueira do inferno, mamoninho bravo, um veneno terrível, dizem. Mas você fallou em atropina.

— Scientificamente a figueira do inferno chama-se *datura stramonium*; extrai-se della um alcaloide venenosissimo, a que se chama *daturina*: Ladenburg, porém, e Schmidt verificaram, n'estes ultimos tempos, que a daturina é pura e simplesmente a atropina, a *mesma* lethal atropina que se obtem da belladona.

— E a sua convicção é...

— Que Maria Bugra morre envenenada por uma decoção fortissima de sementes de datura, e, consequentemente, por atropina.

— E tem suspeita de quem tenha sido o propinador do veneno?

— Não tenho suspeita, tenho certeza.

— Quem pensa que foi?

— Joaquim Cambinda.

A esta accusação precisa, formal, convicta, o coronel baixou a cabeça. Pensava. Barbosa tinha razão. Perdera a fazenda varios escravos, mortos todos de uma molestia exquisita, que apresen-

tava invariavelmente o mesmo cortejo de symptommas. E isso começára depois de que viera Joaquim Cambinda. Esse preto, tinha-o elle recebido com outros em herança de uma thia, já velho, incapaz de trabalhar. Nunca exigira d'elle serviço; dera-lhe até para morar, a pedido seu, um paiol largado, independente, no fundo do terreiro. Tempos havia, morrera na fazenda um feitor branco: a viuva, lembrava-lhe bem, tinha feito um berreiro enorme, infernal, dissera que o marido succumbira a *cousa feita*, accusára terminantemente a Joaquim Cambinda. Não dera elle, coronel, importancia á accusação, e essa accusação resurgia, feita agora por seu filho, homem intelligente, illustrado, muito sisudo.

— Em que se estriba você para inculpar o negro velho? perguntou após minutos de meditação.

— Em muita cousa. Primeiro, os factos, os envenenamentos indiscutíveis, e que só começaram de dez annos a esta parte, depois que Joaquim Cambinda veio para a fazenda: eu cá não estava, mas por informações acho-me ao corrente de tudo. Em segundo logar a fama de *mestre feiticheiro*, que tem elle em todo o municipio: varias pessoas de criterio têm-me interrogado a esse respeito. Depois, surprehendi-o eu mesmo, outro dia, a seccar cabeças de cobra, raizes de cicuta e de guiné, sementes de datura. E mais... elle tinha seus aggravos de Maria Bugra...

E Barbosa accentuou estas palavras, olhando para Lenita.

— E' verdade, sei, até já tive de tomar providencias por causa disso. Mas, são presumpções apenas. . .

— Que, reunidas, fazem convicção.

— Precisamos de tirar isto a limpo.

— E' o meu modo de entender: não podemos deixar correr á revelia uma cousa de tanta gravidade.

Realisaram-se as previsões de Barbosa: o estado soporoso de Maria Bugra passou para coma, e o coma para morte.

A' tarde, ao escurecer, depois da revista, o coronel mandou chamar Joaquim Cambinda.

O medonho negro veio arrastando os pés, escorando-se em um bordão, a rojar pelo solo a immunda cobertura parda, de que sempre usava.

Chegou, entrou na antesala, largou o bordão a um canto.

O cadaver de Maria Bugra ahi estava, sobre a marquezia, no meio da quadra, inteiriçado, coberto por um lençol fino que lhe desenhava as formas duras, angulosas. Quatro velas de cera allumiavam-n-o lugubrememente, casando os seus clarões aos ultimos clarões do dia.

Por entre o cheiro acre de vinagrè ferrado e o cheiro enjoativo de alfasema queimada, percebia-se um cheiro fetido, um fortum de carne podre, de decomposição cadaverica.

Joaquim Cambinda entrou, olhou com indiferença para a defunta, dirigiu-se ao coronel que, juncto com Barbosa, ali o esperava.

— Vá são cristo, sinhô. Sinhô mandou chamar negro velho, negro velho está aqui, disse na sua algaravia barbara, horripilante, impossivel de reproduzir.

— Sabe quem está alli morta, Joaquim?

— Sei, é Maria Bugra.

— De que morreu, não sabe?

— De suas molestias della.

— Que molestias?

— Eu não sei, eu não sou doutor.

— Então você não sabe, não é doutor? Não sabe tambem de que morreu a Maria Bahiana, o Antonio Mulato, o Carlos, o Chico carreiro?

— Como quer sinhô que eu saiba?

— Si você não confessar tudo o que tem feito, aqui, direitinho, mando-o acabar a bacalhau, só feiticeiro do diabo!

— Ah! sinhô! Feiticeiro, negro velho, que não farda a ir dar contas a Deus do feijão que elle comeu!

— Deixe-se de historias, de mamparras, vamos! Com que matou você a Maria Bugra?

— Não matei com cousa nenhuma, sinhô. Como hei de eu confessar uma cousa que eu não fiz?

— Si fez ou si não fez é o que vamos já saber. Pedro, João, venham cá, agarrem-me este patife.

A' porta a negrada acotovellava-se curiosa, extendendo uns o pescoço por sobre os hombros dos outros.

Os dous pretos chamados abriram caminho, empurrando os companheiros, entraram na antecâmara.

— Segurem-me este tratante, conduzam-n-o á casa do tronco. Eu já lá vou. Levem o bacalhau e uma salmoura forte.

— Que é que sinhô vai fazer comigo? inquiriu rapido Joaquim Cambinda.

— Você vai ver.

— Sinhô, Joaquim Cambinda nunca apanhou de bacalhau...

— Vai apanhar agora; será então a primeira vez.

Operou-se uma revolução medonha em Joaquim Cambinda. Atirou elle para longe de si a coberta esfarrapada, endireitou o busto derreado, ergueu a cabeça, cerrou os punhos, e encarou o coronel. Scintillavam-lhe os olhos, os beiços arregaçados deixavam ver os dentes.

— Ah! você quer saber, eu digo: fui eu mesmo que matei Maria Bugra.

— E porque a matou você?

— Porque ella comia o meu dinheiro, e me enganava com a crioulada noya.

— E os outros, o Carlos, a Maria Bahiana, o Chico carreiro, o Antonio Mulato?

— Fui eu mesmo que matei a todos.

— E porque?

— Maria Bahiana pelo mesmo motivo que me fez matar Maria Bugra. Os outros para fazer mal a sinhô.

— Para me fazer mal? Porque? Pois você não é o mesmo que fôrro? Exijo eu algum serviço de você? Não lhe dou moradia, roupa, comida? Porque me quer mal?

— Já que principiei a fallar irei até o fim. Sinhô é bom para mim, é verdade, mas sinhô é branco, e obrigação de preto é fazer mal a branco sempre que pode.

— Matar-me cinco escravos!

— Cinco! Só crioulinhos mandei eu embora dezeseite. Negro grande, nem se falla: Manuel Pedreiro, Thomaz, Simeão, Liberato, Gervasio, Chico carapina, José grande, José pequeno, Quiteria, Jacyntha, Margarida de que é que morreram? Fui eu que matei a todos.

Ergueu-se grande sussurro de entre o grupo de negros. Ouviam-se gritos, imprecações.

— Agora tambem você está mentindo: José pequeno morreu picado de cobra.

— Qual cobra! A cobra que o picou não tinha veneno. Elle morreu, mas foi da beberagem que eu lhe dei para o curar.

— Mas todos esses pobres diabos eram pretos como você: para que os matou?

— Para sinhô ficar pobre: eu queria ver sinhô se servir por suas mãos.

— E a mim nunca pretendeu você matar?

— Matar, não ; fazer penar só.

— Então sempre me queria fazer alguma cousa?

— Queria fazer ! eu fiz mesmo.

— Fez?! Que é que me fez você?

— Esse seu rheumatismo, sinhô, então que é?

Entrevamento de sinhá velha donde vem?

E o negro deu uma gargalhada feroz.

O coronel ficou aterrado.

— Levem, levem daqui esta serpente ! gritou Barbosa. Mettam-n-o no tronco, não quero mais vel-o. Vai para a villa amanhã.

Os negros apoderaram-se de Joaquim Cambinda, que não offereceu resistencia, rodearam-n-o, levaram-n-o a empurrões para o meio do terreiro.

— Então foi você que matou meu pae ! dizia um.

— Minha mãe ! bradava outro.

— Meus tres filhinhos tão bonitos, que entraram a inchar de repente, na cabeça e na barriga, a amarellar, e que morreram com as perninhas finas como pernas de rã ! lamuriou uma negra e, tomando do chão um caco de telha, bateu com elle na cara do feiticeiro.

Foi como que um signal.

Os negros todos achegaram-se a Joaquim Cambinda, uns davam-lhe punhadas, outros escaarravam-lhe, outros atiravam-lhe arcia nos olhos.

— Peste do diabo! Causa ruim!

— Feiticeiro do inferno!

— Enforque-se já este demonio!

— O melhor é queimar!

— Que se queime, que se queime!

E numa confusão horrorosa foram arrastando o desgraçado.

Ao pé do paiol estava um montão de sapé secco, e juncto delle uma mesa velha de carro, com uma roda só, desconjunctada, meio podre.

Em um momento amarraram o misero sobre essa mesa de carro, apesar da resistencia louca que elle então procurou fazer, a pontapés, a couces, a dentadas.

Trouxeram sapé, aos feixes, encheram com elle o vão que ficava por baixo da mesa.

— Kerosene! gritou uma voz, tragam kerosene!

Um moleque correu ao engenho, e de lá voltou com uma lata quasi cheia.

Um preto tomou-lh'a, subiu á mesa do carro, começou a despejar petroleo sobre Joaquim Cambinda: o liquido corria em fio farto, claro, transparente, com reflexos azulados, resaltava do peito pilloso do negro, da sua calva lustrosa, embebia-se-lhe nas roupas immundas, misturado, confundido, com o suor que manava em camarinhas. Os olhos do miseravel revolviam-se sangrentos, seus dentes rangiam, elle bufava.

— Phosphoros! phosphoros! quem tem phos-

phoros? perguntou o preto, depois que esvasiou a lata, e que fez desaparecer, Joaquim Cambinda sob um montão de sapé.

— Eu! acudiu a negra que dera principio ao motim, e estendeu-lhe uma caixa de phosphoros.

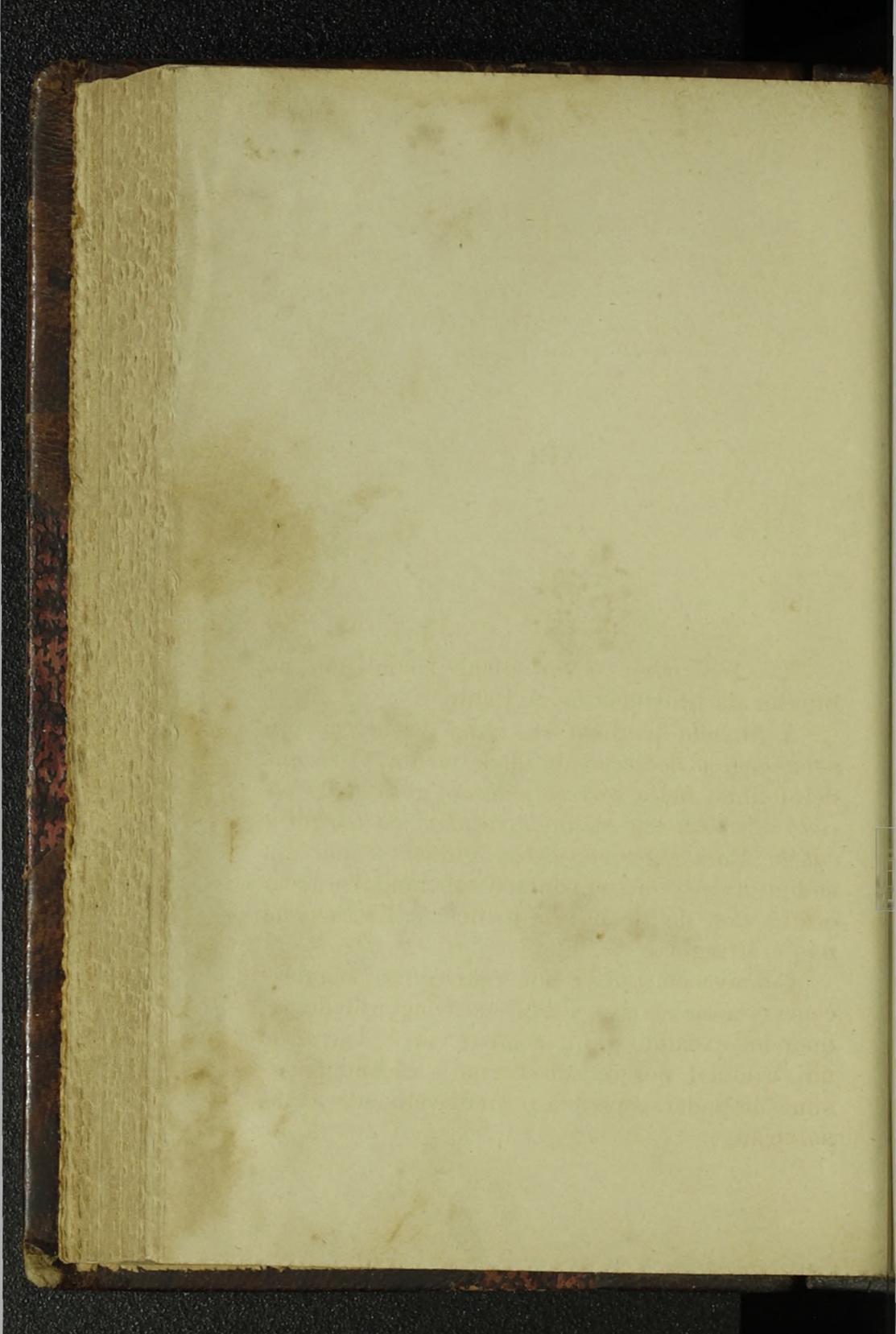
O preto saltou abaixo, tomou-a, abaixou-se, riscou um phosphoro, protegeu-lhe a chamma com a mão em fórma de concha, encostou-o ao sapé, juncto do chão.

Ergueu-se uma fumarada espessa, azul claro por cima, côr de ferrugem por baixo; a chamma scintillou em compridas linguas gulosas, lambeu, rodeou a mesa de carro, chegou ao sapé de cima e ao corpo do negro. As roupas deste, embebidas em petroleo, fizeram uma como explosão, inflammaram-se repentinamente. Elle soltou um mugido rouco, suffocado, retorceu-se phrenetico. . .

Tudo desapareceu num turbilhão crepitante de fogo e de fumo.

As faulas voavam longe, o vento carregava a distancias enormes as moinhas carbonizadas.

Sentia-se um cheiro acre, nauseabundo de chammusco, de gorduras fritas, de carnes sapecadas.



XIII

Até 1887 vivia-se em pleno feudalismo no interior da provincia de S. Paulo.

A *fazenda* paulista em nada desmerecia do solar com jurisdicção da idade media. O fazendeiro tinha nella *carcere privado*, gosava de *alçada effectiva*, era realmente *senhor de baraço e cutello*. Para reger os *subditos* guiava-se por um codigo unico — a sua vontade soberana. De facto estava fóra do alcance da justiça: a lei escripta não o attingia.

Contava em tudo e por tudo com a acquiescencia nunca desmentida da auctoridade, e, quando, exemplo raro, comparecia á barra de um tribunal por abuso enorme e escandalosissimo de poder, esperava-o infallivelmente a absolvição.

O seu predomínio era tal que ás vezes mandava assassinar pessoas livres na cidade, desrespeitava os depositarios de poderes constitucionaes, esbofeteava-os em pleno exercicio de funcções, e ainda... era absolvido.

Para manter o fazendeiro na posse de privilegios consuetudinarios, estabeleciam-se praxes forenses, immoraes e antijuridicas. Em Campinas, por exemplo, todo o crime commettido por escravos, fossem quaes fossem as circumstancias, era systematicamente desclassificado; a condemnação, quando se fazia, fazia-se no grau minimo; a pena era commutada em açoutes, e o réo entregue ao senhor, que exercia então sobre elle sua vindicta particular.

O successo pavoroso, o lynchamento atroz do feiticeiro pelos escravos da fazenda, não transpirou, e, si transpirou, si alguma cousa chegou aos ouvidos das auctoridades da villa, ellas não se moveram.

O coronel, homem bom, compassivo, horrisára-se a principio com o facto que não poudera impedir; afinal entendera que o que não tem remedio está remediado, achára até que o exemplo não havia de fazer mal. Barbosa, comquanto tivesse passado boa parte de sua vida na *philanthropica* Albião, era filho de fazendeiro, como tal tinha sido criado: não extranhára, pois, o successo, gostára até da solução que elle trouxera a um caso complicado e gravissimo.

A atmosphera de tristeza, de desalento, que um successo tragico gera sempre, foi-se pouco a pouco dissipando.

O viver da fazenda entrou logo em seus eixos: dir-se-ia até que havia melhoramento, que se estava mais á vontade. Joaquim Cambinda inspirava medo, ninguem se atrevia a proferir uma palavra contra elle, e, todavia, excepto um pequeno numero de adeptos de suas praticas, todos o odiavam. A sua morte, como a de todo o tyranno, fôra um motivo de jubilo geral, alargára todos os pulmões que bebiam ar então a haustos largos. Desapparecera o perigo invisivel e temeroso que a todo o instante a todos ameaçava.

A *fruteira* continuava a ser muitissimo frequentada por passaros de especies varias, por serelepes e até por ouriços cacheiros.

Lenita ia por diante com as suas *razzias* matinaes. Acompanhava-a então Barbosa que lhe deixava todo o prazer das caçadas, reservando-se o trabalho. Era elle quem ia buscar as aves mortas, quem perseguia e apanhava as que cahiam ainda vivas. Tendo achado um carreiro batido de caça, a alguma distancia da canelleira, escolheu um lugar que lhe pareceu apropriado, limpou-o em bom espaço, deitou milho, fez uma ceva. Ao terceiro dia notou com prazer indicivel que a caça acudia, que o milho estava comido. Em pouco tempo teve de renovar-o: tinha acabado. Entendeu que era tempo de construir o re-

paro. Fel-o quadrangular, grande bastante para duas pessoas. Tapou-o em roda com palmas de guaryrova, arranjou dentro um assento de varas, solido, relativamente commodo. Cravou no chão forquilhas para encostar as espingardas, dispoz olheiros por onde se pudesse espreitar a caça. Antegostava a surpresa agradabilissima que ia cauzar a Lenita, o arrebatamento, o extasi em que ficaria ella, ao defrontar pela vez primeira com caça de importancia, com caça grande de pello.

Deixou passar alguns dias para que a caça se familiarisasse com a choça, e, quando entendeu ser tempo azado, mandou acordar a Lenita bem de madrugada, muito antes da hora do costume. Sahiram. Para atravessar o carreadouro e a picada Barbosa teve de ir riscando phosphoros: estava escuro como breu. Ao chegarem juncto da canelleira ainda tudo eram trevas. A copada das arvores formava uma pasta compacta, negra, indistincta do negror do céu. Lenita tinha somno, bocejava. A mucama encolhia-se toda, aconchegando-se no chale.

— Parece que perdemos hoje a hora, que viemos cedo demais, disse Lenita.

— Viemos a hora precisa, respondeu Barbosa.

— Os passaros não começarão a vir nem nesta uma hora.

— Que venham quando quizerem: nós hoje não estamos cá por amor de passaros.

— Então por amor de que estamos?

— Vai vêr. Marciana, você fica aqui. Sentese, não faça a minima bulha. Agora, d. Lenita, venha comigo.

— Onde vamos nós?

— Vai vêr, tenha paciencia.

A moça, intrigada ao ultimo ponto, deixou-se guiar silenciosa, docil. Barbosa ia adiante, mostrando o caminho: ora dava-lhe a mão, ora afastava um ramo, para que lhe não batesse no rosto. Chegaram á ceva.

— Entre, Lenita, disse Barbosa, collocando-se ao lado da porta do reparo, com modo tão cortez, como si a estivera convidando para chegar ao *buffet* em um salão de *cotillon* ceremonioso, aristocratico.

Lenita entrou confiadamente, resolutamente, naquelle antro lobrego, onde nada se podia divulgar.

Barbosa entrou tambem, riscou um phosphoro, mostrou o banco a Lenita, fel-a sentar, dispoz-lhe a espingarda sobre a forquilha, assentou-lh'a sobre a ceva, sentou-se ao lado da moça.

— Mas isto que vem a ser, afinal de contas?

— É uma ceva. Agora silencio, e esperemos.

No recinto, fechado pelo tapume espesso de palmas ainda verdes havia um conchego relativo. Lenita com as mãos agasalhadas em luvas de lã, envolta em um *water-proof* de casimira

encorpada, sentindo o calor doce de Barbosa, achava-se bem. Hauria o ar puro, fresco, da matta, respirava as emanações da guaryrova, essas emanações irritantes de palmeira, que adormentam o cerebro em uma como lubricidade mystica. Ouvia com delicias o pingar manso e monotono do orvalho na camada de folhas seccas. E despercebidamente o tempo ia passando. Amanheceu. A luz penetrou na matta, deu tom aos troncos, coloriu a folhagem, allumiou o chão pardacento e varrido da ceva, em o qual o amarello do monte de milho punha uma nota muito clara.

De repente Barbosa deu com o joelho em Lenita.

Um animal pequeno, esguio, elegante emergira do matto, e avançava cauteloso, alongando o corpo fino. Chegou ao milho, retrahiu-se, encolheu-se, fugiu aos corcovos, sumiu-se, reapareceu e, sempre arisco, sempre desconfiado, principiou a comer. Pouco a pouco perdeu o receio, ergueu as patas dianteiras, sentou-se sobre as traseiras e, tomando uma espiga entre as mãozinhas, começou de roel-a com appetite, vorazmente.

Lenita com o coração a bater descompassado, descorada, quasi sem consciencia, por um como instincto venatorio, aperrou a arma, fez pontaria, desfechou.

O tiro restrugiu pela matta, repercutiu com um baque secco nas quebradas distantes.

A clareira encheu-se de fumo.

A moça e Barbosa sahiram correndo, a ver o resultado do tiro.

Juncto do milho, com o pello arrufado, percorrido a espaços por uma crispação fraca, estava o animal, atravessado de banda a banda pela chumbada mortifera.

Era uma cotia.

Ao vel-a ferida, prostrada, a exhalar o derradeiro debil alento, o prazer de Lenita foi tão intenso, que dobraram-se-lhe as pernas, e ella cahiu de joelhos, erguendo para Barbosa um olhar repassado de gratidão.

Levantou-se, largou a espingarda, tomou o animal, sopesou-o em ambas as mãos, a tremer, dementada pelo triumpho, em arrancos de riso nervoso.

— Agora é irmos para a choça, que não tarda a vir mais caça, disse Barbosa e, raspando terra com os pés, cobriu o sangue e o pello que havia no chão; depois ergueu a espingarda de Lenita, apresentou-lh'a e pediu-lhe a cotia para levar.

— Leve-me a espingarda, eu quero levar a cotia, respondeu a moça.

Installaram-se de novo na choça. Lenita carregou a espingarda, sentou-se, poz a cotia diante de si, apoiou as pontas dos pés no seu corpo macio, cravou na ceva olhares vigilantes, cubiçosos, sofregos.

Não esperou muito. Ouviu-se um estalar de

ramos quebrados e, um logo após outro, apresentaram-se dous vultos escuros, grandes, dous enormes porcos de queixo branco. Entraram no limpo da ceva confiados, lentos, magestosos, caminharam direito ao milho, trombejando, focando, fazendo estalar os dentes. Pararam, puzeram-se a comer tranquillamente, descuidosamente.

Lenita engatilhou a espingarda, quiz mettel-a em pontaria. Barbosa impediu-a com um gesto energico.

— Não se mova, segredou-lhe rapido, ao ouvido. Estamos em perigo serio.

— Em perigo?...

— Silencio!

Os dous porcos continuavam a trincar, a esmoer o milho, sem suspeitar da vizinhança de gente.

Passaram-se dez minutos, dez seculos de anxiedade para Lenita.

Barbosa lento, cauteloso, sem fazer o minimo rumor, como uma sombra, tirou a espingarda de Lenita, e poz em logar a sua, uma arma excelente de Pieper, canos *choke-rifled*, calibre 12.

— Atire com esta, disse em voz tão baixa que mal Lenita o poude ouvir, não tenha receio, não dá couce.

Lenita armou os dous cães, premendo os gatilhos para que não estalasses os gafanhotos nos dentes das nozes, levou a arma á cara e,

quasi sem apontar, disparou um tiro e outro immediatamente.

Os estampidos das cargas fortissimas ribombaram pela matta de modo pavoroso; a fumaça ennevoou a ceva, tapou tudo; sentia-se o cheiro forte, bom, de sulphureto de potassium, de polvora queimada.

Lenita, impaciente, incapaz de conter-se, quiz sahir.

Barbosa a reteve.

— Cuidado! disse, esperemos que se dissipe a fumaça. O caso é serio. São queixadas.

— Então foi a queixadas que eu atirei?

— Foi, e felizmente não ha bando, são só dous.

— Si houvesse bando?

— Estariamos perdidos.

— São assim perigosos?

— Em bando, no matto, peores do que onça. Por amor das duvidas, dê-me a espingarda, quero carregal-a.

Demoradamente foi-se dissipando o fumo. Barbosa e Lenita sahiram. Juncto do milho o chão estava escarvado, via-se muito sangue. De dentro do matto, de pequena distancia, vinha um como grunhido, um ronco lastimado.

Barbosa ordenou a Lenita que se deixasse ficar e, com a espingarda armada, prompto a dar fogo, entranhou-se no matto, do lado donde vinham os grunhidos. Não teve que andar muito:

*

a pouco espaço, perto um do outro, jaziam os dous porcos, alcançados ambos pelos tiros certos de Lenita. Um estava morto, o outro estertorava enfraquecido nos arrancos da agonia.

— *Albo notanda dies lapillo!* Venha, Lenita, venha ver o que fez! gritou Barbosa.

Lenita, apressada, correu sem se importar com os ramos que lhe açoutavam, que lhe arranhavam o rosto, sem dar fé dos espinhos que lhe rasgavam a roupa.

Chegou-se: ao dar com as suas victimas, perdeu de todo a cabeça, teve uma como vertigem, soltou um grande grito, atirou-se a Barbosa, abraçou-o phreneticamente. Depois cahiu em si, retrahiu-se confusa, desapontadissima, correu a examinar os queixadas.

Baixou-se juncto do que estava morto, examinou-lhe detidamente, minuciosamente, os cascos aguçados, as cerdas duras, longas, as orelhas tesas, a tromba lisa, os olhos pequeninos, sanguineos, os colmilhos obliquos, o queixo branco. Tirou as luvas, premiu-lhe, esvurmou-lhe a glandula tumefacta das cadeiras, fez correr o liquido lacteo, catinguento.

— Foi feliz, disse Barbosa, risonho. Fez uma proeza de que se não podem gabar muitos caçadores velhos.

— E ao senhor a devo! Obrigada!

Havia tanta doçura, tanto sentimento no modo por que Lenita disse essa phrase, que Barbosa

sentiu um calafrio percorrer-lhe o dorso. Foi-lhe precisa uma violencia enorme sobre si proprio, para conter-se, para impedir-se de atirar-se á moça, de cobril-a de beijos.

— Então, perguntou elle, voltamos ao reparo, a esperar mais caça?

— Não, respondeu Lenita, queixadas com certeza não vêm mais, e seria profanar o dia e a espingarda atirar a caça inferior. Como havemos de levar estes monstros?

— Eu mando um preto buscal-os com um cargueiro.

— A cotia ao menos eu quero levar.

— Pois levaremos a cotia.

— Aquelle porco menor não quer morrer. Vamos nós dar-lhe mais um tiro?

— Não vale a pena, elle morre logo. Está muito mal ferido.

— Mas são mesmo queixadas?

— E dos maiores.

— Boa carne?

— Excellente, melhor ainda que a do tateto.

— Em que se differença o queixada do tateto?

— O queixada, *dycotylus torquatus*, vive só na matta virgem, é maior e muito mais feroz do que o tateto, *dycotylus labiatus*, que é pequeno, medroso, e que vive ás vezes na capoeira. A nota, porém, kharacteristica que os distingue é ter o queixada o queixo branco, como está vendo.

— E é dahi que lhe vem o nome?

— Exactamente. Então, vamos?

— Com franqueza, estou sem animo de separar-me das minhas soberbas victimas. Mas vamos!

E foram.

A ceva ficou deserta por muito tempo. De subito, pequenino, atrevido mesmo pela sua insignificancia, surdiu um rato, chegou-se sem ceremonias, entrou a roer o milho, o germen sómente, o coração. Depois veio outro, e outro, um bando. O sol, coando um raio por entre a folhagem, ateava no monte de milho solto e de espigas descascadas um incendio de reflexos côr de ouro.

Rojando em ondulações por entre as plantas rasteiras da matta, entreparando em um logar, escutando em outro, veio avançando para a ceva uma cobra de grande talhe. Tinha o dorso fusco, sem brilho, maculado de losangos escuros, quasi negros. A cabeça era chata, o focinho tronco, como que aparado, com duas fossazinhas tapadas, duas ventas falsas. De cada olho partia um traço escuro que ia fenecer no pescoço. A cauda terminava em um como rosario curto, de contas corneas, ôcas, achatadas, que, ao rastejar do animal deixavam escapar um ruido leve, quasi imperceptivel, de pergaminho fuchicado.

Chegou, viu os ratos, parou, foi-se torcendo em espiral, formou um rolo, donde emergia, atenta, vigilante, a pavorosa cabeça. O olhar negro, luzente, gelido, tinha uma fixidez fascina-

dora. A lingua lurida, comprida, fina, bifida, açoutava o ar em rapidas lambidellas. Um dos roedores percebeu o reptil, fitou-o aterrado, encolheu-se, enovelou-se, arripou o pello, começou a chiar lastimosamente, miseravelmente. Os outros desappareceram.

Continuava a fascinação.

O desgraçado rato tremia. Começou de mover-se, ás guinadas, dando saltos irregulares, ataxicos. Não fugia, avançava para a cobra. Chegou-se-lhe muito perto. O rolo hediondo distendeu-se rapido, como uma mola de relógio, que se escapa do tambor, deu um bote. O animalzinho, ferido pelo dente fulmineo, virou de costas. Dentro de um minuto esteve morto.

A cobra desenrolou-se então de uma vez, estendeu-se ao comprido, abriu, escancarou uma bocca enorme, começou a deglutir a preia, desarticulando as mandibulas para dar passagem ao corpo relativamente volumoso . . .

Depois saciada, farta, com o repasto a formar um bolo visível exteriormente no abdomen dilatado, foi deslizando, lenta, preguiçosa, em busca de um abrigo, té que chegou ao reparo, entrou, enrodilhou-se em baixo do banco de varas, e ahí começou o somno comatoso da digestão ekhidnica.

Lenita passou o dia contentissima, a lembrar-se a todo o momento da sua brilhante façanha venatoria. Fechava os olhos, via a ceva,

os queixadas. Estava satisfeita consigo, estava orgulhosa.

O jantar foi alegre.

Louro, coberto de rodellas de limão, apetitoso, tentador, figurou nelle o lombo de um dos queixadas. A peça nobre, a cabeça, *la hure*, desossada magistralmente por Barbosa, que, como o velho Dumas era perito em culinaria, campeou em um prato travessa, imponente, magestática, fragrante, captivadora.

— Hoje morro de indigestão, e é você quem me mata, Lenita, dizia o coronel, repetindo pedaço sobre pedaço. Ha que annos que me não encontro com porco do matto! Esta cabeça está divina; como ella . . . só o lombo!

Lenita tambem gostou, comeu muito.

Logo depois do café, ella, Barbosa e a muçama seguiram para a ceva.

Muito embora seja quente o dia, na matta ha sempre frescor. A luz não é crua, mordente, como em uma campina raza; esbate-se, quebra-se, dá aos contornos dos objectos um avelludado molle, uma languidez suavissima. Os sons se abrandam, tomam um como timbre murmuroso. Na matta domina a todas as horas o que quer que é de vago mysterio.

Lenita nessa athmosphera balsamica, sadia, achava-se feliz. Ao bem estar gososo, indefinivel, que gera a boa digestão de um repasto succulento, junctavam-se alegrias de mente, a cons-

ciencia de que seu amor por Barbosa era correspondido, o triumpho esplendido, inesperado, incrível sobre duas temerosas feras. Fôra por traição que as matára, a tiro, escondida. . . embora! Na lucta terrível da vida toda a arma aproveita. A astucia é uma força. A espingarda de bala explosiva é que equipara o homem ao rhinoceronte: para mostrar coragem irá o homem atacar o rhinoceronte sem espingarda de bala explosiva? As alimarias da selva não se deixam approximar, fogem mal farejam a vizinhança do homem; o homem só consegue tel-as em alcance, escondendo-se, dissimulando-se: pois, para ser leal, irá o homem avisal-as a gritos de que se acha presente? A força é uma contracção da fibra muscular, o pensamento é uma irritação da cellula nervosa: porque não empregar uma contra a outra? Na batalha da existencia, seja qual fôr a arma a empregar, o que importa é não ficar vencido: o vencedor tem sempre razão. Os queixadas tinham morrido, Lenita estava triumphante: o cerebro vencera o musculo mais uma vez. O facto era esse, o mais não entrava em linha de conta.

Barbosa quedou-se ao pé da canelleira, a estudar umas epiphytas que descobrira sobre um tronco carcomido.

— Então não vem? perguntou-lhe Lenita.

— Já não. Leve comsigo a Marciana que póde ajudal-a no que fôr preciso. Perigo não

existe mais: queixadas só havia aquelles, desguaritados de uma vara que por aqui estanceou, ha meses. O administrador conhecia-os, já os tinha visto quando andou a tirar madeiras.

— Então até logo.

— Até já, eu não me demoro.

Lenita seguiu com Marciana por um pouco; mandou que ella se quedasse alli, juncto de uma arvore, ao alcance da voz, ás ordens; chegou-se á ceva, espiando de longe, cautelosa. A ceva estava deserta.

Entrou no reparo, sentou-se, dispoz a espingarda, começou a esperar.

Um bando de urús vinha-se approximando: por duas vezes ouviu ella perto o seu harpejo aflautado, sonoro, intercadente. Mostraram-se, invadiram a ceva. Eram doze. Uns deitaram-se, desidiosos, dyspepticos, arrufando as pennas, espojando-se; outros entraram a comer gulosamente, sofregamente.

Lenita fez um movimento para erguer-se, e pisou em uma cousa molle, que achatou-se sob a pressão do seu pé. Ao mesmo tempo quasi, uma como chicotada surrou-lhe as pernas, e ella sentiu no peito do pé esquerdo um ligeiro prurido, um pequeno ardor.

Fez-se um reboliço nas palmas do tapume, ao rez do chão, e ouviu-se um chocalhar aspero, nervoso, irritante, como de uma vagem secca de fava, em vibração phrenetica.

A um canto do reparo, armada, prompta para novo bate estava a cascadeira. Os olhos pequeninos, fixos, luzentes como diamantes negros, pareciam despedir relampagos gelados. O extremo da cauda, erguido verticalmente, tremia como o badalo de uma campainha electrica, como um jacto de vapor a escapar-se de um conducto estreito.

Lenita sentiu-se ferida, conheceu o perigo em que estava. De um salto sahiu do reparo, atirou-se para o limpo da ceva.

Os urús fizeram uma revoada temerosa, fugiram em todas as direcções.

Com admiravel presença de espirito Lenita sentou-se no chão, descobriu a perna, tirou o sapato e a meia.

Na pelle alvissima do peito do pé viam-se dous arranhões parallellos, pequenos, de pouco mais de um centimetro de comprimento.

Lenita espremeu-os, limpou-os de uma como serosidade amarella que continham, tirou a fita que lhe prendia a trança, amarrou a perna, acima do tornosello, apertou muito a atadura.

Depois gritou pela rapariga, mandou que chamasse Barbosa, a toda a pressa.

Barbosa não se demorou.

Ao dar com Lenita, pallida, sentada no chão da ceva, sem espingarda, com um pé descalço, ficou pasmado, não sabendo o que pensar.

— Que tem, Lenita, que lhe aconteceu, perguntou, acercando-se, anciado.

- Estou picada de cobra.
— Não me diga isso, não brinque assim.
— É serio.
— Onde é que está picada?
— Aqui no pé, veja.
— Sabe que cobra foi?
— Cascavel.

Barbosa empallideceu; por um momento ficou como atordoado. Dominou-se, porém, logo, ajoelhou-se, tomou o pé de Lenita entre as mãos, examinou-o detidamente.

— Não ha de ser nada, disse. Nenhuma veia importante foi tocada. A precaução que tomou de atar a perna com esta fita foi excellente. Agora, nada de acanhamento, entregue-se a mim, deixe-me fazer o que entendo.

Tirou do bolso um charuto, trincou-o nos dentes, mascou-o, encheu a bocca de tabaco dissolvido em saliva, tomou de novo o pé de Lenita, com respeito, com adoração quasi, chegou-lhe a bocca, entrou a sugar-lhe a ferida a sorvos vagarosos, continuos, fortes.

Cuspiu, renovou o tabaco, repetiu a operação.

— É curioso, disse Lenita, eu nada sinto, nada absolutamente; é como si não tivesse sido picada.

— Mas tem certeza mesmo de que foi cobra, de que foi cascavel?

— Ora! Escute lá. Ouve?

No reparo continuava a chocalhada sinistra.

Barbosa tomou a espingarda, aperrou-a, aproximou-se do reparo, olhou pela porta, levou a arma á cara, fez fogo. Depois entrou, e sahio logo com a cobra, morta, suspensa pela cauda. Tinha de seis a sete palmos, era muito grossa, um crótalo medonho, um monstro.

— Lenita, disse Barbosa, atirando o reptil ao chão, seria fazer-lhe injuria querer dissimular a gravidade do que aconteceu. Mas as providencias tomadas dão-nos quasi ganho de causa: você com a atadura impediu em tempo a circulação do sangue, e por conseguinte a absorpção do veneno; eu suguei a ferida, e retirei o que era ainda possivel retirar. Sente alguma cousa agora?

— Apenas um pouco de turvação na vista.

— Vamos para a casa. Vou seguir um processo racional de curativo, e espero vel-a logo risonha e alegre, outra vez aqui na ceva. Não tire, não deixe afrouxar o amarrilho da perna.

Foram. Lenita em caminho teve duas vertigens, quasi cahiu. Em algumas subidas asperas Barbosa carregava-a. Marciana acompanhára-os levando as espingardas.

Chegaram. Lenita despiu-se, deitou-se. Tinha frio, sentia somnolencia.

Barbosa foi ao seu quarto e de lá voltou com uma garrafa de rhum: abriu-a, encheu um calix grande, fel-o beber a Lenita, inteirinho, de uma vez.

— Bom, temos meio caminho andado. Agora toda a docilidade, sim?

Lenita acquiesceu com um gesto triste.

Barbosa assentou-se á beira da cama, levantou discretamente uma parte das cobertas, tomou o pé ferido de Lenita, desfez o atilho da perna. Um vinco em circulo afundava-se livido, um pouco acima do tornosello. O pé estava inchado.

Esfregou por algum tempo a pelle, restabelecendo a circulação; tornou depois a pôr a ligadura.

Lenita entrou a ficar anciada, afflicta.

— Dóe-me a cabeça, foge-me de todo a vista, confundem-se-me as idéias.

— Tome mais um calix de rhum, é preciso.

— Tomo, mas escute, diga-me uma cousa, com franqueza, eu vou morrer, não?

— Não, não morre. Eu respondo pela sua vida.

— Não morro! Diz isso para me animar. Eu bem sei o que é veneno ophidico.

— Tambem eu, e por isso affirmo que não morre.

— Seja. Em todo o caso quero-lhe dizer uma cousa, chegue-se aqui bem perto.

Barbosa aproximou a cabeça do rosto da moça.

— A minha convicção é que morro, e eu não quero morrer sem lhe contar um segredo.

— Diga, Lenita, diga o que quizer, confie em mim, sou seu amigo.

— Amo-o, Barbosa, amo-o muito . . .

Barbosa teve um deslumbramento. Dominou-se, curvou-se, beijou Lenita na testa, castamente, paternalmente.

— Pobre menina! . . . Mas não morre! Tome mais um calix de rhum, sim?

— Ora, o primeiro já me atordoou.

— É mesmo para isso, tome.

Lenita ergueu-se, bebeu a custo, recahiu pesadamente sobre o travesseiro.

— Tenho somno . . . quero dormir . . .

E fechou os olhos.

Barbosa velou-lhe á cabeceira quasi a noute toda: de meia em meia hora desfazia-lhe o atilho da perna e, depois de ter restabelecido a circulação por um pouco, tornava a apertal-o: a moça não dava accôrdo. Inconscientemente, a dormir, murmurando palavras inconnexas, ingeriu mais dous calices de rhum que lhe fez beber Barbosa, meio á força.

Pela madrugada despertou, chamou a muçama. Barbosa retirou-se, discretamente. Lenita tornou logo a adormecer.

Quando amanheceu Barbosa interrogou a muçama.

— D. Lenita urinou?

— Urinou, sim, senhor.

— Deitou você fóra a urina?

— Não senhor, está alli no vaso, dentro do criado mudo.

— Vá buscar.

A rapariga trouxe o vaso: estava acima de meio de uma urina carregada, sanguinolenta.

— D. Lenita suou?

— Não reparei, não, senhor.

— Vá ver. Si tiver suado, troque-lhe roupa, e traga-me aqui a camiza molhada.

Dentro de dez minutos a rapariga voltou com o camisolão de dormir, que tirára de Lenita, humido, levemente tincto, em alguns logares, de um vermelho deslavado.

Ao meio dia a moça acordou. Estava fresca, bem disposta, sentia-se com apetite.

Barbosa mandou vir um caldo de frango, succulento, grosso; fel-a tomar uma chicara delle e beber um calix de vinho velho.

O coronel, informado do que acontecera, estava afflictissimo.

— Vegetalina, porque não lhe deu vegetalina? E' um grande remedio.

— Grande remedio é o alcool, respondeu Barbosa. A vegetalina e outros quejandos especificos devem o effeito, que se lhes attribue, ao alcool em que são administrados.

— Olhe que a vegetalina tem arrancado muita gente da sepultura.

— E como se dá a vegetalina, não me dirá?

— Em cachaça forte, de vinte e quatro graus.

— Ora ahi está. Lenita não tomou vegetalina, e eu a considero livre de perigo.

— Tinha pouco veneno a cascavel, era pequena?

— Era enorme.

— E Lenita, acha você que esteja livre de perigo?

— Ella teve a boa inspiração de atar a perna; eu chupei-lhe as feridas; pouco veneno foi absorvido.

— Você chupou! E poz fumo na bocca? Não tinha alguma fistula na gingiva, alguma excoriação na lingua?

— Felizmente tenho a bocca perfeitamente sã.

— E que lhe deu você a beber?

— Alcool excellente, rhum de Jamaica.

— Só?

— Só.

— Um! não sei . . .

— O meu tractamento foi todo racional: puz em pratica o que aprendi de Paul Bert, que o aprendeu de Claud Bernard. Vossa mercê conhece bem o jogo da circulação. O sangue hematosado nos pulmões vai, pela veia pulmonar, armazenar-se nos compartimentos esquerdos do coração: dahi sai pela aorta, corre pelo systema arterial, vivifica todo o organismo, chega aos capillares, transfunde-se, torna carregado de residuos pelas veias, entra na auricula direita do coração, recolhe os elementos reparadores trazidos pelas veias sub-clavias, passa para o ventriculo respectivo, volta a depurar-se, a reoxygenar-se

nos pulmões, e assim por diante, sempre. Ora muito bem. No caso de uma injeção qualquer de veneno, de uma mordedura de cobra, por exemplo, ha tres phases, tres *étapes* indefectíveis: primeira, dissolve-se o veneno nos humores animaes que se encontram na ferida; segunda, penetra o veneno nas veias e é levado ao coração; terceira, põe-se o veneno em contacto com os elementos organicos do corpo por meio da torrente arterial. Meu pae sabe que o que constitue *venenosa* uma substancia qualquer, não é a sua qualidade, mas sim a sua quantidade: um milligrama de estrykhnina não é veneno para o homem porque, tomado de uma vez, não o mata; um litro de cognac é veneno para elle porque, tomado de uma vez, fulmina-o. Um veneno que se elimina antes de exercer acção toxica deixa de ser veneno. No caso de mordedura de cobra, para que o veneno produza effeito mortifero, é preciso que a sua eliminação seja desproporcional, é preciso que seja menor do que a absorpção; é indispensavel que haja accumulção no sangue. Pois bem: o veneno está na ferida, mas não póde subir, que lh'o impede uma ligadura. Impossivel prolongar tal estado, traria a gangrena. Força é desfazer o atilho, deixar subir o sangue, e com elle o veneno. Desfaz-se, deixa-se; aos poucos, porém, de modo que o veneno que entra com o sangue não seja sufficiente para produzir acção lethal, de modo que seja eli-

minado antes que venha outra quantidade que, sommada com elle, possa produzir essa acção. Assim, pois, solta-se a ligadura, aperta-se de novo, torna-se a soltar, torna-se a apertar, até que todo o veneno tenha percorrido o corpo e tenha sido eliminado sem effeito mortifero. O alcohol excita os nervos, aviva a torrente circulatoria; ajuda, portanto, facilita a eliminação.

— E ha exemplos de curas realisadas com esse processo?

— Innumeros. Claud Bernard salvava, quando queria, animaes que elle proprio tinha ferido com flexas curarisadas. Na provincia do Rio um amigo meu foi picado por um surucucú enorme, e eu salvei-o seguindo este tractamento.

— Então a Lenita? . . .

— É o meu segundo caso de cura: julgo-a tão livre de perigo agora, como o estava hontem, antes de ser picada.

— Posso vel-a?

— Por certo.

Entraram no quarto. Lenita estava sentada na cama, com as pernas encruzadas á chineza, por debaixo das cobertas. Alegre, radiante, tinha esse ar de triumpho que têm todos os doentes escapos de molestia grave. Um lenço de cambraia alvissima, dobrado em tira, cingia-lhe a cabeça como um diadema, fazendo sobresahir o brilho dos olhos, o negror dos cabellos, o doirado pallido das faces. Uma camiza de dormir,

afogada, de seda crua, mal dissimulava nas pregas largas e molles a linha dura dos seios.

— Então, com que, prompta para outra! disse o coronel. Pois escapou de boa! É no que dão as caçadas. Podia estar morta a esta hora!

— Mas estou viva.

— E não ganhou medo ao matto?

— Não, ganhei experiencia. Serei vigilante, cautelosa para o futuro; não assentarei o pé em um logar qualquer sem o ter examinado bem primeiro. E, realmente, mais foi o susto. Olhe, eu tive um pouco de dor de cabeça, enfraquecimento geral, somnolencia: soffrer, soffrer mesmo, não soffri.

— Foi feliz, acertou com bom medico.

Lenita volveu para Barbosa um olhar doce, repassado de gratidão.

XIV

O veneno da cobra parece deixára viciado o sangue de Lenita.

Sentia-se ella tomada de accessos subitos de fraqueza moral, exactamente como nos primeiros tempos de sua vinda para a fazenda.

Deixára de caçar, deixára de lêr; extinguiu-se-lhe a sede de sciencia.

Sentava-se a toda a hora na rede ou em uma cadeira de balanço e immergia-se em scisma. Comia pouco, quasi nada.

Ás vezes encostava-se á mesa, debruçava-se, pegava em um lapis, em uma flor, em um objecto qualquer, e virava-o, revirava-o, batia com elle em rhythmo extranho, durante tempo largo, com os olhos parados, sem expressão na face,

como si estivesse a um milhão de leguas das cousas da terra.

Barbosa, por sua parte, tornára-se reservado : a confissão de amor que Lenita lhe fizera acanhava-o a elle.

Insensivelmente deixára-se prender em um laço de que não cogitára, que nem siquer suspeitára. Achava-se em posição escabrosa.

Amava a Lenita doidamente, perdidamente ; sabia que era della amado ; ouvira-lh'o a ella propria. Que mais ? Ou cortar de vez tudo, fazer as malas, embarcar-se para a Europa, ou tornar-se abertamente amante da rapariga. A *flirtation* sentimental, platonica, naquelle caso, era uma imbecillidade, um cumulo de ridiculo.

E Barbosa passava a mór parte do tempo em visitas e jogos pela vizinhança, elle que dantes não jogava, que não visitava a ninguem.

Andava pelo matto, de espingarda ; mas a espingarda era um pretexto ; elle não caçava.

Uma tarde, ao descambar do sol, sentou-se cançado á raiz de uma figueira branca, no centro da matta virgem. Olhou para cima, makhinalmente ; viu um enorme quaty mundé, que o espiava da bifurcação de um galho, fazendo-lhe gaifonas com o longo focinho ponteagudo. Como si não bastasse a tentação, ouviu-se um batido de azas forte, volumoso, e um macuco gigantesco veiu empuleirar na figueira, bem por cima do quaty. Pousou, achatou-se em um galho, sa-

culdiu-se, aconchegou-se, encolheu a cabeça, soltou tres pios altos, seguidos, compassados. Barbosa não prestou atenção nem ao quadrupede, nem á ave. A sua espingarda continuou immovel entre os seus joelhos.

Por diante dos olhos, em uma como visão beatifica, esvoaçava-lhe a imagem de um pé, do pé de Lenita, branco, setinoso, brevissimo, com unhas roseas, transparentes, e veias azuladas.

E elle beijára esse pé, mais do que isso, elle o sugára lentamente, por muito tempo, tendo na mão o calcanhar adoravel, redondo, rubro, onde a pressão de seus dedos deixava marcas muito brancas.

Sentia o saibo da pelle fina, velludosa, ameaçada de morte, mas cheia de vida. Seus labios como que tinham memoria, recordavam-se.

E o beijo paternalmente parvo que lhe dera na testa ao confessar-lhe ella o amor que lhe tinha. Ainda lhe hauria o perfume natural dos cabellos, o halito fresco, lacteo, são, como o que vem da bocca de um bezerro novo.

Porque não acceitar esse amor que se impunha, que se dava, que se offerecia?

Não procurára elle a Lenita, viera ella a seu encontro, conscia da situação, sabendo que elle era casado, que a não poderia nunca desposar legitimamente.

E sem rebuços, com impudencia castissima, fizera uma confissão que as mulheres nunca que-

rem ser as primeiras a fazer. Gracejo não tinha sido, a occasião não era para gracejos.

Que mal adviria ao mundo de que se enlaçassem, de que se possuissem, de que se gosassem um homem e uma mulher que se amavam?

Não se podia casar com Lenita! Que tinha isso? Que é o casamento actual sinão uma instituição sociologica, evolutiva como tudo o que diz respeito aos seres vivos, soffrivelmente immoral e muitissimo ridicula? O casamento do futuro não ha de ser este contracto draconiano, estúpido, que assenta na promessa solemne daquillo exactamente que se não pode fazer. O homem, por isso mesmo que occupa o supremo degrau da escada biologica, é essencialmente versatil, mudavel. Hypothecar um futuro incerto, menos ainda, improvavel, com sciência de que a hypoteca não tem valor, será tudo quanto quizerem, menos moral. Amor eterno só em poesia piegas. Casamento sem divorcio legal, regularisado, honroso, para ambas as partes, é caldeira de vapor sem valvula de segurança, arrebenta. Encasaca-se, paramenta-se um homem; atavia-se, orna-se de flores symbolicas uma mulher: e lá vão ambos á igreja, em pompa solemne, com grande comitiva: para que? para annunciar em publico, em presença de quem quizer ver e ouvir, a repiques de sino e som de trompa, que elle quer copular com ella, que ella quer copular com elle, que não ha quem se opponha, que os parentes

levam muito a bem... Bonito! E a multidão de *badauds*, velhos e moços, machos e femeas, de olhos encarquilhados e dentes á mostra em riso alvar, dando-se cotovelladas maldosas, segredando obscenidades! Seria ridiculo, si não fosse chato, sujo.

O amor é filho da necessidade tyrannica, fatal, que tem todo o organismo de se reproduzir, de pagar a *divida do antepassado*, segundo a formula brahmanica. A palavra *amor* é um euphemismo para abrandar um pouco a verdade ferina da palavra *cio*. Physiologicamente, verdadeiramente, *amor* e *cio* vem a ser uma cousa só. O inicio primordial do amor está, como dizem os biologos, na affinidade electiva de duas cellulas differentes, ou melhor, de duas cellulas differentemente electrizadas. A complexidade assombrosa do organismo humano converte essa affinidade primitiva, que deveria ter sempre como resultado uma criança, em uma batalha de nervos que, contrariada ou mal dirigida produz a khólera de Akhilles, os desmandos de Messalina, os extases de Santa Thereza. Não ha realceitar contra o amor, força é ceder. Á natureza não se resiste, e o amor é a natureza. Os antigos tiveram uma intuição clara da verdade quando symbolizaram em uma deusa formosissima e implacavelmente vingativa, na Venus Aphrodite, o laço que prende os seres, a alma que lhes dá vida.

Lenita se lhe offerecia, pois bem, elle seria o amante de Lenita.

E Barbosa ergueu-se robustecido, forte, como quem acaba de tomar uma resolução definitiva; caminhou apressadamente para a casa.

Quando chegou era quasi noute, já estava escuro.

Entrou no seu quarto, largou a espingarda e a patrona, riscou phosphoros, accendeu uma vela, lavou as mãos.

Sahiu.

No corredor, ao chegar á antesala, deu com alguém: era Lenita.

— Oh! exclamou elle.

As mãos de ambos como que se procuravam no escuro: encontraram-se, enlaçaram-se.

Barbosa puxou Lenita para si, quiz beijal-a na bocca, não teve animo, beijou-a ainda na testa.

Lenita abandonava-se, entregava-se, mollemente, sem resistencia.

No corredor tudo eram trevas: Barbosa não via a chamma negra de volupia que torvelinhava nos olhos da moça; não lhe via a pallidez das faces, o rubor dos labios, a arfarem tumidos, mendigando beijos; não lhe via o quebramento langue do pesçoço.

A resolução tomada fraqueou, cedeu: sentiu-se Barbosa sem coragem, sem desejos, sem virilidade mesmo. Batia-lhe o coração em estos de-

sordenados, como o de um seminarista que pela vez primeira se acha a sós com uma mulher da vida.

De repente afastou Lenita de si com gesto brusco, fugiu desatinado.

Ouviu-se um soluço triste, dorido, que vinha das trevas do corredor.

A ceia dessa noute correu cheia de constrangimento: nem Barbosa olhava para Lenita, nem Lenita para Barbosa. Comiam, ou antes, fingiam comer em silencio.

— Esta menina precisa de tomar remedios, disse o coronel, reparando no abatimento, no appetite quasi nullo de Lenita. Depois da tal historia da cobra deixou de ser o que era. Si tivesse usado da vegetalina o caso seria outro.

Veiu o chá: quando acabaram de tomal-o, Barbosa levantou-se, deu boa noute ao pae, despediu-se de Lenita em voz sumida, soturna, ceremoniatica; chamou-lhe *minha senhora*.

Recolheu-se.

Lenita ainda conversou por algum tempo com o coronel. Seguia, fingia seguir bem o assumpto, fazendo observações, multiplicando perguntas, affectando muito interesse. De repente deixava escapar uma exclamação forte, desca-bida, deslocada, que nada tinha com o que se estava tractando. Cahia em si, procurava homologar o que dissera, atrapalhava-se, confundia-se. Dava estremeções subitos, como quem recebe

inesperadamente uma alfinetada. Córava, empalidecia, tinha na voz um timbre exquisito.

— Menina, sabe você de uma cousa, disse o coronel, vá se acomodar: você não está boa. Si eu não tivesse visto que você quasi nada comeu, diria que a ceia lhe tinha feito mal. Ande, vá se deitar, procure dormir.

Lenita obtemperou sem replicar.

Foi para o seu quarto.

Um banho morno, em que se demorou, não serviu para acalmar-lhe os nervos, muito pelo contrario. Arripiava-se ao perpassar da esponja, ao sentir as suas proprias mãos; a agua tepida irritava-a como si fosse um contacto humano extranho.

Sahiu, enxugou-se em uma toalha felpuda, grande, vestiu uma camiza branca de cambraia finissima, deitou-se por sobre as cobertas, de costas, bem estendida, com as mãos entrançadas por baixo da cabeça, com uma perna por cima da outra.

A cambraia molle, semitransparente, desenhava-lhe as fórmulas esculpturaes do busto, do ventre, das coxas, e toda essa alvura de pelle e de tela sobresahia, realçada pelo vermelho escuro do damasco da coleha.

O tempo passava.

Do quarto de Lenita ouvia-se bater compassado, lento, o pendulo do velho relogio francez da antesala.

Deu dez horas, deu onze, deu meia noite.

Cada pancada do badalo na campainha soava muito distincta, muito vibrante.

Lenita mudava de posição, revolviam-se na cama, não dormia, não podia adormecer.

Uma obsessão mordente subia-lhe da periphéria do corpo, comprimia-lhe o coração, atordoava-lhe o cerebro.

Sentia picadas na pelle, tinha calafrios, zuniam-lhe os ouvidos.

Sugando-lhe as feridas feitas pelos agulhões da cobra, Barbosa retirára um veneno, mas deixára outro. Lenita nunca mais cessára de sentir a sucção morna, demorada, forte, dos labios de Barbosa em torno ás picadas, no peito do pé. A sensação extranha, deliciosa, incomportavel, que produzira essa sucção perdurava, vivia; mais ainda, multiplicava-se, alastrava. Era um formigamento circular que lhe trepava pelas pernas, que lhe afagava o ventre, que lhe titillava os seios, que lhe comichava os labios.

E ella queria Barbosa, desejava Barbosa, ganhava por Barbosa.

Esperar até amanhecer: uma! duas! tres! quatro! cinco! seis horas! Ouvir o *tic-tac* do relógio, lento, medido, regular, igual, metallico, monotono, impiedoso; ouvil-o sessenta vezes por minuto, tres mil e seiscentas vezes por hora, duzentas e dezeseis mil vezes nas seis horas que faltavam para amanhecer? Impossivel!

Ergueu-se e, descalça, em camiza, inconsciente, louca, abriu a porta, atravessou a sala, abriu a outra porta, sahiu na antesala, enfiou pelo corredor, parou juncto á porta do quarto de Barbosa, a escutar.

E nada ouvia.

Dentro, fóra dominava um silencio profundo, quebrado apenas pelas pulsações violentas do seu proprio coração.

Encostou o ouvido á fechadura, nada.

O seu hombro fez uma ligeira pressão sobre a folha da porta, e esta cedeu, entreabriu-se, chiando ligeiramente.

Uma lufada de ar quente, saturada de aroma de charuto havano, veiu afagar-lhe o rosto, os seios, o busto quasi desnudado no decote grande da camiza.

Lenita perdeu completamente a cabeça, entrou: em bicos de pés, sem fazer rumor, escoregando, deslizando como um phantasma, abeirou-se da cama de Barbosa.

Curvou-se, apoiou a mão no respaldo da cadeira, approximou a sua cabeça do peito do homem adormecido, escutou-lhe a respiração igual, hauriu-lhe o cheiro masculino do corpo, sentiu-lhe a tepidez da pelle.

Quedou-se por muito tempo nesse ambiente entorpecedor.

De subito o braço com que se encostava fallou: ella cahiu pesadamente sobre o leito.

Barbosa deu um estremeção, acordou sobresaltado, sentou-se, estendeu as mãos, encontrou-a, asiu-a, perguntou assustado :

— Quem é? quem é?

A cutis morna, setinosa da moça, a macieza da cambraia que a envolvia em parte, o perfume de *peau d'Espagne* que de seu corpo se halava, não lhe permittiam duvida; mas elle recusava a evidencia dos sentidos, não podia crer. Achava absurda, monstruosa, impossivel a presença de Lenita em seu quarto, áquella hora, naquella quasi nudez.

E, comtudo, era real, ella alli estava: elle sentia-lhe a carne quente, dura, palpava-lhe a pelle hispidada pelo desejo, escutava-lhe o estuar do sangue, o pulsar do coração.

Um tropel de idéias desordenadas agitou-se-lhe, confundiu-se-lhe no cerebro excitado; o raciocinio ausentou-se, venceu o desejo, triumphou a suggestão da CARNE.

Sentou-se rapido á beira da cama sem largar a moça, puxou-a para si, cingiu-a ao peito, segurou-lhe a cabeça com a mão esquerda e, nervoso, brutal, collou-lhe a bocca na bocca, achou os seus bigodes asperos de encontro aos labios macios della, bebeu-lhe a respiração.

Lenita tomou-se de um sentimento inexplicavel de terror, quiz fugir, fez um esforço violento para desenlaçar-se, para soltar-se.

Era o medo do macho, esse terrivel medo phy-

siologico que, nos pródromos do primeiro coito, assalta a toda a mulher, a toda a femea.

Baldado intento!

Retinham-n-a os braços robustos de Barbosa: em suas faces, em seus olhos, em sua nuca os beijos d'elle multiplicavam-se: esses beijos ardentes, famintos, queimavam-lhe a epiderme, punham-lhe lava candente no sangue, flagellavam-lhe os nervos, torturavam-lhe a carne.

Cada vez mais fóra de si, mais atrevido, elle desceu á garganta, chegou aos seios tumidos, duros, arfantes. Osculou-os, beijou-os, a principio respeitoso, amedrontado, como quem commette um sacrilegio; depois insolente, lascivo, bestial como um satyro. Crescendo em exaltação, chupou-os, mordicou-lhes os bicos arreitados.

— Deixe-me! deixe-me! Assim não quero! implorava, resistia Lenita, com voz quebrada, offegando, exforçando-se por escapar, e presa, todavia, de uma necessidade invencivel de se dar, de se abandonar.

De repente fraquearam-lhe as pernas, os braços descahiram-lhe ao longo do corpo, a cabeça pendeu-lhe, e ella deixou de resistir, entregou-se frouxa, molle, passiva.

Barbosa ergueu-a nos braços possantes, pol-a na cama, deitou-se juncto della, apertou-a, cobriu-lhe os seios macios com o peito vasto, collou-lhe os labios nos labios.

Ella deixava-o fazer, inconsciente, quasi em

deliquio, mal respondendo aos beijos fermentes que a devoravam.

E corria o tempo.

Barbosa não podia prestar fé ao que se estava dando.

Deserente de mulheres, divorciado da sua, gasto, misanthropo, elle abandonára o mundo, retirára-se com seus livros, com seus instrumentos scientificos, para um recanto selvagem, para uma fazenda do sertão. Abandonára a sociedade, mudára de habitos, só conservára, como reliquias do passado, o aceio, o culto do corpo, o apuro despretencioso do vestir. Levava a vida a estudar, a meditar; ia chegando ao quietismo, á paz de espirito de que falla Plauto, e que só se encontra no convivio sincero, sempre o mesmo, dos livros, no convivio dos ausentes e dos mortos. E eis que a fatalidade das cousas lhe atira no meio do caminho uma mulher virgem, moça, bella, intelligente, illustrada, nobre, rica. E essa mulher apaixona-se por elle, força-o tambem a amal-a, captiva-o, aniquil-a-o. Faz mais: contra toda a expectativa, tornando realidade o improvavel, o absurdo, vem ao seu quarto, interrompe-lhe o somno, entrega-se-lhe... Elle a tem entre os seus braços, languida, molle, roida de desejos; aperta-a, beija-a...

E... nada mais pode fazer!

Não que o detenham preconceitos, receio de

consequencias : não tem preconceitos, já não receia consequencias.

O que o detem é um exgotamento nervoso de momento, uma impossibilidade physica inesperrada.

Debalde procura na concentração da vontade o tom da fibra nervosa, o robustecimento do organismo . . .

Sente o ridiculo da posição, desespera, tem as mãos frias, banha-se em suor, chega a chorar.

Afastou-se de Lenita, dementado, louco, escalavrando o peito com as unhas.

— Não posso ! não posso ! exclamou, ululou desatinado.

Deu-se uma inversão de papeis : em vista dessa frieza subita, desse esmorecimento de caricias, cuja causa não podia comprehender, nem siquer suspeitar ; no furor de erotismo que a desnaturava, que a convertia em bakkhante impudica, em femea corrida ; Lenita agarrou-se a Barbosa, cingiu-o, enlaçou-o com os braços, com as pernas, como um polvo que aferra a preia ; com a bocca aberta, arquejante, humida, procurou-lhe a bocca ; refinada instinctivamente em sensualidade, mordeu-lhe os labios, beijou-lhe a superficie polida dos dentes, sugou-lhe a lingua . . .

E o praser que ella sentia revelava-o na respiração açodada, no halito curto, quente ; era

um praser intenso, phrenetico, mas... sempre incompleto, falho.

Barbosa arquejante tinha impetos de levantar-se, de tomar uma pistola, de arrebentar o craneo.

Pouco a pouco operou-se uma reacção.

Sentiu Barbosa que menos agitado lhe circulava o sangue, que um calor doce se lhe expandia pelos membros, que o desejo physico se despertava, dominante, imperativo.

Recobrou-se de vez da passageira fraqueza, achou-se forte, potente, varão.

Com o impeto irresistivel do macho em cio, mais ainda, do homem que se quer desferrar de uma debilidade humilhosa, retomou o papel de atacante, estreitou a moça nos braços, afundou a cabeça na onda sedosa e perfumada de seus cabellos que se tinham soltado...

— Lenita!

— Barbosa!

E um beijo victorioso recalcou para a garganta o grito dorido da virgem que deixára de o ser...

Depois foi um tempestuar infrene, temulento de caricias ferozes, em que os corpos se conchegavam, se fundiam, se unificavam; em que a carne entrava pela carne; em que fremito respondia a fremito, beijo a beijo, dentada a dentada.

Desse marulhar organico escapavam-se pequenos gritos suffocados, ganidos de goso, por

entre os estos curtos das respirações cançadas, offegantes.

Depois um longo suspiro seguido de um longo silencio.

Depois a renovação, a recrudescencia da luta, ardente, ferosa, bestial, insaciavel.

Pela frincha da janella esboçou-se um rastilho de luz tenue.

Era o dia que vinha chegando.

— Deixe-me! deixe-me, Barbosa! É preciso ir, está amanhecendo, está clareando.

— Não, não! ainda não! aquillo não é o dia, é o luar.

— Vou! deixe-me, deixe-me!

E, fazendo um esforço violento, Lenita escapou-se do leito e dos braços de Barbosa.

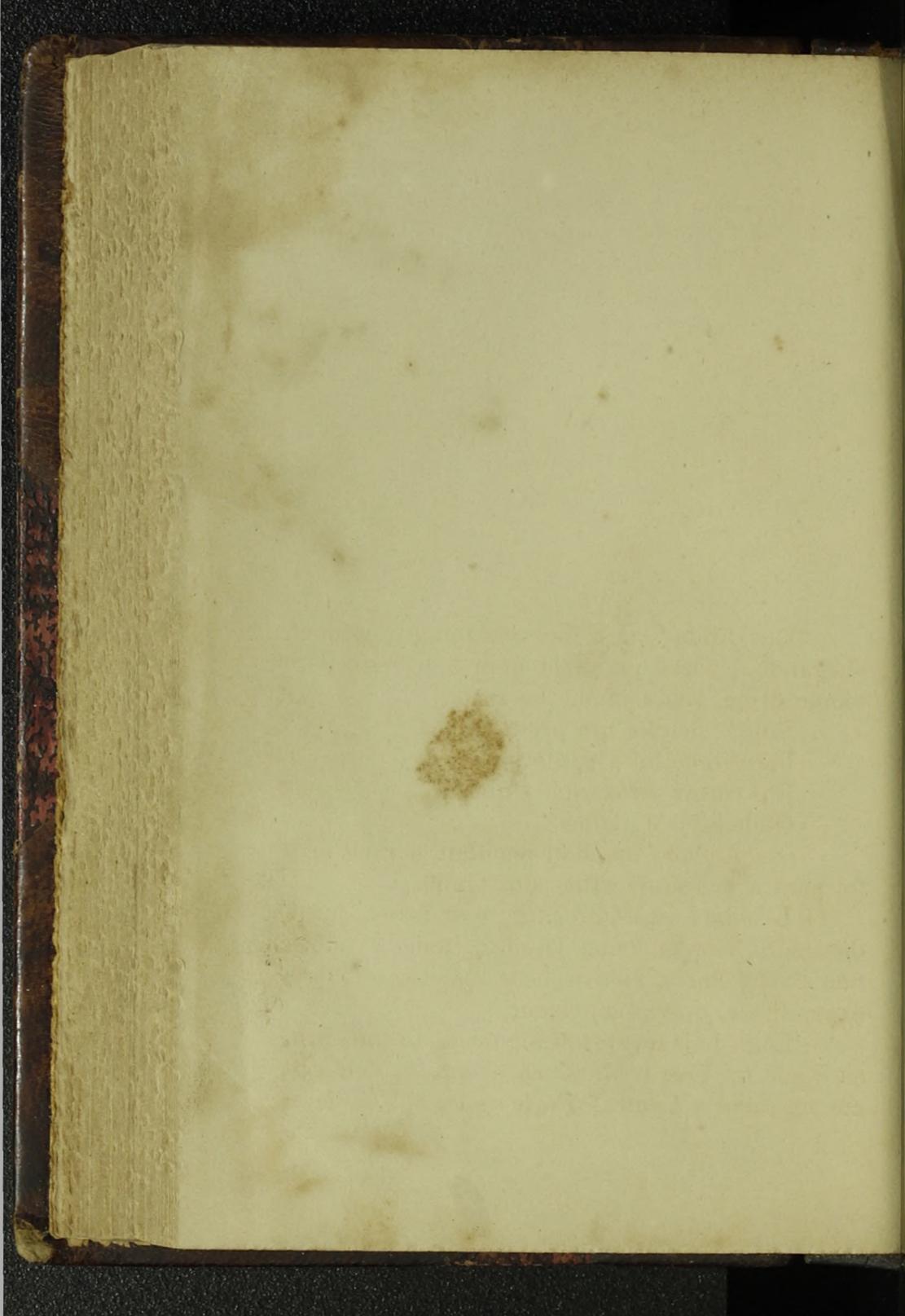
No desvão da porta entreaberta enquadrou-se, por um momento, a sua sombra indecisa. Desappareceu.

Barbosa ergueu-se, vestiu-se rapidamente, sahio, fechou a porta, tirou, guardou no bolso a chave.

Lenita do seu quarto ouviu-lhe, contou-lhe as passadas que resoavam fortes.

A moça estava com febre; tinha a cabeça em fogo; sentia-se zozza, atordoada; via a todo o momento discos luminosos, com um nucleo que se alargava, cambiando de cores, passando do verde escuro ao vermelho cobre; ardia-lhe a garganta, a bocca estava peganhenta.

No quarto deserto de Barbosa o rastilho de luz, coado pela frincha da janella, ia bater sobre a cama desarranjada: na alvura dos lençoes amarrotados punham notas muito vivas algumas manchas de sangue frescas, humidas, rubras.



XV

— Que lindo está o dia, exclamou o coronel, chegando á porta que dizia para o terreiro. Um tempo firme, sim senhor! Jacyntho!

— Sinhô! acudiu um preto velho.

— Para onde foi a gente hoje?

— Foi cortar arroz, sim sinhô.

— Onde está Manduca?

— Sinhô moço mandou ensilhar o rozilho, e foi para a banda da villa, sim sinhô.

O coronel respirou á larga o ar fresco, puro, da manhã resplendente. Dormira toda a noute, não tivera dores, estava bem disposto. Queria expandir-se, queria conversar.

— Logo hoje que estou sequioso por uma prosa é que me foge o Manduca, é que se deixa ficar na cama a Lenita! Forte cousa! Vou fazer

uma extravagancia, vou dar uma volta pelo cafezal.

E mandou arrear uma egua velha, muito mansa, andadeira, uma rede, dizia elle. Sahiu, foi visitar o cafezal, cousa que fazia raramente, uma ou outra vez por anno.

Quando voltou era quasi meio dia. Perguntou por Barbosa, não tinha vindo; por Lenita, ainda estava deitada. Veiu com fome, mandou pôr a mesa; enquanto esperava foi ao quarto de Lenita, bateu á porta.

— Que é isto? perguntou. Temos macacôa?

— Macacôa, não; somno, respondeu a moça.

— Ainda estava dormindo?

— Acordei com o seu batido.

— Olhe, levante-se, venha-me fazer companhia. O Manduca não sei para onde foi. Eu ainda não almocei, e não quero almoçar sósinho.

— Já vou.

— Pois fico esperando; venha logo, que estou com o estomago a dar horas.

A cabo de meia hora Lenita appareceu. Estava pallida, macillenta; tinha as palpebras vermelhas, os olhos batidos, grandes olheiras. Veiu embrulhada em uma pellica. De quando em quando estremecia com um calafrio. Sentou-se á mesa, meio de lado, alquebrada, languida.

— Melhor cara traga o dia de amanhã! gritou o coronel ao vel-a. Parece que passou a noute no cemiterio. Que é que teve?

— Uma ligeira indisposição.

— Hum! Já eu estava vendo isso mesmo ontem á noute. Ai, moças! moças! Isto emquanto não casam . . . Que ha de querer, um mingauzinho de cará?

— Não, obrigada.

— Olhe estas hervas . . .

— Obrigada.

— Um pedaço de fiambre?

— Fiambre . . . quero, mas pouco, sim?

O coronel serviu-lhe uma naca larga, rosea, marmoreada de veios de gordura branca.

Lenita polvilhou-a de sal moido, comeu com appetite.

— Está gostando de salgados, hein?! Eu quando digo . . . Mais uma naquinha, sim?

Lenita acceitou, mandou buscar *ginger-ale*, bebeu um copo cheio.

Conversou com o coronel por cerca de duas horas.

Ao cahir da tarde sentiu-se fraca, tomada de invencivel sonneira. Recolheu-se, dormiu. Levantou-se ao escurecer. Quando ia sahindo do quarto, deu com Barbosa que, de pé, juncto de um consólo, fingia examinar uma estatueta.

— Boa tarde, Lenita, disse elle com voz tremula, timido, desapontado.

A moça não respondeu: com um arranco nervoso tomou-lhe a cabeça entre as mãos, curvou-a, beijou-a sofregamente, exquisitamente, no

alto, afundando, sumindo o rosto nos cabellos curtos, levemente crespos.

— Lenita, segredou Barbosa em voz sumida, tenue como um sopro, não vá mais ao meu quarto, é perigoso, podem vel-a, podem enconral-a. Eu virei aqui, ao seu, é melhor.

— Aqui dorme a rapariga.

— Facil é afastal-a sob qualquer pretexto. Deixe as portas cerradas.

Foram para a sala de jantar.

O coronel já tinha feito accender o lampeão; estava de pé, juncto da mesa, lendo a correspondencia, que minutos antes tinha chegado da villa.

— Olhe, Lenita, disse, ahi estão os seus jornaes, e tambem uma carta. Leia, leia logo a carta; é cousa que lhe interessa.

— Sim! como sabe?

— A lettra do sobrescripto é a mesma desta que eu recebi. Leia.

— Que será? interrogou-se a moça, rasgando o envoltorio com gesto fatigado, abhorrida. Desdobrou a folha de papel, leu sem manifestar sentimento algum, com absoluta indifferença. Depois passou-a aberta ao coronel.

— Ora! exclamou, arrastando a voz, com fastio.

— Então? perguntou o coronel.

— Leia, está ahi.

— Pois não é do dr. Mendes Maia?

— É.

— E que lhe diz você?

— Eu digo... digo... não digo coisa nenhuma.

— Já se deixa ver que quer: quem cala...

— Nem sempre consente. O dr. Mendes Maia perdeu o seu tempo, a sua rhetorica, o seu papel, a sua tinta e o seu sello. Eu não me caso com elle.

— É um pedido de casamento? perguntou Barbosa, anciado.

— Em fórma.

— E quem é esse dr. Mendes Maia?

— Esse dr. Mendes Maia é um bacharel em direito, nortista; fez o seu quatriennio, e está na corte, á espera de um juizado de direito aqui na provincia.

— E donde o conhece D. Lenita?

— De Campinas. Estivemos junctos em um baile, no *Club Semanal*, ha de haver tres annos. Dançou comigo, fez-me a cõrte por duas horas, e agora pede-me em casamento.

— Meu pae tambem o conhece?

— Conheço: elle andou viajando por estas bandas com um primo que queria comprar sitio de café. Veiu-me recommendado de S. Paulo, e até pousou aqui uma noute.

— Que especie de homem é?

— É um bacharel em direito como a maioria dos bachareis em direito. Parece-me boa pes-

soa... Homem, sou franco, para mim tem um defeito capital, é nortista. No mais, não ha que dizer. Lenita, que hei de eu responder ao homem?

— Boa pergunta! Responda que eu não me quero casar, que agradeço muito a honra da proposta, e cousas e tal, uma *tabua* cortez.

— Não valerá a pena pensar um pouco antes de decidir a cousa assim de talho, sem remédio?

— Não ha que pensar, não quero.

— Olhe que o rapaz, segundo me diz o meu velho amigo Cruz Chaves, nesta outra carta que recebi, tem todos os requisitos para um bom córte de noivo: é intelligente, honesto, morigerado, trabalhador, economico, bom catholico, e muitas cousas mais. Fez o seu quatriennio como promotor e juiz municipal, está á espera de um juizado de direito, como você mesmo disse, e ha de obtel-o, porque dá-se com o Cotegipe e é muito protegido pelo Mac Dowell. E tem seus cobres.

— O partido tenta, tenta, mas eu é que me não deixo prender.

— Olhe que isto não vai a matar, não é sangria desatada, pense primeiro, responda depois.

— Não ha que pensar.

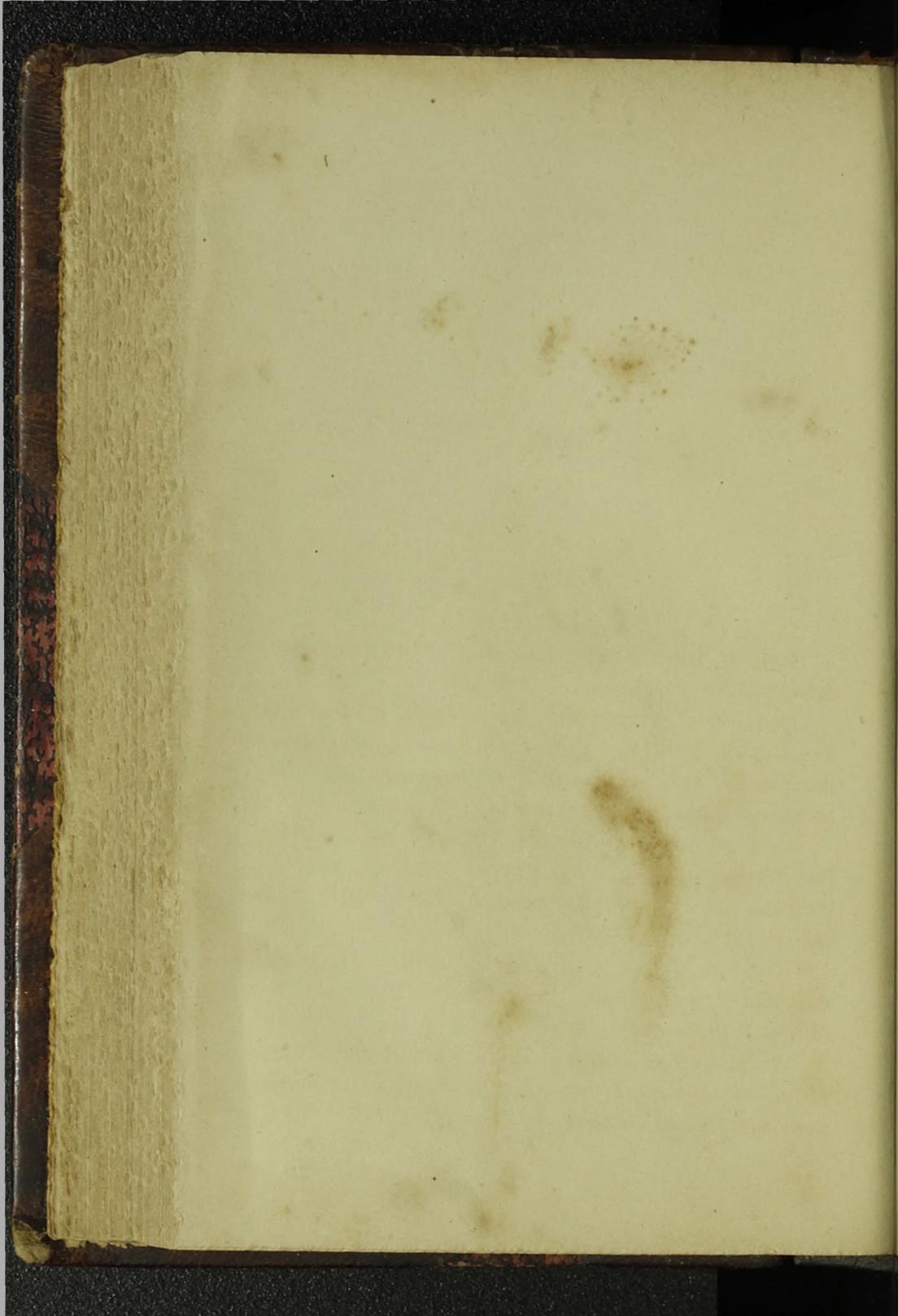
— Esta mocidade! Para que tomar decisões de afogadilho, quando ha tempo para reflectir, para pesar todos os prós e todos os contras?

— A resposta agora, ou daqui a um anno ha de ser esta mesmo: não quero.

— Menina ninguem deve dizer «deste pão não comerei».

— E nem tão pouco «desta agua não beberei». Sabido, mas eu não quero mesmo.

— Bom, bom, bom; não quer, não quer! Amanhã lá segue a recusa: que se aguento o sr. dr. Mendes Maia.



XVI

Lenita despedira a mucama, e ficára a dormir só no seu quarto.

O coronel extranhou, não levou a bem tal resolução. Que era perigoso, que podia ficar doente, ter um ataque alta noute, sem que ninguém lhe acudisse.

Que não, respondeu Lenita, que estava perfeitamente boa, que não havia ataque a recear; e mais, que a rapariga resomnava forte, e que isso a impedia de dormir.

Por volta das onze horas vinha Barbosa, mansamente, pé ante pé, entrava na sala, fechava a porta por dentro, á chave.

As ferragens cuidadosamente azeitadas, funcionavam veleiras, em attritos macios, suaves, sem o minimo rangido.

A fechadura era das portuguezas antigas, de chapas furadas coincidentemente: para evitar que alguém pudesse espiar pelo buraco o que se passava na sala, espionagem aliás improvavel, Barbosa pendurava na chave o seu chapéo.

Em liberdade absoluta, perfeita, não se contentava com o prazer material de possuir Lenita. Queria o peccado mental intelligente, os *mala mentis gaudia* de que falla Virgilio; queria contemplar, comer com os olhos a plastica soberba do corpo da moça, ora em todo o esplendor da incandescente nudez, ora realçado pelos atavios, pelas extravagancias da moda.

Despia-a, punha-a na posição da Venus de Milo, arranjava-lhe os braços, como conjecturam os sabios terem estado os da estatua; enrolava-lhe um lençol de volta aos quadris, arrufava-lh'o em prégas suaves, em pannejamentos artisticos.

Depois arrancava-lhe esse ultimo vestuario, mudava-lhe a attitude: erguia-lhe o busto, avançava-lhe a arca do peito, fazia sobresahir o relevo insolente dos seios erguidos e duros.

Por meio de um reflector poderoso focava, dirigia a luz branca de uma lampada belga, fazia cahir sobre a moça uma toalha de reflexos suaves e vivos, scientificamente combinados.

Afastava-se, approximava-se, tornava a se afastar; mirava, estudava, gosava a Lenita, como Pygmalião á Galathéia, como Miguel Angelo ao Moysés.

Chegava um momento em que se não podia conter: com um grito rouco, aspero, suffocado, de bode em cio, atirava-se, ella atirava-se tambem, e ambos cahiam sobre um sofá, sobre o assoalho, estreitando-se, mordendo-se, devorando-se.

Por vezes fazia com que Lenita se frizasse, se espartilhasse, se enflorassee, se enluvasse, com todo o capricho, com toda a impertinencia de uma leoa da moda, que se prepara para um baile do *high-life*, para um sarau diplomatico.

Elle ajudava-a, servia-lhe de camareiro, orgulhoso, radiante.

Todo aquelle apparatus do *mundus muliebris*, toda aquella expansão de garridice era para elle, para elle só, para mais ninguem.

E sentia o que quer que era do prazer exclusivista, egoistico, do rei Luiz da Baviera, a assistir em um theatro vazio, como espectador solitario, unico, a uma opera de Wagner, magestosamente posta em scena, divinamente cantada por artistas de primor.

Adorava a macieza tepida, perfumosa, da pelle nua de Lenita: mas, refinado em lubricidade, gostava de lhe premer as mãos quando calçadas de luvas de pellica ou de *peau de Suède*; gostava do contacto quente dessas mãos através das malhas das *mitaines* de retroz, gostava de lhe sentir a viveza do corpo por entre as asperidades brandas das rendas, por entre as flores relevadas do *tule*.

Em breve não lhe bastaram mais esses desbragamentos nocturnos, de paredes a dentro, clandestinos: quiz moldura mais larga para os seus quadros vivos, quiz palco mais espaçoso para suas encenações carnaes, quiz o amor ao ar livre, á luz do dia, em liberdade plena.

A pretexto de caçar ia com Lenita todos os dias, afundava-se na matta.

Emquanto na estrada, deixava-a seguir, ficava alguns passos atrás, para ver-lhe o remoinho agitado dos calcanhares na fimbria roçagante do vestido de fazenda molle.

Esse movimento de saias estuoso, continuo, que ia em ondulações confundir-se com o bamboar das cadeiras, causava-lhe uma excitação extranha, particularissima.

Quando na matta se lhe deparava uma grota profunda, uma barroca sombria, uma clareira afestoada de creciumas, de taquáras, parava.

Juncto de um velho tronco, ao pé do leque esmeraldino e ainda baixo de uma palmeira nascente, bem sob a acção de um feixe de raios solares, collocava a moça despida, fazendo com gosto de artista, com pericia de devasso pratico que se lhe destacasse a alvura da pelle banhada de luz, no fundo verde da matta afogado na sombra.

Lenita prestava-se a tudo com a docilidade de rainha complacente, de deusa satisfeita; deixava-se adorar, recebia contente o culto de latria dirigido a sua carne.

Barbosa mirava-a, remirava-a, volteando-lhe em torno; os circulos concentricos que descrevia iam-se estreitando como os de um açor em volta da preia: chegava-se, ajoelhava-se, e, tremulo, com a respiração açodada, beijava-lhe as unhas roseas e a pelle branca dos pés, erguia o busto, alteava-se ousado, osculava-lhe as coxas roliças, pousava a cabeça de encontro ao ventre liso, aspirando, sorvendo, de olhos semi-cerrados, as emanações sãs, provocantes da carne feminina irritada.

Uma vez no coração da matta acudiu-lhe á lembrança a *Aurora* de Miguel Angelo, que vira no tumulto dos Medicis. Uma anfractuosidade de terreno fôra a idéia accidentalmente associada, que lhe avivára a memoria.

Perto estava uma arvore velha coberta de musgo: colheu-o ás braçadas, fez um montão, alcatifou, alfombrou com elle a accidação de terreno que lhe recordára o marmore florentino.

Nervosamente, brutalmente foi despindo a Lenita: não desabotoava, não desacolchetava; arrancava botões, arrebetava colchetes. Quando a viu nua, fel-a reclinar-se sobre o musgo, dobrou-lhe a perna esquerda, apoiou-lhe o pé em uma saliencia de pedra, dobrou-lhe tambem o braço esquerdo, cuja mão, em abandono, foi tocar o hombro de leve, com as pontas dos dedos; estendeu-lhe o braço e a perna direita em linha

suave, frouxa, a contrastar com a linha forte, angulosa, movimentada, do lado opposto.

Deseceu um pouco, deitou-se de bruços, e, arrastando-se como um estellio

.

Lenita desmaiou em um espasmo de goso.

.

Uma noute Barbosa não foi ao quarto de Lenita.

A moça passou em claro, ralada de cuidados. Pela madrugada ergueu-se e, sem se importar com a possibilidade de que alguem a visse, de que alguem a encontrasse, sem tomar precauções, foi ao quarto de Barbosa, empurrou a porta, entrou.

O pavio da vela quasi inteiramente gasta afogava-se em um lago de estearina derretida, que se accumulára na assucena do castiçal: a

chamma vasquejava, bruxoleava, ora illuminando vivamente o quarto, ora desaparecendo quasi, submergindo tudo em trevas.

Barbosa estirado de costas, na cama, com as mãos a comprimir as temporas, gemia.

Lenita debruçou-se.

— Que tem? que é isto? perguntou-lhe.

— Não é nada, é a minha enxaqueca. Mas retire-se, olhe que a vêm, vai amanhecer.

— Retirar-me, eu? deixal-o assim soffrendo, só? Não me conhece.

— Conheço, conheço muito bem. Eu não a repelliria, si me fosse precisa, si me fosse mesmo util a sua presença. Mas nada me pode fazer. Isto não é molestia, é incommodo; eu não estou enfermo, tenho dores.

— Quero ficar, eu não posso vel-o padecer sem ao menos procurar allivial-o.

— Nada conseguiria si não me affligir e me aggravar o soffrimento. Isto passa com o tempo, só com o tempo. Vá, peço-lhe, vá.

Lenita foi, muito contrariada.

Eram horriveis as enxaquecas de Barbosa.

Começavam por uma dor surda de cabeça. Pouco a pouco accentuava-se uma displicencia inexplicavel em tudo e para tudo; as forças abatiam-se, prostravam-se; o rosto ficava pallido, dilatava-se a pupilla do olho direito.

Penoso qualquer movimento, impossivel qual-

quer exforço: Barbosa tinha de procurar o leito forçosamente, fatalmente.

Um suor gelido humedecia-lhe, banhava-lhe a fronte. Do lado direito a arteria temporal saltava tumefacta, engurgitada: o globo do olho contrahia-se, minguava e, como si estivesse contundido, pisado, era sensivel á minima pressão. No alto da cabeça havia um ponto doloroso, a sensação como de um prégo que ahi estivesse fincado. Cada pulsação, cada jacto de sangue nas arterias era uma martellada que parecia fazer estalar o craneo e afundar mais o prégo. O estomago enchia-se de bile. Uma fraqueza extrema, uma necessidade imperiosa de alimentos se fazia sentir; mas á simples idéia da ingestão de qualquer cousa, exacerbavam-se os soffrimentos todos. Na retina havia scintillações, moscas luminosas, subjectivas; o menor ruido, como avolumado por um microphóno infernal, tomava-se em fracasso, em cataclysmo de estrondos e dores no ouvido hyperesthesiado. Não havia concentrar a attenção, pensar. Si nesses momentos viessem dizer a Barbosa que um incendio devorava os seus livros preciosos, que seu pae e sua mãe pereciam nas chammas, elle nada poderia fazer, nem sequer tentar um exforço: a vontade estava abolida.

E durava, ia sempre até á noute esse soffrer inenarravel, essa tortura de réprobo.

Amanheceu.

Logo que se abriram as portas, que começou a vida da fazenda, voltou Lenita para o quarto de Barbosa, sentou-se-lhe á cabeceira, inquirindo sollicita do que havia a fazer, do que era possível aproveitar em casos taes.

Que nada, que nada mesmo havia a tentar, repetiu Barbosa impaciente; que aquillo era um estado nervoso especial, hyperesthetico, que só passava com o tempo, que á noute elle havia de estar bom.

Lenita com o tacto indicivel, com o geito especialissimo que têm as mulheres para enfermeiras, arranjou-lhe as almofadas e a travessieirinha em uma posição que lhe deu allivio; foi ao armario, procurou entre mil frascos, achou um quasi cheio de xarope de khloral, trouxe, fez-lhe tomar quasi á força duas colheres de sopa, grandes, a transbordar.

Depois apalpou-lhe os pés, sentiu-os frios, mandou vir uma botija com agua quente, envolveu-a em uma toalha, poz-lh'a sob elles, enrolou tudo em um cobertor, habilmente, quasi sem incommodal-o, como si não fizesse movimentos.

Os gemidos de Barbosa foram esmorecendo em um como queixume flebil, indistincto, cessaram, elle adormeceu.

Foi um somno longo, de duas horas pelo menos.

A moça não arredou pé um minuto: sentada

á cabeceira, immovel, em silencio contemplava-o a dormir.

De repente elle acordou, sentou-se rapido, fez signal, ordenou-lhe com gesto impaciente, irritado que se retirasse.

Lenita não obedeceu.

Barbosa, pallido, com as feições desfeitas, curvou-se, abriu desordenadamente, atabalhoadamente o criado mudo, tirou o vaso, collocou-o juncto de si sobre a cama.

Ajoellhou-se.

Abdomen, estomago, diaphragma, esophago, contrahiram-se em uma nausea violenta; os zygomáticos distenderam-lhe a pelle descorada e macillenta do rosto, e um jacto de bile amarella e espumosa golphou no fundo do vaso, tingindo-lhe as paredes com os salpicos peganhentos.

Seguiu-se outro jacto, e outro, e outro: vinha a bile, sem exforço, não mais amarella, não mais espumosa, porém verde, liquida, linda até em sua pureza transparente.

Lenita com dó profundo debuxado nas feições sustentava-lhe a testa mádida.

Extenuado Barbosa deixou-se cahir pesadamente nos travesseiros, gemeu por um pouco, tornou a adormecer.

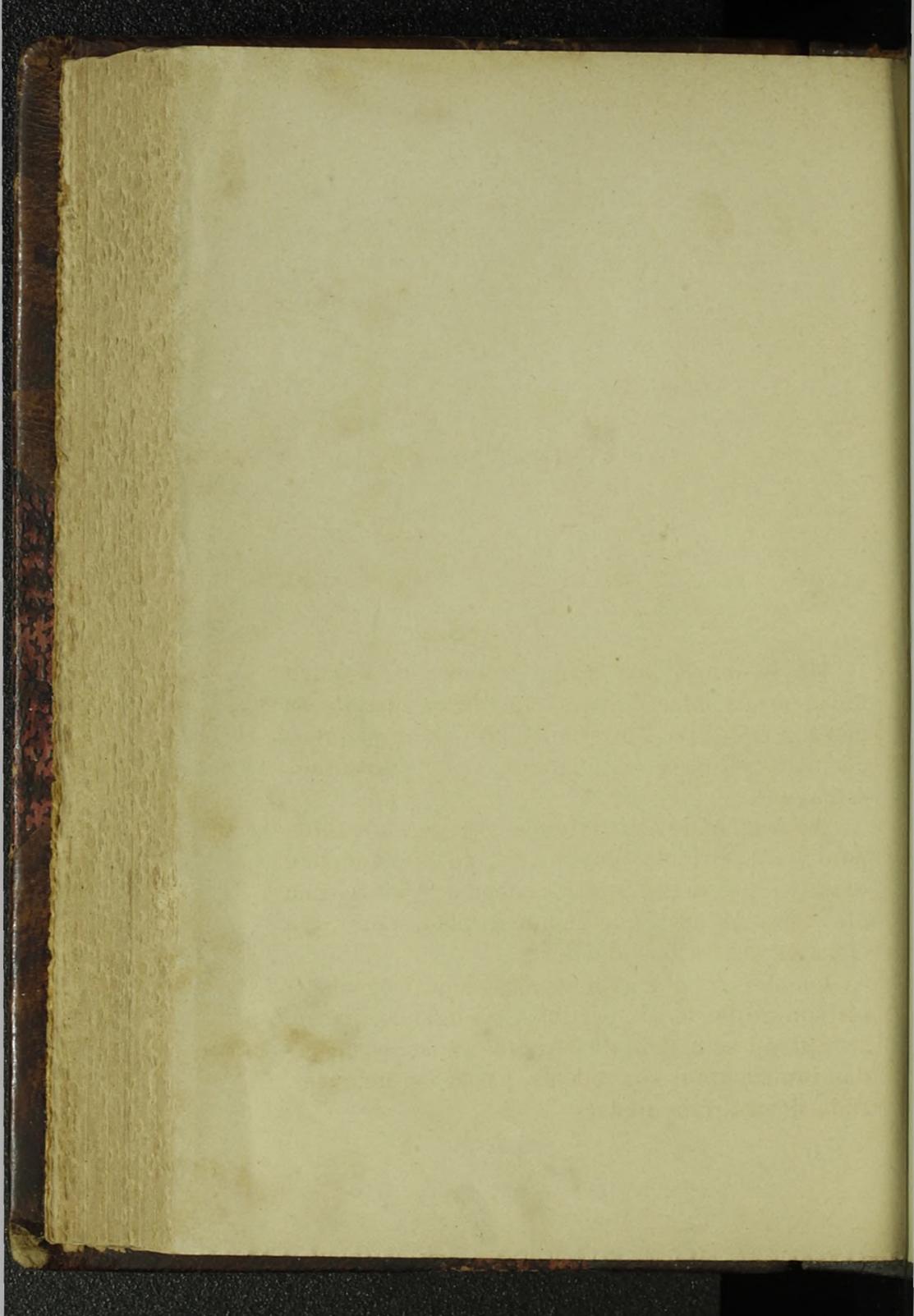
Lenita mandou retirar, lavar, trazer o vaso; depois retomou o seu posto juncto do enfermo, velando-lhe com amor o somno socegado.

Quando a chamaram para almoçar foi em bicos de pés, sem fazer o minimo rumor.

À narração circunstanciada do incommodo do filho, fez observar o coronel que lhe não dava aquillo cuidado, que o rapaz era atreito a enxaquecas desde a meninice, que até tinha melhorado com a idade, que os acessos iam ficando mais quarteados.

Lenita voltou para o quarto.

Ao virar do meio dia Barbosa acordou. Estava bom, completamente restabelecido, sentia fome, mandou vir comida.



XVII

Havia muito que tinha começado a nova moagem: ia ella já quasi em meio quando se deu um desastre. Um crioulinho deixou-se prender nos cylindros do engenho, e teve um braço esmagado.

Ao ver a misera criança segura, attrahida pelo revolver lento, implacavel, do mekhanismo bruto, o pae della, o negro moedor, tomou uma alavanca de aço, que achou á mão, entalou-a entre os dentes dos rodetes.

Ouviu-se um grande estalo metallico, um tinir sonoro de ferros partidos, o engenho parou.

Salvou-se a vida do negrinho, mas as moendas inutilisaram-se; rodetes, pescoços, mancaes, tudo ficou arreventado.

Que fôra uma caipora, que fôra o diabo, aquelle desastre em meio da moagem, disse o coronel arreliado. Lá pelo crioulinho, não: era ingenuo, era 28 de Setembro, ficasse aleijado, pouco prejuizo havia. Que o azar era a interrupção da moagem, quando ia tudo correndo tão bem, em um tempo como se não havia de ter outro. Que remendos no engenho não queria, que de longa data andava com idéias de reformar tudo aquillo, e que ia reformar embora levasse a casqueira a safra.

E ficou assentado que no outro dia Barbosa havia de seguir para o Ypanema, a entender-se com o dr. Mursa, sobre planos e dimensões para a nova makhina queurgia ficasse prompta dentro de poucos dias.

Lenita, ao saber da viagem, teve um sobresalto, ficou pallida, quasi desmaiou: lembrava-lhe o muito que soffrera com a ida de Barbosa a Santos, quando elle não era ainda seu amante, quando ella nem sabia siquer ao certo que o amava.

Como havia de ser então, que as côusas se achavam em pé diversissimo? Uma tortura inerrarravel, impossivel, o inferno.

E não foi.

Lenita ajudou a Barbosa nos seus aprestos de viagem, sem sentir por fórmula alguma o que sentira da vez passada. As expansões lubricas, desenfreadas, a que se elle entregou na despedi-

da nocturna, contrariaram-n-a, mortificaram-n-a mesmo.

Admirava-se da transição brusca, repentina que se lhe operára no espirito: sentia-se fria, indifferente, abhorrecida quasi; achava-o a elle grosseiro, vulgar, impertinente, ridiculo, chato.

Na hora da partida apertou-lhe a mão; viu-o montar a cavallo, dar de redeas, seguir vagaroso em uma nuvem de pó, que se levantava da estrada; distinguio-lhe o gesto de adeus que lhe fez elle ao transpôr o visô da collina, ao sumir-se-lhe da vista.

E não se entristeceu; em torno de si não sentiu vacuo algum; achou-se até mais á vontade por ficar só, em companhia de si propria, senhora de pensar, de agir em liberdade, sem suggestão.

Todavia era-lhe grata á vaidade a idéia de que Barbosa ia a cogitar ininterrompidamente nella, só nella; de que levava a sua imagem estereotypada, viva, na memoria; de que todo o pensamento, todo o acto delle a ella se reportava, tinha-a por objectivo.

E, analysta subtil, não se enganava sobre os seus proprios sentimentos: no prazer que tinha com a sujeição de Barbosa, descobria mais a satisfação do orgulho lisongeadô do que o contentamento do amor correspondido.

Foi ao quarto de Barbosa, começou a pôr em ordem as cousas dispersas, os livros e jornaes

que atravancavam a mesa, o marmore do criado, as cadeiras.

Ninguem em casa, nem mesmo o coronel, extranhava mais esses cuidados: a amizade estreita, a intimidade que reinava entre ella e Barbosa justificavam-n-a; todos achavam muito natural o papel de ecónoma que ella a si chamára.

Nas senzalas, porém, o viver excentrico e liberdoso que ella levava com Barbosa já começava a servir de pabulo á maledicencia kharakteristica da raça negra: os pretos e principalmente as pretas murmuravam, commentavam as caçadas improductivas, sublinhavam ditos, aventavam torpitudes.

Ao puxar uma gaveta da mesa de Barbosa, para recolher miudezas que achára dispersas, Lenita deu com uma caixinha oblonga, de tataruga, incrustada de metal e madreperola.

Abriu-a por abrir, sem curiosidade. Encontrou dentro quatro papeis dobrados, uma medalha muito oxydada de Nossa Senhora Aparecida, flores seccas e varias bolinhas de lã branca, desfiada.

Fez-lhe especie aquillo: que diabo poderia ser? Barbosa não era religioso, a medalha não tinha explicação como cousa delle. E as bolinhas de lã? Com certeza tinham cahido de uma manta de malha, de uma *sahida de baile*, em que se envolvera, em que se agasalhára uma mulher, para procural-o a elle na sua casa, no seu

quarto, no seu leito. E as flores seccas? E os papeis? Ah! os papeis... Os papeis continham de certo a chave do enigma, davam a solução de tudo aquillo.

Desdobrou o primeiro, encontrou um anel de cabellos castanhos, quasi pretos, setinosos, muito finos.

Desdobrou o segundo, era um bilhete em poucas linhas: a letra bonita, fina, redonda, de mulher. Dizia:

“Espero-o sabbado sem falta; si não vier zango-me. Não o esqueço um só momento. Adeus.,

Lenita empallideceu, mordeu os beiços e, tremula, com os olhos a despedir chispas, abriu o terceiro papel, uma folha grande, larga, de almaço Fiume. Estava escripta pela letra de Barbosa, um cursivo feio, muito legivel. Era evidentemente uma serie de impressões, lançadas no papel *sur place*, no momento mesmo em que se tinham produsido, inconnexas, cortadas de reticencias.

Lenita leu:

«O trem ia partir.

«Ella estava na plataforma da Estação da Luz, com o marido, em botafóra de não sei quem. Olhou-me, eu a olhei; ella baixou os olhos, uns grandes olhos verdes; córou. O braço esquerdo estava passado no do marido, enfadadamente, abhorrecidamente; o direito, em abandono, pendia-lhe ao longo do corpo, forte,

«musculoso, muito branco. A mão estava sem
 «luva, era pequenina, bem feita, tinha no annu-
 «lar uma *marqueza* de muito brilho. Levantou
 «os olhos, encarou-me, tornou a baixal-os, avan-
 «çou o pé direito, um pésinho adoravel, bateu
 «com elle phreneticamente, como si estivesse
 «muito contrariada. O marido disse-lhe o que
 «quer que foi em Allemão, ella respondeu-lhe
 «na mesma lingua. Sahiram, eu segui-os. Toma-
 «ram o *bond* que vinha de Santa Cecilia

«

«

«

« olhos ver-

«des

«

«amor venusta

«

«

«Tornei a vel-a.

«Era no Grande Hotel: ella estava jantando,
 «á mesa do centro. Dava-me as costas. Recosta-
 «va-se na cadeira, pendendo o corpo para a es-
 «querda; a perna direita, passada por sobre a
 «esquerda, agitava-se com um movimento sacu-
 «dido, nervoso; o pé muito pequeno, estreitado
 «em uma meia de seda carmezim, recurvando-se,
 «descalçava em parte o sapatinho Clark, mos-
 «trava o calcanhar redondo, diminuto, delicioso.
 «O pé esquerdo assentava firme no chão. O ves-

«tido rodeava, cobria parte da poltrona em fartos
«pannejamentos, e por sob elle entrevia-se uma
«orla de saia muito branca. A aragem que en-
«trava pelas janellas altas agitava-lhe os cres-
«pinhos dourados da nuca. Levantou-se, rodando
«para a esquerda, com o busto curvado, em um
«movimento gracioso, que poz em relevo a exu-
«berancia dos seios a avultarem reprimidos no
«corpete retesado, em contraste provocador com
«a exiguidade da cintura.»

O quarto papel, amarellado, poido nas do-
bras, continha uma poesia escripta tambem por
lettra de Barbosa. Lenita leu :

«M. L.

Não sei si és feia ou bonita,
Segundo as regras da arte;
Sei sim que gosto de ver-te,
Que gosto até de estudar-te.

Nas faces sedosas tuas
Não brilha o rubor das rosas,
Retinge-as a pallidez
Das compleições biliosas.

Extranhas scintillações
Mordentes, frias, geladas
Tens nos olhos baços, vitreos,
Azues, da côr das espadas.

Teu labio, sempre agitado
De leve tremor nervoso,
Parece reçumar sangue
Com sede infrene de goso.

Contorce-te as mãos pequenas
Espasmo febricitante,
Tem não sei que de felino
Teu breve corpo ondulante...

Queres então que te eu diga
Meu sentir quando te vejo?
Amor não te tenho, não;
Porém morde-me o desejo.»

A moça teve um deslumbramento: em seu espirito, subitamente illuminado, fez-se um vacuo enorme, desmoronou-se fragorosa a mole das illusões.

Pensava — Barbosa era casado na Europa, ella o tinha conhecido como tal, não podia exigir-lhe conta dos affectos que elle votára em tempo á esposa, das recordações que della porventura conservasse.

Mas alli não se tractava de esposa, tractava-se de tres mulheres pelo menos — a dos cabellos que, escuros, tinham naturalmente por correlativo olhos pretos ou castanhos; a do fragmento em prosa, de olhos verdes; a da borra-cheira poetica, de olhos azues, côr de aço.

E quem sabe si não seriam seis ou mesmo.

sette: o bilhete podia ser de uma outra; a medalha azinhavrada, de uma outra; as flores secas, de uma outra; as bolinhas de lã branca, de uma outra ainda.

E que eram aquellas bolinhas de lã branca, sinão lembranças, trophéos amorosos, colhidos de certo em cama desfeita, sobre lençóes ainda quentes, após uma noute de delirios eroticos?

Aquelle homem era um devasso, um D. João de pacotilha, e ella, Lenita, não passava de uma das suas muitas amantes.

Quem lhe dizia a ella que uma dadiva sua, que um *épave* qualquer que lhe tivesse pertencido, não iria augmentar aquella ignominiosa collecção?

Em que dera o seu orgulho, o alto conceito que ella formava do seu sexo, que ella formava de si propria!

Amante de um devasso, barregã de um homem velho, casado que guardava trophéos das conquistas... Bonito! Esplendido!

Estava castigada e achava justo o castigo.

Tinha ido pedir á sciencia superioridade sobre as outras mulheres; e na arvore da sciencia encontrára um verme que a polluira.

Quizera voar de surto, remontar-se ás nuvens, mas a CARNE a prendera á terra, e ella tombára, submetterá-se: tombára como a negra boçal do capão, submetterá-se como a vacca mansa da campina.

Revoltada contra a metaphysica social, puzera-se fóra da lei da sociedade, e a consciencia castigava-a, dando-lhe testemunho de quanto ella descera abaixo do nivel commum da mesma sociedade.

È loucura quebrar de chofre o que é producto de uma evolução de milhares de seculos. A sociedade tem razão: ella assenta sobre a familia, e a familia assenta sobre o casamento. Amor que não tenda a santificar-se pela constituição da familia, pelo casamento legal, acceito, reconhecido, honrado, não é amor é bruteza animal, é desregramento de sentidos. Não, ella não amára a Barbosa, aquillo não tinha sido amor. Procurára-o, entregára-se a elle por um desarranjo organico, por um desequilibrio de funções, por uma nevrose. Como a Phaedra da fabula, como as biblicas filhas de Job, como a historica mulher de Claudio, ella cahira sob o latego da CARNE e, empurrada por um devasso illustradissimo, resvalára ao fundo do pégo, á ultima estratificação da vasa. Não, ella não amára, ella não amava a Barbosa. O que por elle sentira fóra uma attracção paulatina, gradual, viciosa, morbida. A primeira impressão que recebera ao vel-o não tinha sido boa, e as primeiras impressões é que fazem fé, porque são as que se produzem instinctivamente no espirito desprevenido. Nesse momento em que ficava conhecendo a Barbosa como Barbosa realmente era, é que ella podia

avaliar o bá Rathro em que se despenhára. Pomba innocente, procurára por seu pé o açor, mettera-se-lhe nas garras, e elle a conspurcára, não sómente lhe arrancando a virgindade, mas debochando-a em praticas infames para despertar-se os sentidos embotados. . .

Metteu tudo ás pressas, desordenadamente, na caixinha, atirou a caixinha para a gaveta, empurrou com violencia a gaveta, sahiu, foi para o seu quarto, entrou, fechou-se por dentro, atirou-se na cama, desatou em pranto.

De repente ergueu-se.

Que era aquillo? perguntou-se a si propria. Pois ella era mulher para chorar, para carpir-se, como qualquer criadinha de servir, violentada pelo filho da patrôa? Não! Cahira, mas cahira vencida por si, só por si, por seu organismo, por seus nervos. O homem não entrava em linha de conta, não passava de mero instrumento: fôra Barbosa; poderia ter sido o administrador, poderia ter sido o velho coronel. Em quanto quizéra gosara; estava saciada. . .

Uma idéia terrivel atravessou-lhe o cerebro.

De pouco tempo, de um mez a essa parte, sentia-se modificar de modo extranho, moralmente, physicamente: tornára-se irritadiça, tinha impaciencias febris. Uma nuga, um nada a punha fóra de si. Mal se alimentava: á simples vista da mesa posta vinham-lhe engulhos, chegava mesmo a vomitar. Aberrára-se-lhe o appetite, de-

sejava cousas extravagantes. Uma tarde vira um cacho de caraguatá á beira de um vallo: quizera por força comer, comera, queimára a bocca com o sumo caustico da fructa da bromeliacea.

Com pasmo grande, sem poder dar a razão porque, via que Barbosa já lhe não inspirava admiração. As tiradas, as dissertações scientificas, aliás correctas que lhe elle fazia, enfastiavam-n-a: ella achava-o desageitado, vulgar, pretencioso; ganhava-lhe aversão; cria até perceber-lhe no corpo e na roupa um cheiro exquisito, enjoativo, o que quer que era como catanga de rato. Repugnavam-lhe as caricias delle, e, para chegar bem á verdade, ellas incommodavam-n-a, de facto, topicamente.

Acudiu-lhe o dizer de Rabelais — “*Les bêtes sur leurs ventrées n'endurent jamais le mâle masculant*„.

Estaria grávida?

Correu á commoda, puxou uma gaveta, tirou um kalendarozinho de algibeira, percorreu os meses, virando as folhas com rapidez: estavam a 20 de Agosto, e o ultimo dia marcado com uma cruzinha vermelha era o dia de S. Pedro, 29 de Junho. Mediava um espaço de cincoenta e dous dias . . .

Desabotoou o corpinho, desceu o cabeção da camiza, fez sahir o seio esquerdo, globuloso, duro; baixou a cabeça para vel-o, extendendo o beiço inferior. O areolo, outróra roseo, imperce-

ptivel, accentuava-se retincto, pardacento, constellado de papillas ouriçadas.

Não havia duvidar, estava grávida.

Sentiu ou julgou sentir que uma cousa qualquer se lhe agitava, se lhe enovelava dentro do utero. No mesmo instante apoderou-se della um affecto immenso, indicível, por esse quer que fosse, que assim ensaiava os primeiros movimentos na antesala da vida. Era o desencadear de uma tempestade, de uma inundação nevrotica, que a invadia, que a alagava, como as aguas de um açude roto invadem, alagam a planicie. No amor enorme de que se via repassada, Lenita reconheceu o sentimento tão ridiculamente guindado ao sublime pelo romantismo piegas, e todavia tão egoistico, tão humano, tão animal — a maternidade.

— Que iria fazer? perguntou-se a si mesma, e, sem hesitar, respondeu-se — levar a bom termo a gestação, parir, criar, educar o filho, rever-se nelle, ser mãe.

Dous dias se passaram sem que Lenita sahisse do quarto, sinão para ir a uma ou outra refeição.

Ao almoço do terceiro dia, uma quinta feira, disse ao coronel que no domingo tencionava seguir para a villa, de lá para a cidade, e da cidade para S. Paulo; que seus tarecos estavam arranjados, suas malas feitas; que precisava do carroção para conduzil-os, do *trolley* para conduzil-a a ella; que, sahindo bem cedo, chegaria a tempo,

teria ainda de esperar pelo trem, talvez uma hora.

— Que nova loucura era aquella? perguntou o coronel. Que ia Lenita fazer a S. Paulo, assim de repente, sem quê nem para quê?

Á insistencia de Lenita, que a nada se removeu, fez elle sentir que ao menos era preciso esperar ella vir Barbosa do Ipanema para levá-la; que, só, ella não podia, não devia ir; que elle, coronel, ameaçado e até já principiando a soffrer de um insulto do rheumatismo, achava-se incapaz de uma vez para cumprir o dever de acompanhá-la.

— Que iria muito bem só com o moleque até á villa,olveu Lenita inabalavel; que na estrada de ferro não se fazia mister companhia; que lhe era impossivel deixar de ir, que havia de ir.

As supplicas da entrevada, as instancias e amuos do coronel, de nada aproveitaram.

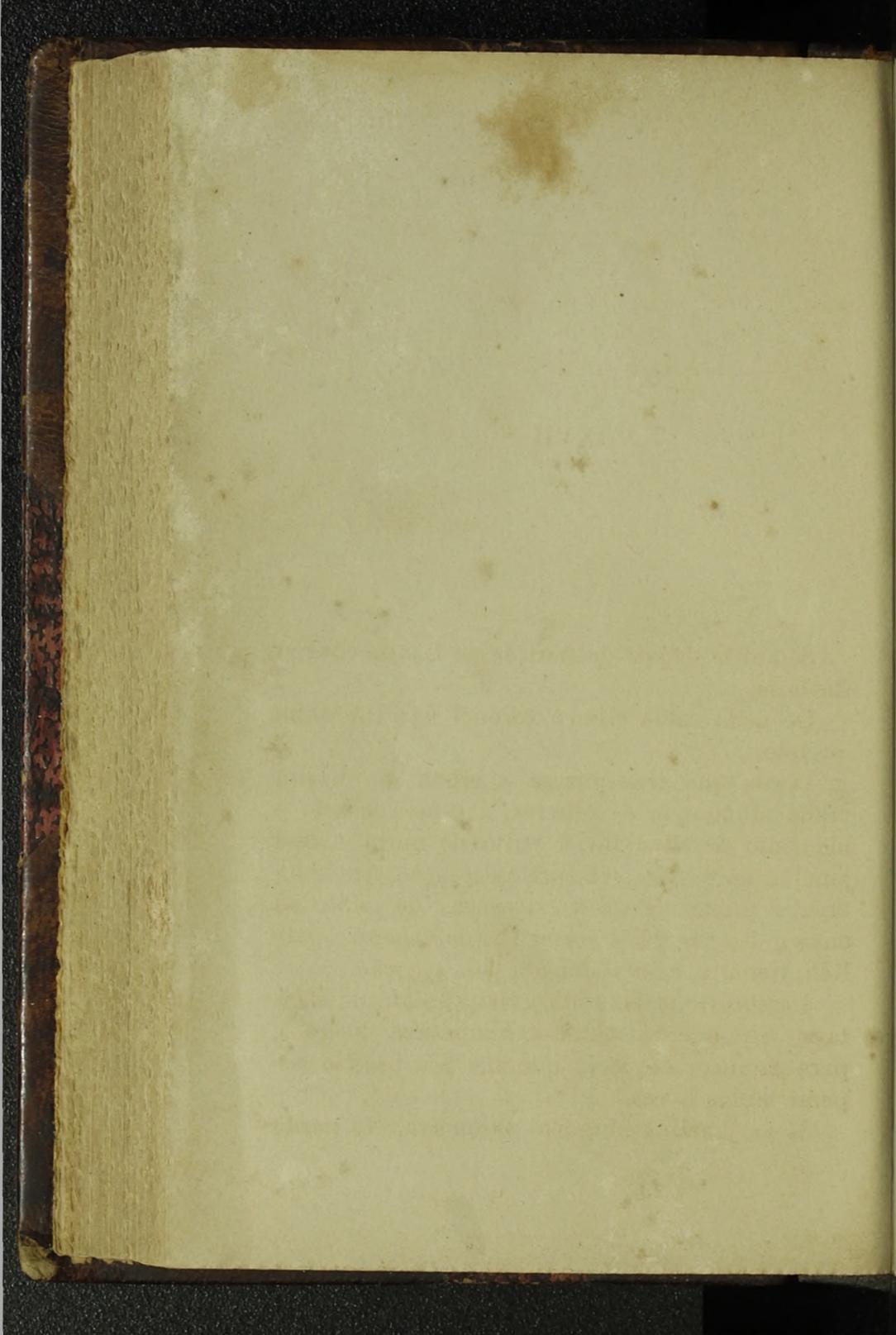
O carroção com a bagagem partiu sabbado de tarde, e, no domingo cedo, Lenita, de guardapó e chapéo de abas largas, abraçou, chorando, a velha; abraçou o coronel, que soluçava como uma criança, subiu para o *trolley*, seguiu.

— Rapariga, gritou-lhe de longe o coronel, limpando os olhos, engasgado, você tem má cabeça, mas seu coração é bom, e eu quero-lhe bem deveras. Em toda e qualquer emergencia lembre-se de que eu e seu avô fomos como irmãos, de que eu tive sempre a seu pae na conta

de filho. Para tudo, mas mesmo para tudo, aqui fica o velho.

E accrescentou comsigo:

— Nalguma cousa haviam mesmo de dar as physicas e as botanicas e as caçadas: foi nisto. Antes nunca esta rapariga se lembrasse de ter vindo aqui para a fazenda, ou antes Manduca lá se tivesse deixado ficar pelo Paranápanema. Agora é pegar-lhe com um trapo quente.



XVII

Seis dias depois da partida de Lenita chegou Barbosa.

De nada sabia elle: o coronel não lhe tinha escripto.

Desde que transpuzera a crista do morro, vinha alongando os olhares, á espera a todo o momento de divulgar o vulto da moça a uma janella, no terreiro, em qualquer parte. Antegostava o prazer de vel-a estremecer de jubilo ao enxergal-o, de vel-a correr-lhe ao encontro pallida, tremula, convulsionada pela emoção.

Lembrava-se da noute, e tinha calafrios: afastava, expellia da mente a lembrança do goso, para tambem esquecer que lhe era preciso esperar tantas horas.

E ás janellas ninguem assomava. No pardo

sujo do terreiro esburgado, agitavam-se, passavam rapidas de uma para outra parte, manchas azues e encarnadas: era um lote de crioulinhos a correr, a brincar, vestidos de camizolas de baeta. Mais nada.

— Melhor, disse Barbosa consigo, vou surprehendel-a na varanda, em prosa com o velho. Desceu, chegou á porteira.

A crioulada reuniu-se em um magote, e, alçando as mãos e tripudiando, começou de gritar em uma melopéia cadente, rhythmica, afinada:

— Ahi vem nhonhô! Nhonhô ahi vem!

— Cala o bico, canalhada! gritou Barbosa, cruzando nos labios o indice da mão direita.

A crioulada, affeita a obedecer, emmudeceu.

Elle apeou-se, descalçou as esporas, atravessou o terreiro, entrou em casa, foi andando nas pontas dos pés até á varanda.

Estava deserta.

Dirigiu-se ao quarto do pae. Encontrou o coronel deitado, a gemer com o rheumatismo. Na *chaise-longue* do costume cabeceava a velha entrevada.

— Como vai, meu pae? Como está, minha mãe?

E beijou a mão de um e a testa da outra.

— Na fórma do louvavel . . . respondeu o coronel, soffrendo sempre . . . ai! . . . Este maldito rheumatismo não me larga . . . Como foi você de viagem?

— Muito bem.

— O engenho?

— Vem ali, chega amanhã á estação.

— Assim, pois, é preciso que sigam os carroções a esperal-o, hoje mesmo?

— Basta que sigam amanhã.

— E veiu cousa boa?

— Optima. Algumas peças foram fundidas especialmente; fizeram-se os moldes sob meu risco.

— Muito bem, e quanto custou?

— Ficou barato; não anda em mais de tres contos.

— Ai! . . . Você já jantou?

— Não, senhor.

O coronel sentou-se com esforço, tirou de sob o travesseiro uma chavinha, levou-a aos labios, arrancou um assobio estridente, prolongado.

— Sinhô, gritou dentro uma escrava, que logo assomou á porta do quarto.

— Nhonhô está aqui, e ainda não jantou.

— Sim, sinhô, meu sinhô.

E, voltando-se rapida, desapareceu.

Barbosa não quiz perguntar por Lenita. Ella estava de certo no quarto. Elle lá iria ter com ella.

Pediou licença ao pae para sahir: que se não demoraria, disse; que voltaria logo, para conversarem.

Chegou á sala de Lenita, e sentiu um grande aperto de coração ao ver os consólos despidos,

sem um bronze, sem uma estatua, sem uma jarra de Sèvres, sem um defumador de Satzuma.

Foi á porta do quarto de dormir, empurrou-a: estava fechada, á chave: foi ao outro quarto, vazio.

Empallideceu, encostou-se á humbreira da porta para não cahir. Que era aquillo? perguntou-se. Para onde tinha ido a moça?

Voltou aos aposentos do pae.

— Meu pae, onde está D. Lenita?

— Si realisou o que tinha na intenção, está em S. Paulo, em casa de um parente, do Fernandes Frias, ou em qualquer hotel. Aquillo é uma doidinha.

— Pois D. Lenita foi para S. Paulo?! exclamou Barbosa, como que recusando a evidencia, como que fugindo á brutalidade do facto.

— Si foi! Você a conhece pelo menos tão bem como eu: em desencabritando, desencabrita mesmo; não ha pegar-lhe.

Barbosa deixou-se cahir em uma cadeira.

Não estava pallido, não estava livido: estava uma e outra cousa: tinha manchas côr de chumbo no rosto côr de terra.

Em suas feições havia alguma cousa da expressão que deve ter uma mascara de bronze que, cahida em uma fogueira, começa a entrar em fusão.

Conservou-se sentado por muito tempo, mal respondendo ás perguntas do pae.

Chamaram-n-o para jantar; foi, sentou-se á mesa, cruzou os braços sobre ella, afundou a cabeça no angulo formado pelo braço esquerdo, deixou-se ficar, quedo, immovel.

Reflectia.

Lenita alli não estava, não estava na sala, não estava no quarto, não estava no terreiro, não estava no pomar, não estava na fazenda. Elle a não veria mais, não lhe ouviria mais a voz suave, não lhe beijaria mais os labios córados, não lhe beberia mais a frescura do halito... Só... só... estava só!

Ella o provocára, ella se lhe offerecera, ella o procurára, ella se lhe entregára, ella se prestára a todos os seus caprichos, mansa, docil, submissa, para depois assim abandonal-o, a sós com as lembranças, entregue á tortura da saudade!

Não, não era possível: Lenita alli estava, do outro lado da mesa; não se fôra...

Ergueu a cabeça, abriu os olhos esgazeados, e só viu diante de si a crioulinha servente, que abanava moscas, movendo preguiçosa e molle, para a direita e para a esquerda, um ramo de alecrim bravo.

Barbosa deixou cahir de novo a cabeça, continuou no cismar doloroso, como quem se praz a revolver em uma ferida o ferro que a produziu.

Louco que fôra!

Tinha tido dezenas de amantes, tinha sido,

era ainda casado, conhecia a fundo a natureza, a organização caprichosa, nevrotica, inconstante, illogica, falha, absurda, da femea da especie humana; conhecia a mulher, conhecia-lhe o utero, conhecia-lhe a carne, conhecia-lhe o cerebro fraco, escravizado pela carne, dominado pelo utero; e, estolidamente, estupidamente, como um fedelho sem experiencia, fôra se deixar prender nos laços de uma paixão por mulher!

O tempo ia passando: o jantar arrefecera.

Barbosa levantou-se.

— Nhonhô não janta? perguntou triste a preta cozinheira que o observava da porta do corredor.

— Não, Rita: estou sem vontade, estou doente.

Sahiu, chegou á porta do terreiro, circumspccionou os arredores.

Parecia-lhe morta a natureza: a paizagem figurava-se-lhe um cadaver vasto, enorme.

Do diaphragma subia-lhe para o coração um aperto constante, ininterrompido, doloroso, que lhe tolhia o folego, que o suffocava.

Queria chorar; o pranto, julgava, far-lhe-ia bem, seria um desabafo: impossivel. Um ardor secco, febril queimava-lhe os olhos.

No immovel do arvoredado secular, na calma impassivel das encostas amarelladas, havia, elle pelo menos sentia, o que quer que era de hostile: essa indifferença magestosa irritava-o, era como um escarneio á angustia em que se extorcia seu espirito.

E tudo lhe fazia lembrar Lenita : na ante-sala, a cuja porta estava, a vira elle pela vez primeira, por entre as torturas de uma enxaqueca ; no pomar, de que avistava um angulo, com ella tivera a primeira entrevista ; no pasto, que se lhe extendia ante os olhos, quantas e quantas vezes não tinham passeado junctos ! na matta fronteira, as caçadas, os passaros, a cutia, os porcos, a cascavel . . . ah ! a cascavel !! Porque não succumbira Lenita ao veneno da cobra ? ! Porque a fizera elle viver ? ! Morta naquelle tempo, ella seria apenas uma saudade doce, e não a lembrança voraz que o havia de matar.

Anoiteceu.

A escuridade, o silencio, reproducção cruel da escuridade e do silencio das noutes de outróra, das noutes de amor, que não mais voltariam, acendraram-lhe, exacerbaram-lhe o pungir do soffrimento, o ralar da soledade.

Lembrou-lhe o suicidio.

— Ainda não, disse : esperemos.

Entrou para o seu quarto, deitou-se, fez uma injeccão de morphina, dormiu.

No dia em que era esperado chegou o makhinismo.

Barbosa desenvolveu uma actividade febril.

Desengradou-o, armou-o, installou-o elle proprio. Multiplicou-se, dividiu-se : fez-se carpinteiro, pedreiro, serralheiro, makhinista.

Queria esquecer: de dia hypnotizava-se com trabalho, de noute com morphina.

Prompto o engenho, a moagem continuou.

Barbosa tomou-a a si, dirigiu o serviço. O as-sucar da fazenda criou fama.

— Eta! rapazinho destorcido! dizia o coronel, é pau para toda a obra! Quem havia de dizer que elle entende mais de fabricação de assucar do que eu que lido com canna desde que me conheço por gente?! Quem estuda sabe mesmo. Mas... eu não ando contente com elle: estes modos que elle agora tem não são naturaes, elle não os tinha. Aquella Lenita...

Em um dos dias da primeira quinzena de Outubro o moleque trouxe da villa, na correspondencia, duas cartas sobrescriptadas por uma lettra redonda, fina, bonita lettra, lettra de mulher.

Eram de Lenita.

Barbosa o conheceu immediatamente.

Uma lhe era endereçada, outra ao coronel.

Barbosa tomou a sua, abriu-a e, pallido, muito pallido, com um ligeiro tremor a agitar-lhe as mãos, começou a leitura.

Dizia:

«S. Paulo, 5 de Outubro de 1887.

Ao sr. Manuel Barbosa envio muito saudar.
Mestre.

Ao chegar á fazenda surprehendeu-se de certo com a minha partida um tanto brusca.

Procurou-lhe explicação, não achou: nem eu. Lembre-lhe o que diz Spinoza: «A nossa illusão «do livre arbitrio vem de ignorarmos nós os moti-«vos que nos dirigem.» No caso desta minha partida, eu poderia bem crer que tinha livre arbitrio.

Demais sou mulher, sou *fantasque*. Quem vai discutir, explicar caprichos de mulher? Val infinitamente mais

non ragionar di lor, guardar, passar!

Qual tem sido minha vida desde que vim da fazenda? Nem eu mesmo sei.

Estudar, não tenho estudado: fui sabia, fui *preciosa* tanto tempo, que achei de justiça dar-me o luxo de ser ignorante, de ser *mulher* um pouquinho.

Mas, qual! ninguem é sabio impunemente. A sciencia é uma tunica de Dejanira: uma vez vestida, gruda-se á pelle, não sai mais. Quando se tenta arrancar deixa pedaços do forro, que é o pedantismo.

E a prova é estar-lhe eu escrevendo, por não poder resistir ao prurido de communicar as minhas impressões, de conversar um bocadinho com quem me entenda.

Que saudades não tenho eu ás vezes das nossas palestras, das nossas lições, em as quaes tanto se dissipava a treva da minha ignorancia á luz do seu profundo saber!

O passado, passado: fomos como dous astros vagabundos que se encontraram em um recanto do espaço, que caminharam junctos emquanto foram paralelas as suas orbitas, e que ora estão separados, seguindo cada qual o seu destino.

Vamos ao que serve.

S. Paulo é hoje uma grande cidade: dou-lhe, sem receio de erro, sessenta mil habitantes.

Dia a dia; para norte, para sul, para leste, para oeste, está crescendo, está se alastrando, e, o que mais é, está se aformoseando.

Os horriveis casebres dos fins do seculo passado e dos principios deste, vão sendo demolidos para dar lugar a habitações hygienicas, confortaveis, modernas. Os palacetes do periodo de transição, á fazendeira, á cosmopolita, sem arte, sem gosto, chatos, pesados, mas solidamente construidos, constituem um defeito grave, que não mais desaparecerá. Obras, porém, ha, feitas, nestes ultimos cinco annos, pelo arkhitecto brasileiro, Ramos de Azevedo, pelo italiano Pucci e por outros estrangeiros, que são realmente primores de arte. Gosto immenso da Thesouraria da Fazenda que está construindo Ramos de Azevedo: é um edificio que honra a S. Paulo pela severidade e elegancia do estylo, pela robustez que ostenta, desde os profundissimos alicerces até o levantado coruchéo. Aquella mole enorme, forma um todo compacto, homogeneo, sem o minimo defeito, sem uma trinca sequer de *tassement*.

Quem viu o que alli estava... cruzes!!! Para se avaliar o que era, basta que se veja o actual Palacio do Governo, da mesma procedencia. Os manes do sr. Florencio de Abreu podem limpar as mãos á parede dos Campos Elysios, si é que os Campos Elysios têm parede. Desmanchar a velha, a massiça, a historica, a legendaria construcção dos Jesuitas, para estender por alli fóra aquelle pardieiro medonho! Não sei porque não mandou botar abaixo tambem a capella... O sr. do Parnahyba desvendou os mysterios da crypta dos padres de Loyola, rasgando uma porta no andar terreo da torre dessa capella. A' esquerda de quem entra vêm-se distinctamente seis cavas sepulcraes, seis catacumbas, superpostas, em duas ordens, de tres cada uma, praticadas na grossura enorme da parede. Entraram já cadaveres os que alli jazem, ou foram emparedados vivos, segundo a lei terrivel do codigo secreto da Companhia? Ao governo, ao bispo diocesano, incumbe, corre o dever de mandar abrir aquelles jasigos, onde talvez se encontrem documentos importantes para a historia da provincia.

O *Chá*, lembra-me bem, era matto quando eu estive com meu pae em S. Paulo, pela primeira vez: hoje é um bairro populoso, constituido por um vasto enxadrezamento de ruas direitas e largas, arejadas e mordidas de luz.

Ha na cidade varios calçamentos a parallelipipedos.

O antigo, lamoso largo de S. Francisco está que é um brinco.

A Academia foi reformada.

Talvez eu não tenha rasão; mas o caso é que eu a preferia exteriormente como ella era outr'ora. Tinha pelo menos o merito de representar o gosto arkhitectonico dos religiosos que dirigiram a colonisação do Brazil. Hoje não representa cousa nenhuma, tem uma apparencia limpa, mas desgraciosa e até caturra.

No alastrar da cidade os bairros unem-se, vão desaparecendo as soluções de continuidade predial: a Luz já pega com o Braz pela Rua de S. Caetano.

O commercio tem-se desenvolvido de modo assombroso, e a industria segue-o de perto.

Ha em S. Paulo fabricas de moveis, de chapéos, de chitas, de bordados, de luvas, que rivalisam com as do Rio, e que estabelecem concorrencia seria aos productos europeus.

Nas ruas de S. Bento e da Imperatriz é enorme o acervo de lojas, de armazens, de casas bancarias, de estabelecimentos de todo o genero.

As *vitrines* das casas de joias entram em conta de riqueza e gosto: aqui a relojoaria suissa, delicada, elegantissima, ostenta os seus primores, os seus inexciveis Patek Philippe, a par dos artefactos solidos da relojoaria americana, dos Waltham feitos a makhina, grossos, esparramados, angulosos, profusa e desgraciosissima-

mente ornamentados. Alli a prata do Porto, aericamente, maravilhosamente filigranada, casa sua alvura mate aos reflexos fulvos da ourivesaria franceza, ás scintillações magicas dos brilhantes purissimos do Brazil, dos diamantes coloridos do Cabo, dos rubins, das saphyras, dos topazios, das amethystas, das opálas irisadas. A luz brinca nos labores dos metaes e nas facetas das pedrarias em um tal deboche de magnificencias, que faz lembrar os contos de fadas, a caverna de Aladino.

Entrei hontem em uma casa de modas, a *Mascotte*.

Attrahiram-me a attenção bronzes de Barbedienne, expostos em uma vitrine *interior*.

Alguns eram reproducções dos que eu posuo, o hoplitodrómo conhecido por *gladiador Borghese*, a Venus de Milo, a Venus de Salona: outros eu ainda não conhecia, o *menino da cesta*, por Barrias; a *bakkhante do cacho*, por Clodion.

Que bronze adoravel este! que verdade nos pannejamentos! que morbidez suave de postura! No rosto o metal parece ter o emaciamento, a transparencia fosca da pelle viva. Os olhos como que se cerram em um extasi de volupia...

Encommenda de Julio Ribeiro, um grammatico que se pode parecer com tudo menos com um grammatico: não usa simonte, nem lenço de Alcobaça, nem *pince-nez*, nem siquer cartóla. Gosta de porcellanas, de marfins, de bronzes ar-

tísticos, de moedas antigas. Tem, ao que me dizem, uma qualidade adorável, um verdadeiro título de benemerencia — nunca falla, nunca disserta sobre cousas de grammatica.

Veu receber-me um dos proprietarios da loja, rapaz afavel, parisiense nos modos, flor na botteira do paletot, sorriso engatilhado.

Fiz alguns pedidos: tomou nota delles, para mandar-m'os á casa, o outro socio, irmão, creio, do primeiro; moço grave, serio, de physionomia leal, sempre ao *bureau*, sempre a escrever, typo acabado do Portuguez antigo, trabalhador, honesto, pontual, pé de boi.

Em frente — a Casa Garraux, vasta Babel, livraria em nome, mas verdadeiramente bazar de luxo, onde se encontra tudo, desde o livro raro até a pasta de açoifeira, passando pelo Cliquot legitimo e pelos cofres á prova de fogo.

Lá fui ver a exposição permanente.

Mal tinha eu entrado, entrou tambem um grupo de homens, tres ou quatro, si bem me lembra.

O da frente, pelo elevado da estatura, pelo desembaraço, pelo *aisance* de maneiras, excedia os outros *de toute la tête*, como diria mestre Fénelon.

Era um sujeito corpulento, córado, limpo, no descambar da idade viril, ou melhor no verdor da velhice. O bigode farto, betado aqui e alli por um fio de prata, e as longas *costelletas* accentua-

vam-se com nitidez no rosto fresco, caprichosamente escanhoado. O cabello curto dividia-se em pastinhas despretenciosas no alto da testa vasta, ligeiramente redonda. Collarinho de pontas quebradas, gravata branca de nó, collete fechado até o nó da gravata, frac, flor enorme na lapella, calças de casimira preta com listinhas de seda branca, chapéo preto, alto, molle, sapatos Clark, *pince-nez*.

Bello homem, Ramalho Ortigão, já adivinhou.

Um dos que o acompanhavam era um rapaz alto, cheio de corpo, alvo, de cabellos castanhos claros, quasi louros, ondeados, de bigode crespo, de labio inferior córado, humido; um *causeur* adoravel, que o mestre disse-me ter encontrado uma vez em Campinas, e a quem eu fui apresentada um dia destes, em uma festa de annos, Gaspar da Silva.

Ramalho entrou em conversa com um dos socios da Casa Garraux: eu, fingindo que examinava um livro, prestei-lhe toda a attenção. Apanhei, dissequei, analysei cada uma de suas palavras.

Voz agradável, bem timbrada; pronuncia distincta, correctissima; sotaque alfacinha puro, extranho, muito extranho a ouvidos paulistas.

Ramalho Ortigão é incontestavelmente um homem de combate, um grande escriptor. Eu, porém, não gosto d'elle. Acho-o trabalhado, li-

mado, castigado demais; acho *qu'il pose toujours*. Não escreve como Garrett, vasando a alma no papel: calcula o effeito de cada palavra, de cada phrase, como um jogador de xadrez calcula o alcance do movimento de cada peça. Nos seus escriptos ha notas, ha quantidades constantes, que reapparecem fatalmente. Encontra-se sempre uma admiração exaggerada por tudo quanto é vigor muscular, por tudo quanto é manifestação de força humana physica. O estadulho, a bengala grossa são factores imprescindiveis das suas theorias de moralisação social. Affecta pelo acieio, pelo cuidado do corpo um culto que chega a se tornar impertinente. Não perde ensejo de contar que se banhou, que se barbeou, que mudou de roupa branca. Tanto repete, tanto insiste, que até parece ter um secreto receio de que o não acreditem. Escreve elle um livro novo: os seus leitores habituaes já lhe conhecem, já lhe esperam as *ficelles*. Ha de fallar por força nas malas, nos apeiros de *toilette*, nos desinfectantes, na abundancia de cuecas e piugas. Tem phrases feitas, uma por exemplo — todos os seus estandartes, todas as suas bandeiras, todas as suas flammulas, todos os seus galhardetes, estão sempre a *palpitar gloriosamente*, estão sempre a bater em *palpitações gloriosas*.

Os livros de Ramalho Ortigão são excellentes, não ha negal-o, quer pelo fundo, quer pela forma. Bom senso e correcção de lingua-

gem até alli: ensinam a pensar e ensinam Portuguez.

O que eu não creio é que elles sejam um espelho, uma camara escura para se estudar a individualidade do auctor.

Entendo que não se pode ficar conhecendo a Ramalho Ortigão nem no *Em Paris*, nem nas *Farpas*, nem na sua parte do *Mysterio da Estrada de Cintra*, nem nas *Caldas e Praias*, nem nas *Impressões de Viagem*, nem na *Hollanda*, nem no *John Bull*: melhor do que em tudo isso photographa-se elle nos seus depoimentos sobre a questão Vieira de Castro.

Seja como fôr, hontem foi para mim um grande dia: conheci um grande homem.

Agora, nós: o que mais de perto nos toca...»

Seguiam-se algumas linhas cryptographicas, em uma cifra que Barbosa e Lenita tinham combinado, desde os primeiros tempos de convivencia.

Barbosa leu:

«Estou grávida de tres mezes mais ou menos.

Preciso de um pae *official* para nosso filho: ora *pater est is quem instae nuptiae demonstrant*.

Si tu fosses livre faziamos *iustas* na igreja as nossas *nuptias* naturaes, e tudo estava prompto.

Mas tu és casado, e a lei do divorcio aqui no Brazil não permite novo enlace: tive de procurar *outro*.

“Tive de procurar,, é um modo de dizer: o

outro deparou-se-me, offereceu-se-me; eu me limitei a acceital-o, e ainda impuz-lhe condições.

E' o dr. Mendes Maia.

Ao chegar aqui escrevi-lhe para a Côrte; elle veio immediatamente, tivemos uma conferencia larga, eu fui franca, contei-lhe tudo e... e... e nós nos casamos amanhã, ás 5 horas da madrugada... Pelo trem do Norte, que parte ás 6, seguimos para a Côrte, e da Côrte para a Europa no primeiro vapor.

Sei que te has de lembrar sempre de mim, como eu sempre me hei de lembrar de ti: *calembourg* á parte, o que *entre nós* se passou não se olvida.

Não me guardes rancor. Fomos um para o outro o que podíamos ter sido; nada mais, nada menos.

A criança si fôr menino, chamar-se-á Manuel; si fôr menina Manuela...»

A carta ainda continuava.

Barbosa, livido, com as feições horrivelmente contrahidas, rasgou-a em dous movimentos, atirou-a em um lamaçal, onde, com gaudio infinito, chafurdavam alguns porcos.

— Rameira! prostituta vil! exclamou elle.

— Sabe você que mais? perguntou-lhe o coronel, que se approximava. A Lenita casa-se! Escreveu-me, participando.

— A mim tambem escreveu ella.

— Sim?! E ella a dizer que se não queria

casar... Fiem-se lá em mulheres! Aquella par-tida repentina não teve outra causa.

— Não teve, não, voltou Barbosa.

A tarde, levou-a elle toda a pensar, a malu-car só comsigo.

A' noute não fez injeccão de morphina, pas-sou em claro, nem siquer se deitou.

No dia seguinte, cedo, sahiu, deu uma volta pelo pomar, foi á matta, chegou á ceva, demo-rrou-se a contemplar os destroços do reparo, as cannas do milho que tinham nascido e morrido estioladas pela sombra, sem produzir. Viu ainda, por entre as folhas seccas, algumas vertebrae, algumas espinhas da cascavel.

Voltou, passou pela *fruiteira*, em cuja copa uma araponga serrava estridulosa.

Viu no chão uma penna de jacú, desbotada pela humidade, suja de barro.

Ergueu-a, contemplou-a muito tempo, dei-xou-a cahir.

Voltou para a casa, não quiz almoçar, pediu um banho.

Despiu-se, entrou na banheira, deitou-se, re-volveu-se com delicias na agua tepida, aromati-zada com vinagre de Lubin.

Após muito tempo sahiu, enxugou-se com esmero, calçou ceroulas de linho, passadas a ferro, cheirosas, frescas, muito macias.

Chamou dous pretos, mandou esvaziar, reti-rar a banheira.

Foi á mesa, tomou uma garrafa de vinho hungaro, doce, perfumoso, Rusti-Aszú; abriu-a, encheu um calix, examinou de encontro á luz a transparencia côr de topazio queimado do precioso liquido, cheirou-o, hauriu-lhe o *bouquet*, bebeu-o como fino entendedor, aos golinhos, dando estalos com a lingua.

Puxou uma gaveta, e della tirou uma caixa oblonga de charão; abriu-a. Havia dentro uma seringinha de vidro, uma capsula de porcellana, um escarificador de dez laminas e um pequeno pote, exquisito, bojudo, de barro preto, arrollado cuidadosamente com um batoque de madeira. Uma etiqueta em lettras vermelhas sobre fundo amarello denunciava-lhe o conteudo.

Barbosa, dispoz tudo isso sobre o marmore do criado.

Tomou o escarificador, fel-o funcionar. Nove das laminas tinham sido quebradas de adrede: uma só estava intacta, e essa cortava como uma navalha.

Barbosa largou o escarificador, pegou o potinho, fez cahir delle na capsula uns grãos irregulares, escuros, com quebraduras lustrosas.

Era *curare*.

De sobre a mesa tirou um moringue, deitou na capsula cerca de duas colheres de agua, e, com o bico da seringa, foi agitando, fazendo com que se dissolvesse o terrível veneno.

Quando inspissou-se a solução, assumindo a

côr carregada de café forte, Barbosa encheu com ella a seringa.

Tomou de novo o escarificador, engatilhou-o, applicou-o sobre a face interna do antebraço esquerdo, premiu o botão.

Ouviu-se um estalo abafado.

Barbosa retirou o escarificador.

Um pequeno traço, fino como um cabello, desenhava-se-lhe negro na alvura da cutis.

Uma gottazinha de sangue reçumou, merejou, redonda, rubra, brilhante, como um rubim.

Barbosa largou o escarificador e, a sorrir, sem empallidecer, pegou, segurou a seringa entre o indice e o medio da mão direita, introduziu-lhe o bico afilado na cesura, mettu o pollegar no anel da haste, calcou firme, empurrou com força o pistão.

O excesso do liquido injectado espadanou, desenhando-lhe na brancura da pelle um como arakhnide sinistro.

Barbosa lançou no ourinol o resto do conteúdo da capsula, mettu-a com o potinho, com o escarificador, com a seringa na caixa de charão, escreveu em um bilhete de visita — *Cuidado, que isto é veneno* —, poz tambem o bilhete dentro, fechou a caixa, guardou-a na gaveta, foi ao lavatorio, molhou uma toalha, limpou o braço, voltou para a cama, deitou-se de costas, ao comprido.

Passaram-se dous minutos.

Barbosa nada sentia, absolutamente nada.

Quiz ver a cesura, tentou chegar o braço á altura dos olhos. Não poudo. O membro paralyzado recusava-se á ordem do cerebro.

Tentou o mesmo com o braço direito, quiz mover as pernas: igual impossibilidade.

Tentou sacudir a cabeça, fechar e abrir os olhos: sacudiu a cabeça, fechou e abriu os olhos.

Passaram-se mais alguns minutos.

Tentou de novo sacudir a cabeça, fechar e abrir os olhos. Impossivel. A paralyisia era já quasi completa, quasi total.

E não soffria dôr, constrangimento de especie alguma.

No terreiro de baixo, ao pé do engenho, os pretos estavam a malhar um resto de feijão que ficára de Julho. Cantavam. A toada distante chegava a Barbosa, amortecida, em quebras suaves, como os das *vozes angelicas* de um harmonium.

Do tecto pendia uma jardineira de vidro com um *epidendron fragrans*: Barbosa hauria com delicias os effluvios embriagantes das flores da orkhidea.

Na bocca tinha ainda o resaibo suave, quente, do vinho hungaro generoso.

A um canto do forro aranhas domesticas fabricavam as suas teias: Barbosa distinguia-lhes bem os movimentos habeis das pernas longas, esguias, nodosas, verdadeiros dedos de phthisico.

Veuu uma mosca, e pousou-lhe na face: com uma hyperesthesia tactil que chegava a ser um padecimento, elle sentia o prurido leve das patas do insecto. Quiz enrugar a pelle do rosto para afugental-o, não poude.

E a percepção de tudo era clara, a intelligencia perfeita.

Lembravam-lhe, acudiam-lhe de tropel á memoria as metamorphoses mythologicas de homens, de mulheres, em arvores, em rochedos.

O sonho extravagante da imaginação doentia dos poetas héllenos era traduzido em realidade palpitante, era excedido no dominio dos factos pela acção mysteriosa do veneno americano.

— Oh! pensava Barbosa, não poder eu dictar a alguém o que em mim se está passando, descrever o goso desta morte gradual, em que a vida esvai-se como um liquido que se escôa. Que sou eu neste momento? Uma intelligencia que sente e quer, presa em um involucro morto, captiva em um bloco inerte... O espirito, o conjuncto das funcções do cerebro, está vivo, dá ordens; o corpo está morto, não obedece. Tenho um pé na existencia e outro no não ser. Alguns minutos mais, e tudo estará acabado, sem soffrimento, sem dor... Já entrevejo o *nirwana* budhico, o repouso do aniquilamento...

— Manduca! Manduca!

Era voz do pae que o chamava.

Barbosa ficou triste: queria responder e não podia.

— Thereza!

— Sinhô!

— Onde está Manduca? Você não o viu?

— Vi, meu sinhô. Elle está ahi no quarto d'elle. Estava se banhando. Ainda ha pouco Pedro e José sahiram com a banheira.

— Que diabo! não responde... Só si está dormindo.

E o coronel dirigiu-se ao quarto, entrou.

Ao dar com o filho nú da cintura para cima, estendido de costas na cama, pallido, immovel, olhos abertos, fixos, o coronel deu um salto.

— Manduca! que é isto, Manduca?!

E agarrando, abraçando o filho, sacudia-o nervosamente.

O corpo de Barbosa, flaccido, quente, cedia aos esforços do pae, como um cadaver antes da rigidez.

E o cerebro, activo, lucido, em exercicio pleno de funcções, vivia, comprehendia, sentia, tinha vontade, queria fallar, queria responder ao pae, mas já não tinha orgams, estava isolado do mundo.

— Meu filho morreu! meu filho morreu! bradou o coronel, e sahiu desatinado, correndo, com as mãos na cabeça.

A esses gritos deu-se um como milagre.

A velha entrevada firmou as mãos nas guardas da *chaise-longue*, fez um esforço supremo, ergueu-se, cahiu de joelhos, e começou a engatinhar para o quarto do filho, movendo as juntas quasi anquilosadas de um modo que seria ridiculo, si não fosse horroroso.

Em camiza, em uma seminudez indecente, escorregando pelo assoalho, ás sacadas, aos solavancos, como um insecto mutilado, foi, chegou onde estava o filho, abeirou-se-lhe da cama, levantou-se, agarrou-se ao colchão, guindou-se com difficuldade dolorosa, abraçou o corpo por sua vez, collou-lhe nos labios os seus labios de velha, molles, franzidos, frios.

Aos beijos da mãe, beijos que não podia retribuir, Barbosa sentiu-se tomado de um sentimento extranho, de uma ternura filial que nunca dantes conhecera.

Mãe! Pae!

Porque se não devotára com todas as suas poderosas faculdades a minorar os soffrimentos daquelle casal de velhos, a suavisar-lhes as misérias da senectude?!

Descrente de amigos, descrente de amantes, descrente da esposa, atheu, farto do mundo, enojado até de si, fôra pedir aos gelos da sciencia exclusivista a morte, a extincção dos ultimos affectos.

Tornára-se egoista, tornára-se cruel.

E tinha ainda o que o prendesse ao mundo:

tinha pae, tinha mãe, tinha a quem se devotar, tinha para quem viver!

Que vingança cruel a da natureza!

Entregára-o de mãos atadas aos caprichos de uma mulher hysterica que se lhe offerecera, que se lhe dera, como se teria offerecido, como se teria dado a qualquer outro, a um negro, a um escravo de roça, não por amor psykhico, mas para satisfazer a carne faminta . . .

Repleta, farta, essa mulher o abandonára.

Nas cinzas quasi frias das suas crenças mortas ateára-se o lume do amor, o fogo da fé, brilhára um momento, mas prestes se extinguiu, e a escuridão voltára mais tetrica.

Lenita fôra procurar e achára um homem vil que lhe vendia o nome para coberta do erro, que a aceitava por esposa deshonorada, grávida . . .

Grávida! . . . Ella estava grávida, elle ia ser pae . . .

E ella fugia d'elle, levava-lhe o filho e ainda o ludibriava, descrevia-lhe em cynica missiva as suas observações de viajante, as suas impressões de artista! Fazia ainda mais, dava-lhe parte do seu enlace com o minotauro previo e consciente, informava-o de que o seu filho, o filho d'elle Barbosa, tinha de dar o nome augusto de *pae* a um homem sem brios, a um chatim refece de honra!

E elle morria, morria por amor dessa mulher, morria porque ella lhe quebrantára o kharacter,

morria porque ella o prendera nos liames da CARNE, morria porque sem ella a vida se lhe tornára impossivel . . . Covarde !

O remorso personificado na figura lastimosa e quasi hedionda de sua desgraçada mãe, alli estava sobre elle, abraçando-o, devorando-o, bebendo-lhe os ultimos alentos.

Oh ! elle queria viver !

E não era impossivel.

Si houvesse quem entendesse de physiologia, quem estabelecesse a respiração artificial, até que fosse completamente eliminado o veneno, arredar-se-ia a morte, a vida voltaria.

Mudassem as circumstancias, outrem fosse o paciente, e Barbosa salvava-o.

Mas por si, para si, nada podia fazer : enclausurado no corpo como o lepidóptero na khrysalida, estava impotente, estava aniquilado : nem sequer lhe era concedido o consolo triste de pedir, de implorar o perdão da pobre mãe, da misera entrevada, a quem a angustia curára em um momento.

A placidez da morte sem dor, da morte pela paralyisia dos nervos motores, converteu-se em um supplicio atroz, pavoroso, para cuja descripção não tem palavras a linguagem humana.

Morto e vivo !

Tudo morrera : só vivia o cerebro, só vivia a consciencia, e vivia para a tortura . . .

Porque não ter despedaçado o craneo com uma bala?

A paralytia invadiu os ultimos reductos do organismo, o coração, os pulmões: systole e diastole cessaram, a hematose deixou de se fazer. Um véo abafou, escureceu a intelligencia de Barbosa, e elle cahiu de vez no somno profundo de que ninguem acorda.

FIM

Glossario

A

AMARELLÃO—nome dado pelo povo á *hypohemia intertropical*.

ATABULAR—estugar, apressar.

B

BENÇAM—(*tomar a bençam*) signal de vassalagem que as pessoas de classe baixa fazem aos que reconhecem como superiores. Consiste em pôr as mãos ou em estender a mão direita aberta, com a palma para cima, exclamando: *A bençam!* ou *Louvado seja Nosso Senhor Jesu Khristo!*

Era e ainda é no interior de S. Paulo e Minas a maneira de saudarem os filhos aos paes, os afilhados aos padrinhos.

C

CANDIMBA—lebre brazilica.

CARPA—limpa, monda de plantações.

CASCAVEL—cobra (*crotalus horridus*). Entre os caipiras é substantivo feminino.

CEVA—logar que se limpa em meio de matta, e onde se põe milho, sal e outros engodos, a que se affaz a caça.

CHALO—leito, estrado de paus roliços.

CÔCHO—madeiro cavado; serve de comedouro a animaes, serve tambem para ter liquidos por pouco tempo. Plural *cóchos*.

CONTRA—substantivo, abreviação de *contra-veneno*.

COUSA FEITA—veneno preparado e propinado com formulas de crendeirice, feitiçaria.

E

ESPELOTEADO—tonto. É metaphora tirada do facto de ficar tonto o passaro ferido na cabeça por pelotada que não dá para matal-o.

ESPREGUICEIRO—catre estreito, forrado de couro.

ESTAQUEIRA—cabide.

F

FRUITEIRA—o mesmo que *fruteira*, qualquer arvore que dá fructa. Em sentido restricto *jaboticabeira*, e tambem qualquer arvore silvestre a cuja fructa acode a passarada: foi empregada neste ultimo sentido.

FUCHICAR—amarrotar.

I

IMMUNDICIE—caça miuda, de pello.

K

KHILIOMETRO—confôrme o Grego moderno *Χιλιόμετρον*. A fôrma usual *kilometro* é viciosa, tanto em derivação, como em orthographia.

L

LOUVADO—o mesmo que *bençam*. Vide BENÇAM.

M

MACHUCAR—brazileirismo classico. Vide *machucar* e *machocar* em Moraes, 7.^a edição.

MANDINGA—feitiço. É vocabulo africano.

MANIPANÇO—idolo africano, fetiche. O original da minha referencia está no Museu Sertorio, nesta capital. Foi achado em um quilombo no municipio de Sorocaba.

MUCAMA—escrava affecta ao serviço das senhoras, criada grave de côr preta.

P

PAR—Por um idiotismo peculiar ao oeste da provincia de S. Paulo usa-se de *par* no singular com o determinativo indefinito *um, uma* no plural. Diz-se, por exemplo:

«— Quer laranjas?

— Não, já comi *umas* par dellas?

— Quer pinhões?

— Passe *uns* par delles.»

O determinativo assume o genero do substantivo que faz de restrictivo: com *pinhões*, UNS; com *laranjas*, UMAS.

PERERECAR—debater-se em convulsões.

PITO—cachimbo. Vem de *pitum*, voz brazilica que significa *tabaco*. No sertão paulista e no mi-

neiro diz-se *pito, pitar, pitador* em vez de *cachimbo, fumar, fumador*. Em Portugal antigamente significava *frango*; hoje é termo obsceno.

Q

QUEIXADA — porco do matto, grande, de queixo branco, ferocissimo.

R

REBOLEIRA — mouta circular de qualquer vegetação que sobresaia á outra vegetação mais baixa que a rodeia.

REPARO — abrigo feito de ramos, onde se occulta o caçador, para atirar á caça que vem á ceva.

RESTINGA — porção alongada de terreno, coberta de matto alto, em campos, em feitas.

REVISTA — verificação da presença dos pretos nas fazendas, por chamada nominal, de manhã e á tarde.

S

SAMBURÁ — cestinho de taquara estreito e longo, com um cordel para se pendurar, para se trazer a tiracollo. No sertão paulista chama-se tambem *chuã*.

SAPATEAR—bater os pés. Diz-se mesmo (anti-etymologicamente) de pessoas descalças, e até de animaes.

SAPÉ—graminea com que se cobrem choupanas; é o *colmo* do Brazil.

T

TABUA—recusa a pedido de casamento.

TACTO—adjectivo. Significa *tremulo, bambo, incerto*. Diz-se principalmente das mãos: — *mãos tactas* — mãos tremulas, incertas, quasi sem tacto.

TAMBAQUE—tambor africano, feito de um cepo cavado de um lado só, sobre o qual se reteza uma pelle. Tocam-n-o a mão, sem vaquetas.

TARECOS—trastes velhos, por extensão quaesquer trastes, quaesquer effeitos; exactamente como o Francez *nippes*.

V

VINAGRE FERRADO—vinagre em que se fez esfriar uma peça de ferro em braza; usádo como desinfectante.

VIRA-VIRANDO—expressão do Portuguez dos pretos do Brazil. Para reforçar, para intensificar a significação de certos verbos, elles antepõem ao gerundio a terceira pessoa do singular do pre-

.sente do indicativo do mesmo verbo, e pospõem esse composto a qualquer tempo do verbo *andar*.
Exemplos:

«Ella *anda vira-virando* por lá.

Eu não estou para *andar corre-correndo* á tóa.»

Z

ZONZO — tonto.

NOTA SOBRE ORTHOGRAPHIA

Eu sigo a orthographia etymologica tanto quanto m'ò permittem os compositores typographos e os senhores revisores.

Já se deixa vêr que não sigo muito.

Aquelles senhores, tanto uns como outros, em se lhes deparando cousa a que não estejam affeitos, entendem que o escriptor errou, e não se fazem rogar para corrigir!

Eu, por exemplo (veja-se a primeira pagina deste livro), escrevo *dezoito* com *z*; elles põem *dezoito* com *s*! Eu escrevo *si* (conjunção); elles arrumam *se!!!*

Que fazer?

Pois sobre escrever *si* ou *se* (conjunção), disse eu em minha *Grammatica Portugueza*:

«Deve-se antes escrever *si* do que *se*: este modo de orthographar a palavra, sobre ser mais conforme com a pro-

nuncia, identifica o derivado com a raiz latina. Em Francez e em Hespanhol adoptou-se *si*; em Italiano, *se*.

A este respeito escreve Timotheo Lecussan Verdier :
 « Acerca da conjuncção condicional *si* que hoje vertemos em
 « *se*, observará o leitor que em muitos logares deste poema
 « ella se acha impressa *si*. Seguimos este modo de a escre-
 « ver, não só por ser mais etymologico e adoptado em outras
 « linguas que, como a nossa, derivam da latina; mas tambem
 « porque em manuscriptos e livros antigos portuguezes te-
 « mos encontrado esta condicional, escripta *si* e não *se*. Ainda
 « mais, como esta conjuncção *si* sempre precede e começa todo
 « o inciso que a pede, é indubitavel que nunca se pode equi-
 « vocar com o pronome *si* que sempre tem de ser precedido
 « e acompanhado de alguma preposição — *a si, de si, por si,*
 « *após si*, etc. Observará outrosim o leitor que o pronome
 « *si*, quando regido por verbo, muda-se em *se*, e que neste
 « caso muitas vezes precede o verbo; e, essencialmente, si
 « o inciso é condicional: ora, encontrando-se com a conjunc-
 « ção *si*, si esta se escrever e pronunciar *se*, e si o verbo que
 « se segue começa pelas syllabas *se* ou *ce*; o triplice succes-
 « sivo som de *se* será sem duvida sobejamente desagradavel,
 « por exemplo: *Se se separa; se se segura; se se segue; se*
 « *se celebra; se se semeia; se se ceifa; se se sega, se se ceia*. etc.
 « Observe finalmente o leitor que, si a euphonia das linguas
 « modernas pede muitas vezes alguma alteração na prolação
 « de palavras que nas linguas de que são derivadas se pro-
 « nunciam bem diversamente; em a nossa, como a mais che-
 « gada de todas á latina, a mesma euphonia pede tambem em
 « alguns casos, e mórmente neste, que não desvairamos da
 « etymologia e da orthographia, e que evitemos tão ingratas
 « cacophonias, como a que fica apontada. As linguas hespa-
 « nhola e franceza, hoje mais distantes que a nossa da fonte
 « latina de que ellas manam, conservaram a orthographia e
 « a pronuncia da condicional *si*; os nossos maiores assim a
 « pronunciaram e escreveram; escrevamol-a, pois, e pronun-
 « ciemol-a como elles. Declaramos que sempre escreveremos

«desta maneira, e que nos pesa de algumas, e não poucas, «condicionaes que ainda se acham nesta edição, impressas «em se por haverem escapado á nossa correcção».

Sobre o uso de *kh* e *kkh* escrevi eu na mesma *Grammatica Portugueza*:

A modificação vocal *ke* representa-se:

a) por *kh* — nos derivados de raizes gregas escriptas por χ e em algumas palavras oriundas de linguas orientaes, «*anachronismo* — *arkhetypo* — *Akhmet* — *Khorassan*».

Os derivados de palavras gregas escriptas com χ orthographam-se usualmente com *ch*, ex.: «*anachronismo* — *archetypo*»; mas insta acceitar a refórma acima, já proposta por Grivet (1) e por varios outros grammaticos. Os latinos querendo trasladar para o seu idioma o χ que é κ aspirado, com muito acerto pospuzeram ao *c*, que no seu alphabeto equivalia sempre a *k*, o *h*, signal de aspiração: representar, porém χ por *ch* portuguez, que symbolisa uma modificação vernacula especialissima, é dislate etymologico que só serve para difficultar o tirocinio da lingua.

Com effeito, quem será capaz de saber a pronuncia exacta dos vocabulos «*archeiro*, *archonte*» só por vel-os escriptos? Não é a confusão originada de tal uso de letras improprias um estorvo sério ao conhecimento perfeito da lingua franceza? Os vocabulos *chirurgien* e *chiromancie* por exemplo, derivam-se ambos da mesma raíz $\chi\rho\rho$ e todavia um pronuncia-se *xirurgien* e o outro *kiromancie*!

b) por *kkh* — nos derivados de raizes gregas escriptas por $\kappa\kappa$, ex.: «*Dakkh* — *ekkhymose*».

(1) *Grammatica Analytica da lingua Portugueza*, Rio de Janeiro, 1865, pag. 226.

O douto snr. Antonio Ennes em sua monumental traducção da *Historia Universal* de Cesar Cantu (1) já adoptou para os nomes proprios estas reformas orthographicas [5] 6]. Oxalá o tivera feito em todos os casos em que é ella exigida pela etymologia.

E acrescentei em nota especial, no fim do volume:

O GRUPO KH

Os latinos, querendo representar o χ grego, que é o κ aspirado, pospozeram ao *c*, equivalente exacto do κ entre elles, o *h*, signal de aspiração, constituindo o grupo *ch*:

Andaram bem, e $\chi\acute{o}\rho\omicron\varsigma$, $\chi\acute{\iota}\omega$, $\mu\omicron\nu\chi\epsilon\rho\chi\iota\varsigma$ ficaram perfeitamente representadas por *chorus*; *echo*; *monarchia*.

Com o volver dos tempos alterou-se a pronuncia do Latim, e o grupo *ch*, em vez de continuar a representar sómente o valor de χ grego, assumiu tambem em algumas palavras de origem diversa um som particular, o som de *x* em *faxa*, e transmittiu-se assim geminado em funcções a certas linguas romanicas, ao portuguez por exemplo.

Que fazer então para orthographar nesta lingua palavras oriundas do Grego, e nelle escritas com χ ? — Usar de *ch* latino? Mas em virtude do facto acima exposto, isso abre logar a enganos deploraveis. — Representar o χ por outro symbolo, por outro grupo que não *ch*, por *c*, por *k*, por *qu*? Mas isso dá ás palavras um aspecto barbaro, obscurecendo as filiações etymologicas.

O remedio é simples e intuitivo: é fazer o que fez Constancio, o que fez Baudry, o que fez Regnier, o que fez Bopp,

(1) *Historia Universal* por Cesar Cantu, reformada e ampliada por Antonio Ennes, Lisboa, 1879.

o que fez Dübner, o que fizeram todos os hellenistas que representaram kharacteres gregos com letras latinas; e por *h* a *k* e constituir o grupo *kh*.

E tal grupo não é *novo* como o entende o sabio professor de München, dr. von Renhardstoettner. Muito pelo contrario é mais antigo do que o χ , é vetustissimo.

Ora attenda-se:

«L'alphabet latin n'a point de caractères pour exprimer «le son des explosives sourdes aspirées. Quand les Latins «écrivait *ph*, *ch*, *th*, ils ne faisaient que transcrire φ , χ , θ «qui s'écrivaient, *avant l'invention de ces lettres aspirées*, $\kappa\eta$, $\mu\eta$, $\tau\eta$ (1)».

«N'ell' antichissimo alfabeto greco che appare nelle iscrizioni delle isole di Thera e di Melos il χ è ancora espresso con $\kappa\eta$, ed anche φ con $\mu\eta$ ». (2)

«Inoltre la matatesi accenata dell'aspirazione, il $\kappa\eta$ p. χ , «ed il $\mu\eta$ p. Φ , e la trasformazione de κ , τ , μ in χ , Θ , Φ , «allorquando adderiscono ad uno spirito aspro, ci dimostrano «che l'elemento fonetico, il quale aggiungeva se all'esplosive «sorde nelle aspirate greche, era la mera aspirazione *h*, non «la spirante omorganica, come altri suppose (3)».

Provada a legitimidade do grupo, estabelecido o seu antiquissimo direito de cidade no dominio hellenico, que se póde objectar de serio contra a sua adopção em Portuguez?

A sua extranheza de aspecto no meio dos grupos usuaes?

Mas isso é devido ao descostume, e uma vez que nos tenhamos affeito, elle será para a nossa vista como um outro grupo qualquer.

O que se deve considerar é que a adopção desse grupo nos traz duas vantagens reaes:

(1) GUARDIAET WIERZEYSKI *Grammaire de la Langue Latine* Paris, 1876, pag. 22.

(2) DOMENICO PEZZI, *Grammatica Storico Comparativa della Lingua Latina*, Roma, Torino, Firenze, 1872, pag. 89, nota.

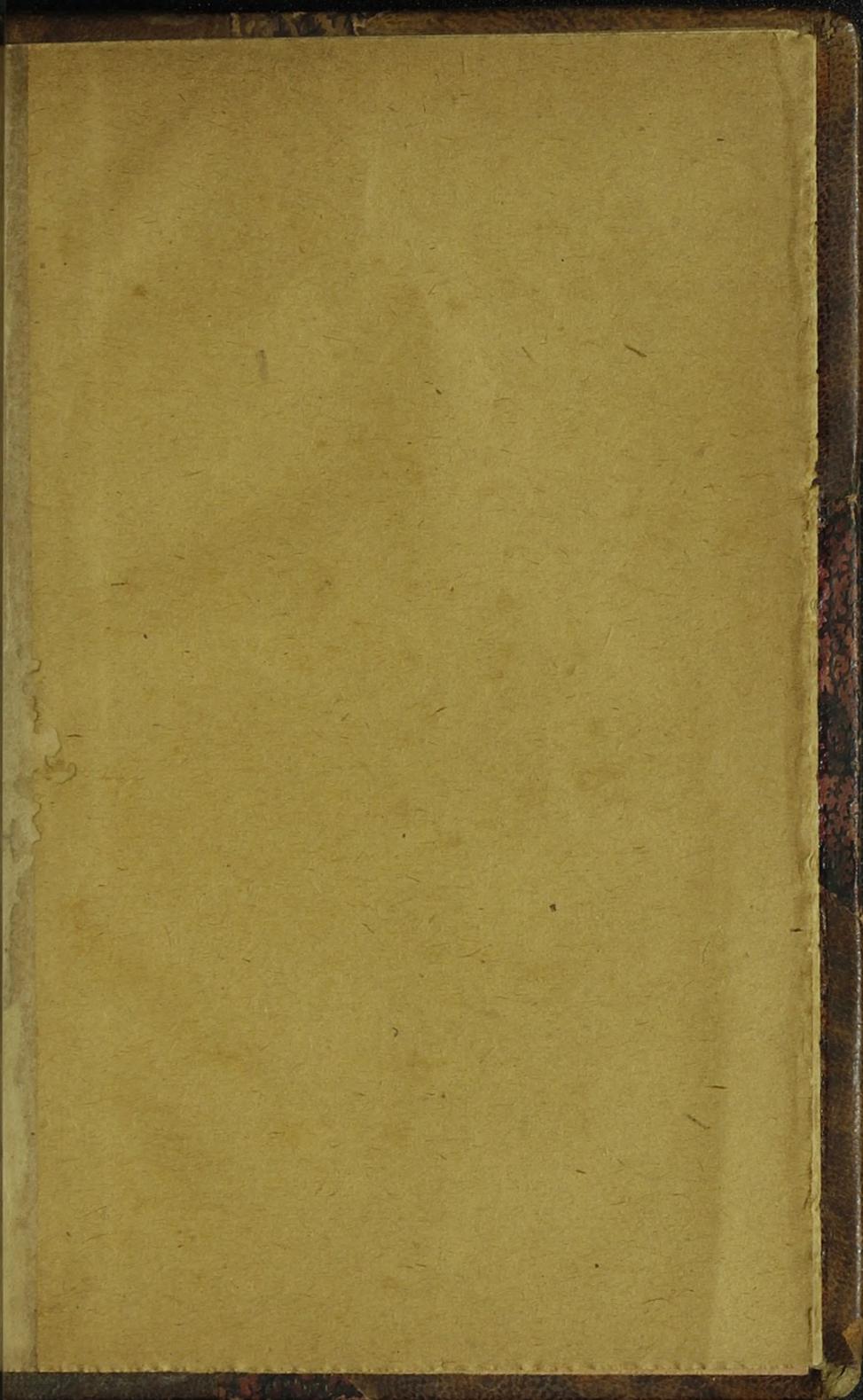
(3) IDEM, *Ibidem*.

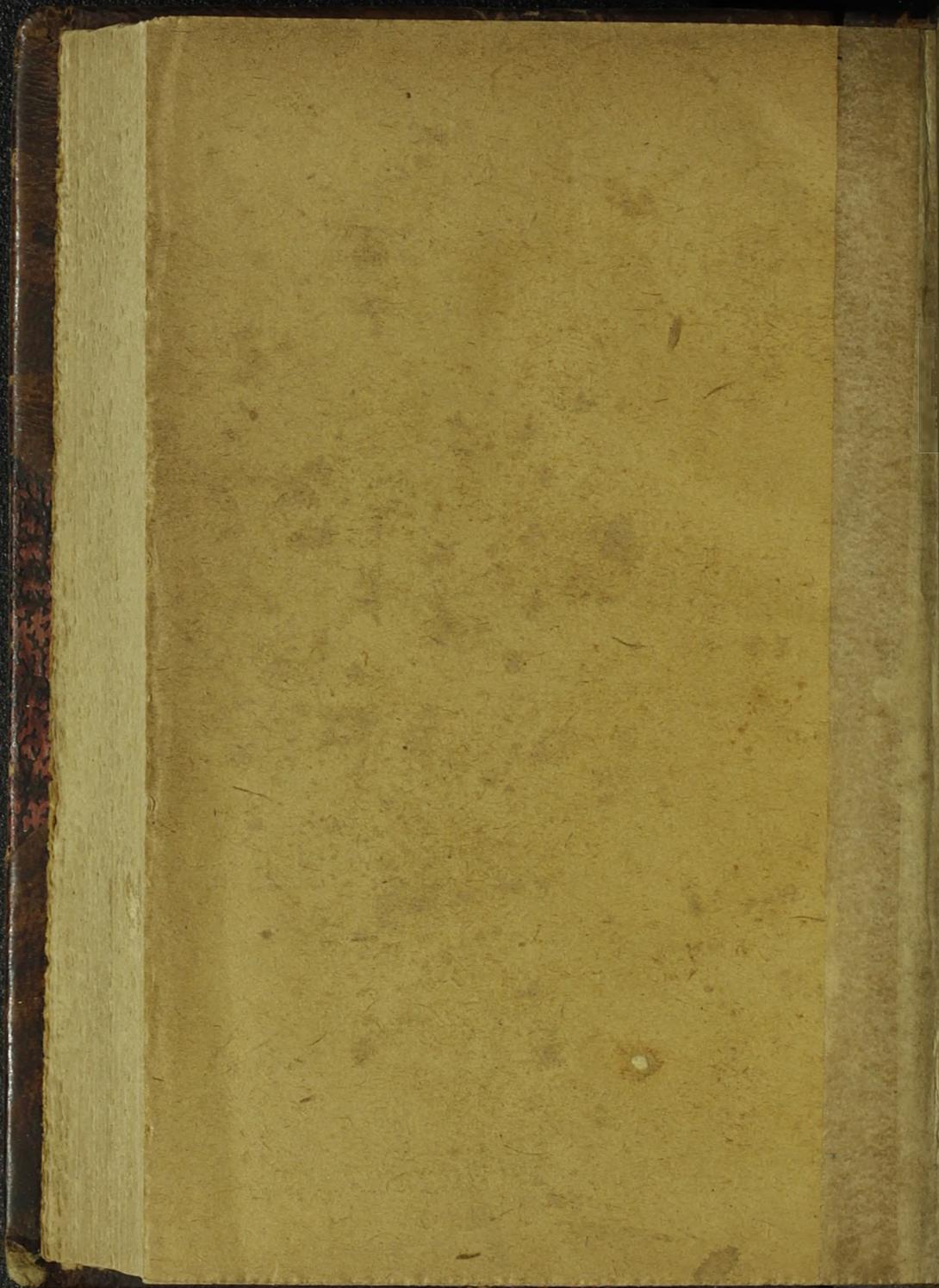
1.^a

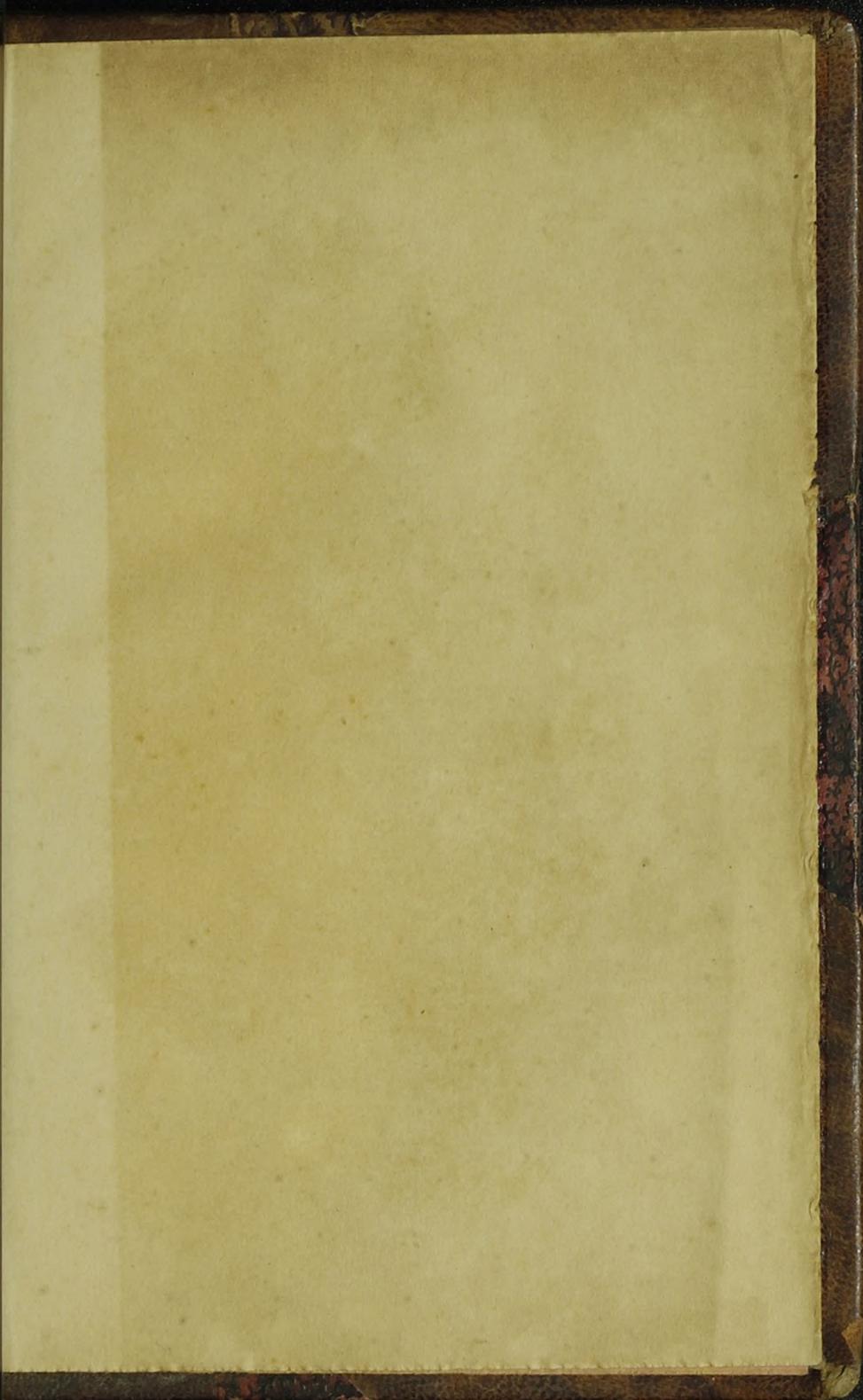
Poupar-nos a erros vergonhosos de pronuncia quando encontremos escriptas palavras que não conheçamos, ex.: «*archote*, *arkhonte*; *chóro*, *khoró*.

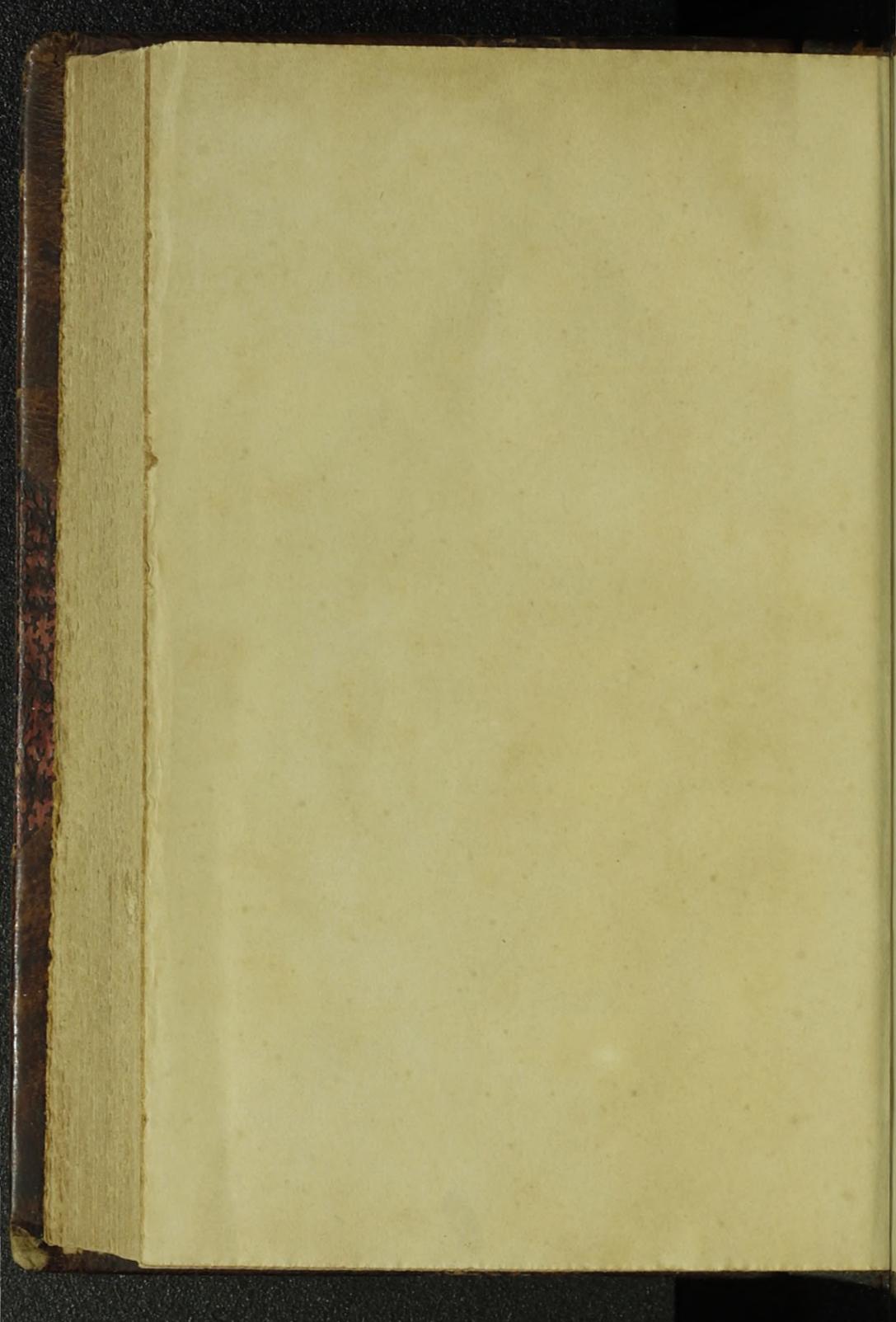
2.^a

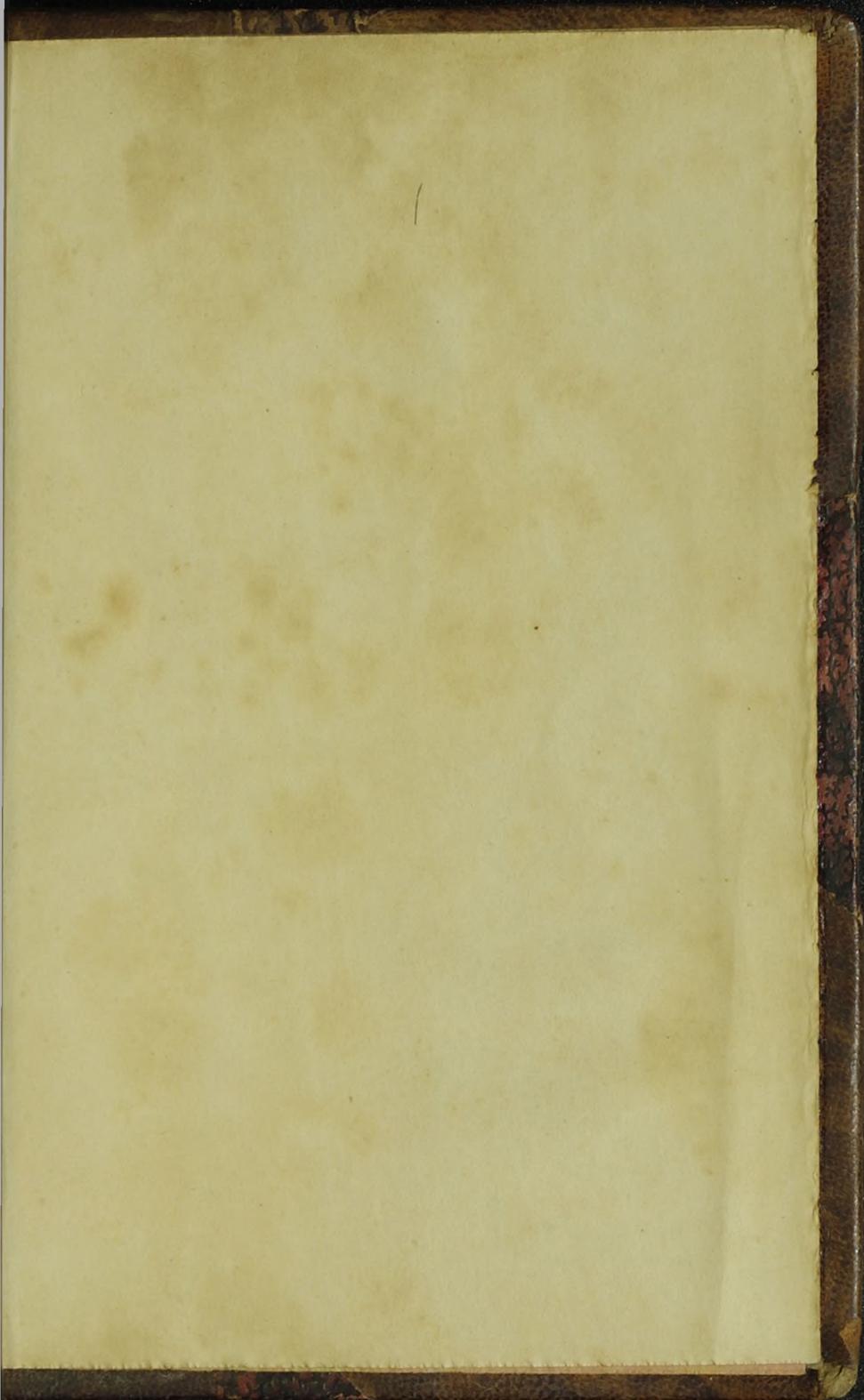
Habituar-nos a reconhecer a filiação da palavra ao primeiro relance, ex.: «*archote* de *arseda* (baixo Latim por *arsa taeda*), *arkhonte* de ἄρχωντος; *choro* de *ploro*, *khoró* de κήρος.











ENCADERNAÇÃO
E DOURAÇÃO
ERNANI MASUCCI & C.
RUA CONSOLAÇÃO, 49
TEL. 4-5612 - S. PAULO

